



Catherine Gaskin

SARA DANE



Capítulo 1

«Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Senhor..."

Eram 12 horas de um dia de Junho de 1792. A multidão que enchia o convés do Georgette ouvia o comandante recitar as palavras da cerimónia fúnebre. O navio da Companhia das Índias Orientais saía há dez dias do Rio de Janeiro a caminho da Cidade do Cabo. Ao sair dessa cidade, viraria para sul, em direcção ao Antártico, e depois para leste, seguindo uma rota que muito poucos navios antes dele tinham seguido. O seu destino era a colónia, estabelecida quatro anos antes, na costa de Port Jackson, na Nova Gales do Sul. Ainda quase não era conhecida pelo seu nome: Sydney. O nome que ecoava nas salas de tribunal e prisões de Inglaterra era Botany Bay: a temida colónia penal da qual era impossível escapar. O Georgette era um navio de transporte de condenados.

Os elementos da tripulação encontravam-se todos alinhados no convés. Descalços e sujos, tentavam ostentar uma expressão solene, mas nos seus rostos havia indiferença, pois a identidade da trouxa de lona cosida não lhes dizia nada.

Os oficiais e os aspirantes encontravam-se numa fila por detrás do comandante. Os olhares estavam quase todos fixos no horizonte, que balançava regularmente com o movimento do barco. As palavras da cerimónia caíam em ouvidos desatentos; já tinham sido ouvidas vezes sem conta.

Por detrás dos oficiais, encontravam-se um homem e uma mulher com os seus dois filhos. Era o corpo da empregada deles que ali jazia.

Os condenados e os seus guardas armados formavam um grupo à parte no convés. Havia duzentos e sete condenados a bordo do Georgette. Formavam uma massa desigual de carga humana e encontravam-se normalmente alojados na escuridão do porão. Pestanejavam constantemente sob a claridade intensa, dado que há várias semanas que não olhavam para quase mais nada do que para as anteparas, escurecidas pelos anos e pela humidade. Eram homens e mulheres com um aspecto selvagem; o cabelo comprido, emaranhado com porcaria, caído sobre os sobrolhos franzidos, e o esvoaçar das suas roupas esfarrapadas faziam que parecessem espantalhos. Apoiavam-se ora num pé, ora noutro, saboreando o alívio de esticarem as pernas e de encherem os pulmões de ar puro.

Entregamos portanto o seu corpo à profundidade

Todos estenderam o pescoço quando a trouxa de lona deslizou através de uma das portinholas abertas e caiu ruidosamente no mar. Ouviu-se um grito abafado entre os condenados, e uma criança tapou repentinamente o rosto com as mãos encardidas. Ninguém lhe ligou nenhuma, a não ser uma mulher que se encontrava atrás dela, que lhe deu uma palmadinha semiafectuosa no ombro.

O comandante recitou finalmente as últimas palavras da cerimónia. Sentiu-se uma certa tensão entre os condenados ao formarem a fila para ir novamente lá para baixo.

Andrew Maclay, o segundo oficial do Georgette, observava-os. "Um bando de

miseráveis", pensou ele, "alguns têm muita sorte em terem escapado à força." Sussurravam enquanto se iam agrupando em torno da escotilha, e um guarda ordenou-lhes que se calassem. Andrew voltou-se e preparava-se para se dirigir aos camarotes, mas foi detido pela voz de uma mulher que se elevava de entre os condenados.

- Cuidado, veja lá o que está a fazer. Assim, a criança ainda desce as escadas de cabeça!

- Tem mas é cuidado com a língua, sua... - A frase terminou com um chorrilho de insultos.

Andrew deu rapidamente meia volta, e as pessoas agrupadas em torno da escotilha afastaram-se quando ele se aproximou. O guarda apontou com o polegar para trás, para a mulher que gritara.

- Está a causar problemas, sir - informou ele.

A mulher pousara a mão no braço da criança cujos soluços tinham irrompido durante a cerimónia fúnebre. Pôs-se muito direita, olhando do guarda da Marinha para Andrew, e em seguida explodiu:

- Viu o que aconteceu. Ele - apontou para o guarda - quase que a atirou lá para baixo.

O guarda fez um movimento agressivo com o mosquete na direcção da mulher. Os condenados aproximaram-se, esperando ansiosamente que Andrew desse a ordem para a castigar. Andrew ficou enojado com os rostos avidamente atentos, que não mostravam qualquer sinal de compaixão nem pela companheira nem pela criança.

- Basta! Calem-se... os dois! - Depois, dirigiu-se à mulher. - Vai imediatamente lá para baixo!

Ela olhou para ele durante instantes, depois apressou a criança a descer a escada da escotilha. O guarda começou novamente a apressar os condenados a avançarem.

Andrew dirigiu-se ao seu camarote. O incidente não passara de uma pequeníssima questão disciplinar, no entanto a cena não lhe saía do pensamento. O modo como a jovem se lançara em defesa da criança revelava um espírito determinado. Tentou lembrar-se da fisionomia dela, mas apenas conseguia recordar com nitidez o brilho irado de uns olhos extraordinários.

Parou com a mão estendida para a maçaneta da porta do salão dos oficiais, lembrando-se, chocado, de que a voz dela era a voz de uma mulher culta.

ANDREW aceitara o convite do comandante Marshall para jantar com ele depois do serviço fúnebre, uma variante da rotina que vinha compensar uma semana monótona no salão dos oficiais. Eram seis comensais: o comandante; Harding e Wilder, o primeiro e terceiro oficiais; Brooks, o cirurgião; James Ryder, um passageiro, e Maclay. Ryder era um próspero agricultor de East Anglia, bastante culto, que decidira agora, por qualquer razão inexplicável, instalar-se na Nova Gales do Sul. A sua bonita e frágil mulher também fora convidada para o jantar, mas ficara cansada com a cerimónia no convés e recolhera ao camarote.

A tarde ia a meio e a refeição ainda não terminara. Tinham comido bem; o vinho da Madeira era bom e abundante.

Brooks, o cirurgião, dirigiu-se a Ryder:

- Receio que a morte da criada venha causar grande transtorno à sua esposa, sir.

Ryder fez um aceno de cabeça afirmativo.

-Receio bem que sim. - Depois, olhou para o comandante e indagou: - Comandante Marshall, a minha mulher desejava saber se se encontra alguma mulher chamada Sara Dane entre os condenados.

O comandante olhou para o primeiro oficial.

- Mr. Harding, o nome diz-lhe alguma coisa?

- Estão sessenta e sete condenadas a bordo do navio, sir. Não consigo de momento ter presente se essa mulher se encontra ou não entre elas. - Harding voltou-se para Ryder. - Tem algum interesse especial nessa mulher?

- A minha mulher, como sabe, é má marinheira. Tem que se retirar tantas vezes para o camarote que não sei o que será dos meus filhos agora com o falecimento de Martha Barratt.

Brooks interveio num tom frio.

- Está a pensar nessa condenada para tomar conta de Ellen e Charles? Não a conhece, pois não?

- Só de ouvir falar - respondeu Ryder. - Antes de embarcarmos em Portsmouth, a minha mulher recebeu uma carta de uma amiga que vive em Rye. A senhora falava de uma Sara Dane que tinha sido empregada da família de um pároco de lá... e que fora condenada à deportação há cerca de um ano. A minha mulher tem esperanças de que esta jovem se encontre a bordo. Se assim for, como tem prática de serviço doméstico, pode provavelmente ajudá-la muito durante o resto da viagem.

Brooks voltou a intervir:

- Condenada há um ano, diz o senhor? Então, ficarei muito surpreendido se ainda não tiver morrido. As prisões são imundas, têm trinta ou quarenta prisioneiros numa cela em que mal cabem dez. Quando surge a febre tifóide, os pobres-diabos morrem que nem tordos.

Ninguém disse nada nos minutos que se seguiram; o calor, a refeição pesada e o vinho abundante não eram propícios a grandes conversas. Depois, Wilder, o terceiro oficial, mexeu-se e, com um erguer de sobrancelhas de indiferença, indagou:

- Mr. Ryder, considera mesmo uma boa ideia pôr uma criatura dessas a tomar conta da sua mulher e dos seus filhos?

Ryder passou imediatamente à defensiva.

- Estou convencido de que é uma ideia válida, Mr. Wilder.

- Mas estas mulheres são criminosas, sir - murmurou Wilder.

- Os empregados que o governador Phillip porá à minha disposição na Nova Gales do Sul também o serão - respondeu Ryder. - Entretanto, a minha mulher precisa de alguém que tome conta das crianças. Comandante Marshall, autoriza-me a indagar se essa mulher está a bordo?

- Oh, é claro, Mr. Ryder - respondeu o comandante, já meio embriagado, sem quase afastar o copo de vinho dos lábios.

Então, Andrew comentou, bem-humorado:

- Pode ser que venha a ficar satisfeito com a rapariga, Mr. Ryder. Nem todos eles são criminosos desesperados, sabe. Temos caçadores furtivos e pregadores dissidentes lá em baixo no porão. Eu não chamaria criminoso a um homem só porque prega outro modo de culto ou porque rouba uma galinhola ou duas.

- Mas que imprudência, Mr. Maclay! - comentou Harding com um sorriso. - O que importa um pregador bizarro aqui e ali? Então, pense em centenas de pregadores e em milhares de caçadores furtivos, e a coisa já muda de figura. Se essas pessoas não fossem castigadas, iriam pensar que eram tão boas como os seus amos. Foi esse sentimento que provocou a Revolução Francesa.

Ryder acenou em concordância.

- Por vezes, as leis são severas para com os pobres, mas eles têm que aprender que não podem infringir a lei esperando não terem castigo.

- Não acha, Mr. Ryder, que as leis que permitem cercar terrenos comuns, obrigando os camponeses a abandonarem a terra e a irem trabalhar para as fábricas, são as verdadeiras culpadas da situação? Muitos deles que viviam felizes e contentes aqui há uns tempos já não conseguem ganhar a vida. Por isso, roubam e caçam furtivamente - disse Andrew, pensativo.

Harding deu uma gargalhada.

- Você fala como um deputado reformista, Maclay!

Ouviram-se algumas gargalhadas, mas Andrew respondeu cordialmente:

- Só me torno reformista quando bebo bom vinho, meus senhores.

- Bom - disse Wilder, arrastando as palavras -, não se pode realmente esperar muito do ponto de vista político, nem reformista, de um agricultor escocês transformado em marinheiro.

Andrew, não se sentindo minimamente desconcertado, voltou-se para ele.

- Mas isso não impede que eu tenha alguma razão ao dizer que nem todos os homens entre os condenados são criminosos e nem todas as mulheres são prostitutas. Creio que, se Mrs. Ryder estiver disposta a correr o risco com uma das mulheres, é provável que descubra alguém que lhe sirva.

O comandante Marshall olhou para os oficiais à sua volta, sorrindo ligeiramente.

- Bom, Mr. Maclay parece estar determinado a defender os condenados. Nesse caso, acho que é a pessoa mais indicada para descobrir se essa tal mulher, Sara Dane, está ou não a bordo. E, caso não esteja, tenho a certeza de que o melhor será confiar-lhe a escolha de outra mulher.

Andrew corou. A tarefa de ir procurar a mulher naquele buraco fedorento no porão era ingrata. Os oficiais da Companhia das Índias Orientais geralmente consideravam abaixo da sua dignidade aceitarem o contrato do transporte de condenados até Botany Bay. Andrew Maclay por vezes interrogava-se se alguma vez voltaria a ser transferido para um percurso regular.

PASSOU-SE uma hora até Andrew mandar um dos aspirantes buscar o livro encadernado a couro que continha a lista das condenadas a bordo. Estava ocupado no salão dos oficiais, com mapas e papéis espalhados em cima da mesa à sua frente, mas a ordem do comandante não podia esperar mais.

Os outros dois ocupantes do salão, Brooks e Wilder, aproximaram-se da mesa. Quando Andrew abriu o livro com relutância, Wilder disse indolentemente:

- Não consigo perceber porque é que o Ryder quer ir para lá. Quanto a levar a mulher... Ela é uma mulher muito bonita, como vocês sabem, e o imbecil propõe-se instalá-la no meio de um bando de selvagens.

- Ryder vai provavelmente fazer uma fortuna para ela na Nova Gales do Sul - observou Brooks.

- Uma fortuna, diz ele - Wilder tocou levemente em Andrew. - O que é que se pode ganhar numa colónia penal? Não possui quaisquer vantagens comerciais, como a China e a Índia. Nem sequer existiria se a guerra com a América não tivesse impedido o Governo de continuar a mandar para lá os condenados. Pelo que ouvi dizer, Botany Bay não é mais do que um aglomerado de cabanas... nunca passará de um depósito para o excedente das prisões.

As sobranceiras de Brooks foram-se erguendo à medida que Wilder falava.

- A sua opinião é interessante, Mr. Wilder - disse ele. - A minha é diferente. - Brooks, na qualidade de médico, viajara até Port Jackson com a segunda leva de condenados. Era um homem calmo e quase nunca falava das suas viagens anteriores. - Não se parece nada com os outros sítios onde já estive - acrescentou, quase como se estivesse a falar com os seus botões. - Tudo aquilo é um mistério... desolado mas alucinante.

O capitão Cook fez pela primeira vez o mapa da costa leste

- vinte e dois anos. Só atracou uma vez em Botany Bay. Mas quando se trouxe a primeira leva de condenados, o governador Phillip considerou que era impossível estabelecer uma colónia naquela baía. Levou a sua frota para a baía de Port Jackson, umas poucas de milhas mais acima. Que belo porto! Atracou e instalou-se num sítio a que chamou Sydney Cove.

- E de onde é que tirou a ideia de que Ryder vai conseguir fazer fortuna? - perguntou Wilder.

- Porque eu concordo com o governador Phillip - explicou Brooks. - Ele tem grandes planos para a sua colónia penal.

- A terra é fértil? - indagou Andrew.

Brooks hesitou.

- Por enquanto, quase não extraem nada dela, por isso estão perpetuamente em vias de morrer à fome. Dependem da Inglaterra para mantimentos, e os condenados morrem às dúzias porque, se os barcos se atrasam, não têm rações suficientes para sobreviverem. Mas Phillip acha que a terra virá a produzir quando aprenderem a lidar com o solo e o clima. Por enquanto, parece que não há um único homem entre eles que seja realmente um agricultor-experiente, e os condenados não se preocupam com o futuro do país. É por isso que eu acho que Ryder tem lá uma fortuna à espera dele: tem

conhecimentos e dinheiro para ir em frente - concluiu ele gravemente.

Andrew voltou a concentrar-se no livro e folheou-o impacientemente.

- Sara Dane... Como é que se consegue distingui-las umas das outras? Nem sequer sabemos que crimes cometeram. O Governo mandou esta gente para os confins do Mundo sem papéis de espécie nenhuma.

- Talvez estejamos a entregar a delicada Mrs. Ryder nas mãos de uma assassina - riu-se Wilder.

- Aqui está ela - disse Andrew. - Sara Dane... e não lhe foi imputado nenhum castigo!

- Bom, lá vai você, Maclay - disse Wilder de bom-humor. - Desejo-lhe felicidades.

ANDREW mandou chamar um sargento dos fuzileiros para o acompanhar e desceu a escada da escotilha, tentando preparar-se para a desagradável tarefa. O serviço prestado na Marinha tinha-o endurecido contra os escrúpulos, mas aquilo era diferente. Tratava-se de carga humana transportada em piores condições do que o gado que ia a bordo; na realidade, o gado era tratado como algo valioso, enquanto com a morte de um condenado ninguém se importava. Nunca ouvira uma única palavra de comiseração para com os prisioneiros da boca dos oficiais. Só ele se importava com eles; tinha a sensação de que havia algo no sofrimento deles que o afectava pessoalmente.

Do porão onde se encontravam os prisioneiros chegou-lhe uma confusão de vozes - as das mulheres distintas e agudas acima dos tons mais graves dos homens. Sentiu como que uma vontade desesperada de voltar para trás e subir novamente as escadas da escotilha.

Detestava a luta pela sobrevivência que se desenrolava entre aquela gente; já vira exactamente aquilo nas casas em ruínas das vielas de Londres e Edimburgo. O seu pai, um advogado escocês bem-sucedido nos tribunais ingleses, vivera apenas o tempo suficiente para levar o filho a odiar o direito como profissão e o tipo de coragem despreocupada que lhe permitia apostar a vida num jogo de cartas. Andrew apenas se lembrava vagamente do seu pai jogador; fora criado pelo irmão da mãe, que possuía uma pequena propriedade perto de Edimburgo. A única disciplina que Andrew conhecera na vida fora na Marinha e depois disso apenas as regras mais brandas da Companhia das Índias Orientais. Crescera com horror às cidades cheias de pessoas e a tudo que ameaçasse agrilhoar a sua liberdade. Ficava por vezes enjoado ao pensar na escuridão dos alojamentos dos presos no Georgette.

Ali em baixo, a primeira coisa que sempre se sentia era o cheiro nauseabundo: o cheiro de corpos sujos, de comida rançosa e de água verde e espessa com coisas que se mexiam. Os alojamentos dos prisioneiros, nos quais homens e mulheres estavam separados, haviam sido improvisados com um tabique a toda a largura do navio, com aberturas para os mosquetes dos guardas. Andrew avançou relutantemente pela escuridão quase total. Dois dos guardas estavam curvados com os rostos encostados aos buracos, mas quando o ouviram aproximar-se, puseram-se em sentido. Um deles exibiu as chaves da pesada porta. Uma confusão de gritos e de sons de luta chegou até eles

através de uma grade.

Andrew fez um gesto irritado.

- Despache-se, homem! Que diabo se está a passar ali dentro?

O guarda atrapalhou-se com as fechaduras.

- Uma luta qualquer, sir. Passam a vida nisto.

- E porque é que não tentou impedi-la?

O homem olhou espantado para Andrew.

- Não me agradaria nada lá entrar, sir. Elas desfaziam-me!

Andrew empurrou-o para o lado, abriu violentamente a porta e entrou. O sargento seguiu-o com relutância. Na semiescuridão, conseguiram distinguir uma massa de mulheres deitadas, sentadas e de pé. O barulho era ensurdecador, e no meio da multidão estavam quatro mulheres a rolar no chão, lutando furiosamente, enquanto as outras as observavam com um interesse malévolo. O combate era desesperadamente desigual; Andrew conseguiu perceber que uma das mulheres, que se encontrava completamente debaixo dos corpos das outras e mal se via, lutava sozinha.

- Silêncio! - gritou ele.

As mulheres que rolavam no chão nem sequer repararam nele, mas as outras deram pela sua presença e os gritos acabaram. De repente, uma das lutadoras olhou em volta, fixou o olhar nele durante um segundo e fez-lhe um sorriso desdentado.

- Vejam só, minhas lindas, o jovem e bonito oficial veio visitar a gente. Tragam as chávenas.

O comentário foi acolhido com gargalhadas estridentes.

Andrew corou.

- Silêncio! - voltou ele a gritar. - O que vem a ser isto?

Os últimos murmúrios esmoreceram. Olhavam-no fixamente, parecendo conscientes de que estavam em vantagem numérica. Ele observava o movimento dos andrajos quando elas se mexiam, com as mãos gretadas e nojentas agarradas aos vestidos que já quase não se podiam considerar decentes. Os rostos, sob a camada de gordura e porcaria, não se distinguiam uns dos outros. E os olhos eram todos semelhantes: atentos, astutos. Até as que estavam deitadas doentes tinham levantado as cabeças para o verem melhor. As três ao centro foram libertando gradualmente a vítima, que se sentou agarrada à cabeça.

- Todas vocês sabem qual o castigo aplicado por andarem à luta - disse ele, fitando as culpadas. Fez um gesto na direcção daquela que imaginava ser a chefe. - Creio lembrar-me de que já foste castigada. Não será altura de aprenderes a obedecer às ordens?

- Sim, meu amor, mas eu já sou uma burra velha demais para aprender línguas - respondeu-lhe ela com outro sorriso.

No meio das gargalhadas que se seguiram, ele voltou-se para o sargento.

- Quero que dê os nomes destas mulheres a Mr. Harding.

- Com certeza, sir!

Acalmaram novamente ao ouvirem as suas palavras. Tinham-se mostrado hilariantes e insolentes; agora pareciam hostis. Mas se adivinhassem por um segundo

que sentia compaixão por elas, sempre que ele ali aparecesse daria azo a manifestações de chiste e insubordinação. Então, ele perguntou num tom firme:

- Há alguém aqui chamado Sara Dane?

A vítima das três atacantes levantou a cabeça.

- Sara Dane sou eu.

Pôs-se de joelhos com esforço, levantou-se e começou a abrir caminho por entre a multidão em direcção a Andrew, tropeçando num corpo prostrado pelo caminho. Isto provocou uma tal torrente de blasfémias como ele jamais ouvira, nem mesmo na Marinha. Mas a mulher que avançava na sua direcção parecia indiferente aos insultos.

Era alta: tinha que baixar a cabeça para evitar bater nas traves baixas do tecto. Na escuridão que os rodeava, ele não conseguiu distinguir os seus traços, mas reconheceu imediatamente a voz: era a mesma que ouvira levantar-se para protestar contra a maneira como estavam a tratar a criança depois da cerimónia fúnebre - a voz que o surpreendera.

- E como é que te viste envolvida neste tumulto? - perguntou ele rispidamente. - Devias ser açoitada por seres desordeira.

- Desordeira? - Afastou o cabelo do rosto para o encarar de frente. - Chama-me desordeira por ter lutado por aquilo que é meu?

- O que é que elas estavam a tentar tirar-te?

- Isto! - Ela acenou-lhe em frente do rosto com um lenço sujo atado nas pontas. - As minhas rações!

Andrew sabia que os condenados viviam principalmente de carne de porco salgada e biscoitos para marinheiros infestados de gorgulho. Brooks, que trabalhava diariamente entre eles, dissera-lhe que as rações não eram nem de longe suficientes para os manter saudáveis, havia sempre o perigo de um surto de escorbuto. E onde havia fome, os brigões tiravam o que podiam à força.

Voltou-se para o círculo de rostos.

- Se isto volta a acontecer, farei que sejam todas castigadas. Todas! Ouviram? - Depois, voltou-se novamente para Sara Dane. - Vem comigo.

Quando chegaram ao convés superior, a mulher cambaleou um pouco, como se o ar doce e a luz do Sol fossem um choque para ela. Ele quase que ia estendendo uma mão para a ajudar, depois, olhando para o sargento, deixou cair a mão desajeitadamente. Ela examinou o convés com um ar natural e uma compostura que contrastavam tristemente com os seus farrapos.

Era mais nova do que ele imaginara, esbelta e erecta, sem rugas no pescoço nem no rosto, embora apresentassem ambas marcas cinzentas de sujidade entranhada. O cabelo, caído do carrapito tosco, era liso. Trazia um vestido esfarrapado muitos números acima do dela, mas envergava-o com um ar de grandeza empobrecida.

A seguir, ela levantou os olhos: eram azul-esverdeados, quase da cor do mar, pensou ele. Estavam com uma expressão inquiridora.

- O ar aqui é fresco, Sr. Tenente - disse ela.

- Fresco...? - Arrependeu-se logo de lhe ter respondido. Era impertinência da parte dela dirigir-lhe a palavra e devia tê-la posto logo na ordem. Mas com aqueles

olhos fixos nele, por instantes perdera a cabeça. Em seguida, lembrando-se do sargento, mandou-o embora.

- Talvez não repare - dizia ela. - Mas quando se passa tanto tempo lá em baixo como eu

- Cala-te! - Desviou-se dela e fez-lhe sinal para o seguir até aos camarotes dos passageiros.

Ela teve de correr para o acompanhar.

- Porque é que não posso falar consigo, Sr. Tenente? Não há aqui ninguém que nos ouça. Já há muito tempo que não falo com ninguém como o senhor. Lá em baixo - apontou para o convés - não falam o inglês correcto.

Ele fitou-a com uma expressão zangada.

- A culpa é tua. Não se manda ninguém para Botany Bay sem uma boa razão!

.....

- Cala-te!

- Sim, Sr. Tenente. - Esboçou uma vénia, e ele suspeitou de que ela sorria quando baixou a cabeça.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Capítulo Dois

SARA DANE nascera numa pensão londrina há dezoito anos. Amara o pai, Sebastian Dane, com uma paixão cega e existira um forte companheirismo entre eles. Sempre considerara o seu rosto magro e escuro, com as rugas de devassidão e fraqueza, mais belo do que qualquer outro. Ele possuía uma alegria que impelia as pessoas a gostarem dele e as senhorias a esquecerem-se de que não pagara a renda. As únicas alturas em que Sara tivera medo dele foram nos períodos de embriaguez, mas isso não era frequente.

Era filho de um pároco e não hesitava em tirar partido do facto de o pai ser o filho mais novo de um baronete. Educado em Oxford e fluente em francês e italiano, não era no entanto capaz de ganhar a vida. O nome, por vezes, servia-lhe de garantia para lhe emprestarem dinheiro, embora soubesse que não havia a menor esperança de nem o pai nem o avô lhe pagarem as dívidas.

Um dia, escreveu ao pai a dizer que se casara com uma mulher que disse ser actriz. O pai veio até Londres com o seu ar severo e descobriu-os no sítio onde moravam.

- Isto é uma vergonha, Sebastian - vociferou ele. - Ela tem aspecto de pega. É uma mulher sem... maneiras de espécie nenhuma.

No final do penoso encontro, ofereceu-se para levar Sebastian de volta para casa, no Somerset. A noiva teria de ficar onde estava. Sebastian salientou que a sua mulher estava grávida e que abandoná-la era algo que o pai nem sequer lhe deveria pedir.

Foi o último contacto que teve com a família.

Sara tinha apenas uma recordação vaga da mãe: uma mulher alta, de peito avantajado, cabelo dourado e uma beleza ousada; nunca acreditara na história de Sebastian de que a sua mãe morrera com uma febre, parecia-lhe mais provável que tivesse fugido com um dos homens que conhecera nas tabernas ou nos teatros.

Durante a infância de Sara, Sebastian trabalhou como preceptor particular em variadíssimos sítios. Vivia em condições precárias. Por vezes, gozavam de um conforto modesto, com momentos de extravagância. Outras vezes, não tinham sequer dinheiro para uma refeição. Sebastian tratava Sara como se já fosse mulher. Aprendeu a ler logo que soube falar e absorveu fragmentos da sua sabedoria. Aprendeu igualmente a regatear com os lojistas e a evitar os credores.

Quando tinha onze anos, foi trabalhar para uma modista muito em voga em Londres. Uma das suas tarefas consistia em entregar encomendas nas grandes casas da cidade. Esta tarefa era-lhe frequentemente confiada porque era esperta e sabia ler e escrever. Por vezes, deixavam-na assistir a uma prova, durante a qual escutava atentamente os mexericos dos bailes, festas e escândalos e os boatos da corte de Jorge III. Foi assim que adquiriu um vago conhecimento do mundo para além do seu. Os seus dedos fascinados tocavam nos cortinados de veludo e nos tapetes macios; os grandes espelhos reflectiram a primeira imagem completa de si própria que jamais vira.

Durou um ano. Decorrido esse ano, Sebastian evitou ser preso por dívidas apanhando a primeira diligência que encontrou para sair de Londres, com Sara a seu

lado. Essa diligência levou-os até Rye, no Sussex Quando conseguiram encontrar um sítio para ficar, já Sara espalhara a história de que se tinham mudado devido a problemas de saúde do pai. Ele encontrou uma vida fácil em Rye; as colocações como preceptor não tardaram a aparecer quando mencionou o nome do avô.

A mudança afectou muito Sara. Decidiu que, dali em diante, Sebastian deveria ser um homem respeitável e não poderia obrigá-los a mudarem-se outra vez. Alugaram uma casa pequena, e vivendo sozinha com ele, Sara conseguia esconder que o pai se embriagava.

Quando já estavam há um ano em Rye, Sebastian foi contratado pelo reverendo Thomas Barwell para preceptor dos seus dois filhos, Richard e William. Sebastian percorria todos os dias, com Sara a seu lado, os três quilómetros até à residência paroquial, em Bramfield, no pântano de Romney, e depois regressava novamente. Aceitara o lugar sob a condição de que Sara partilhasse as lições com os rapazes de manhã, passando o resto do dia a ajudar Mrs. Barwell em trabalhos domésticos ligeiros.

Sara gostava da desolação ventosa daquelas caminhadas. No Inverno, os ventos sopravam violentamente do mar, e quando a chuva os acompanhava, Sebastian punha o braço à volta dela, encostando-a ao seu corpo magro, vestido de preto.

à noite, os habitantes das aldeias e quintas mais afastadas evitavam o pântano sempre que possível. Havia estalagens e quintas com reputações duvidosas espalhadas pelo pântano, e ninguém se metia com os contrabandistas, que chegavam do mar com a escuridão, amortecendo o ruído dos remos, arrastando-se silenciosamente pelos canais acima.

A vida na residência paroquial era bastante agradável. Sara era dois anos mais nova que Richard e um ano mais velha que o irmão dele. A vida dela em Londres nunca lhe dera a possibilidade de conhecer o significado da timidez, e trabalhavam os três calmamente juntos. Mas fora da sala de aulas a atmosfera era diferente. A mulher do pároco não aprovava a presença de Sara em sua casa, e os Danes não almoçavam à mesa com a família.

Também eram excluídos quando chegavam visitas e os dois rapazes eram chamados à sala. Por vezes, assistiam à chegada e partida de Sir Geoffrey Watson, o protector do pároco. Quando vinha acompanhado de Alison, a sua filha, uma criança morena e de rosto meigo, Sara observava-a pela janela da sala de aulas, sentindo uma certa inveja da riqueza dos seus vestidos e do regalo de pele que lhe protegia as mãos.

Por vezes, nos longos crepúsculos da Primavera e do Verão Richard percorria com eles parte do caminho até Rye e gozavam de uma intimidade que não era possível em Bramfield. O pântano era verde, e os juncos nos canais dobravam-se graciosamente ao sabor da brisa. às vezes, Sebastian parecia ter a idade de Richard. Quando estava alegre, Sebastian puxava as longas tranças do cabelo louro de Sara, soltando-as. O vento dava-lhe no cabelo, fazendo-o agitar-se violentamente em frente do rosto. Riam-se da confusão do cabelo dela, mas havia algo mais secreto que o riso nos olhos de Richard. Sara sentia-se gloriosamente feliz na companhia das duas únicas pessoas que amava e pressentia, sem que fossem necessárias palavras, que Richard também a amava.

Foi no dia em que Sara fez dezasseis anos, numa tarde de finais de Verão, que

Sebastian deu o seu anel a Richard. Estavam os três sentados na praia perto de Rye, ouvindo os gritos das gaivotas que rodopiavam no céu. Sebastian pegou na mão esquerda de Richard, colocando-lhe o anel de brasão de ouro no dedo mindinho.

- Quando saíres de Bramfield para ingressares no Exército, as coisas vão mudar - disse ele. - Estou a dar-te isto para te recordares da nossa amizade, de nós três como somos agora.

- Enquanto viver, este anel far-me-á sempre lembrar estes finais de tarde... e vocês dois.

PODERÁ ter sido uma espécie de premonição que levou Sebastian a oferecer o anel a Richard, pois foi o último final de tarde que passaram juntos. Duas noites a seguir, Sebastian viu-se envolvido numa zaragata de taberna. Encontraram-no na manhã seguinte numa viela e morreu ao fim desse mesmo dia. Quando a notícia se espalhou pela cidade, o mundo de Sara desmoronou-se à sua volta. As pessoas foram chegando com contas e dívidas, com histórias dos empréstimos e das mentiras de Sebastian. O funeral foi um funeral de pobre, pois Sara nem sequer tinha uma morada para informar o pai dele da sua morte. O orgulho impediu-a de fazer averiguações sobre a família; deixou que os Barwells e todos os outros interessados acreditassem que o passado de que Sebastian se gabara não passava de mais uma mentira.

No dia a seguir ao funeral de Sebastian, ela fez o balanço. Não havia dinheiro; aquilo que conseguisse obter com a venda dos parques bens que possuíam teria de ser para pagar as dívidas. Duvidava de que sobrasse sequer o suficiente para pagar o bilhete até Londres. E quando chegasse a Londres, o que faria? Voltaria ao salão de costura? Lembrava-se de como era tristemente inútil tentar conseguir fosse o que fosse sem dinheiro, amigos ou influência. Pensar nisso assustou-a o suficiente para ir ter com o único homem que poderia ajudá-la.

Pôs o seu vestido mais bonito, aquele que Sebastian lhe comprara num momento de extravagância -, reparando com pena que a capa em mau estado o tapava quase completamente. Enquanto percorria a distância até à casa de Sir Geoffrey Watson, foi ensaiando o que iria dizer.

Embora o dia ainda estivesse quente, o baronete encontrava-se sentado em frente à lareira. Fez-lhe sinal para que se sentasse num banco baixo em frente dele.

- Contaram-me na residência paroquial o que aconteceu ao teu pai - disse ele. - Suponho que não te deixou dinheiro nenhum

- O meu pai era muito doente, Sir Geoffrey. Era-lhe difícil juntar dinheiro. O baronete riu-se.

- Não há pior que a bebida para dar cabo do dinheiro! - Depois, vendo a expressão dela, suavizou o tom. - Não deves levar isto muito a peito, minha filha. Não há dúvida de que gostavas muito do teu pai... e é assim mesmo que deve ser, mas agora vais ter que aprender a ganhar a vida.

- Foi por causa disso que cá vim falar consigo, sir. - Apertou as mãos com força por baixo da capa e lançou-se de cabeça. - Peço-lhe que me recomende à sua irmã, Lady Linton, para que me contrate para trabalhar na sua casa de Londres quando regressar

da Índia.

- Como é que soubeste da existência de Lady Linton?

- Quando vivia em Londres, eu era aprendiz de modista. Assisti uma vez a uma prova da sua irmã e depois fui entregar o vestido a casa dela.

- Ai sim? Bom, só que eu não sei o que Lady Linton pretende fazer quando regressar. O marido dela morreu na Índia, e ela não me contou os seus planos.

Sara olhou-o com um ar suplicante.

- Eu ser-lhe-ia muito útil. Coso bem e sei fazer as contas da casa. Podia escrever-lhe as cartas.

- És um autêntico modelo de perfeição, não, menina? Bem, suponho que Lady Linton há-de arranjar qualquer coisa para fazeres. Vou pedir-lhe que te contrate. Mas só está previsto ela chegar daqui a seis meses ou mais. Tens de voltar para a residência paroquial até lá.

- Como criada? - O tom de voz foi brusco.

- Pensei que já fazias lá trabalhos domésticos.

- Eu não era criada!

- Então, então! Não é altura para falsos orgulhos.

Ela viu que não tinha saída. Conseguiu esboçar um sorriso, embora o seu coração estivesse revoltado. Mas os seus olhos verdes oblíquos encararam-no de frente quando lhe fez um discurso de agradecimento. Ele ficou encantado.

Antes de Sara sair, deram-lhe de comer; depois, o moço de estrebaria levou-a até Rye na pequena charrete. Durante o caminho até casa, recordou a reputação de que Lady Linton gozava antes de ter partido para a Índia com o marido: uma pessoa generosa, afectuosa e impulsiva. Ao conseguir trabalho em casa dela, Sara iria ao encontro de uma vida fácil e confortável. Poderia tirar muito partido da situação se usasse a inteligência.

Passada uma semana, já Sara se encontrava a trabalhar na residência paroquial. O Outono já chegara, e Richard foi chamado para o serviço militar. Um pouco acanhado na sua nova farda, despediu-se formalmente dela. Ela pensou tristemente que a única coisa que restava do idílio de uma tarde de Verão na praia era o anel de Sebastian na mão esquerda de Richard.

SARA já não tinha acesso à sala de aulas nem à biblioteca da residência paroquial. Dormia num sótão gelado com a cozinheira e Nell, a outra criada. Apenas a promessa do regresso de Richard no Natal tornava suportáveis aquelas semanas vazias.

Mas Richard, quando voltou, vinha mudado. Sara percebeu que ele não sabia como enfrentar o problema da mudança de estatuto dela, por isso evitava a questão evitando-a a ela. Ela compreendeu e perdoou-lhe, pois descobriu que nem ela própria sabia como resolver a situação. Foi no dia de Natal que a segurança que sentia na amizade dele recebeu o primeiro golpe. Ao fim da tarde, Nell levantou-se do seu lugar junto de Sara e da cozinheira, em frente à lareira da cozinha, para responder ao toque da campainha da sala. Voltou passados minutos.

- O pároco deve ter realmente caído nas graças de Sir Geoffrey para este aparecer

cá com Miss Alison no dia de Natal - disse ela.

- Vai haver casamento em breve, tenho a certeza - disse a cozinheira. - Miss Alison gosta muito de Master Richard.

Nell fungou.

- Cá para mim, a rapariga que casar com Master Richard vai precisar de todo o dinheiro que conseguir arranjar... não leva nada dali, a não ser o belo rosto dele. Apesar dos agradáveis modos, não é do tipo de fazer pela vida.

Sara recostou-se na cadeira, com esperança de que a luz fraca das velas não revelasse as suas faces coradas. Precisava de tempo e solidão para se adaptar à ideia de que Richard podia vir a casar com Alison. Levantou-se silenciosamente e dirigiu-se para a porta.

No corredor, sentiu o frio intenso. Subiu as escadas das traseiras até ao piso de cima. Junto ao patamar, era a sala de aulas, que lhe estava interdita, mas que constituía um refúgio seguro, estando a família com Sir Geoffrey e Alison na sala de estar. A sua necessidade de solidão tornara-se repentinamente desesperante.

A porta não se encontrava trancada e lá dentro estava escuro. Encontrou uma vela em cima da cornija da lareira e acendeu-a; a luz trémula iluminou a velha sala, que nada mudara desde os tempos em que Sebastian a dirigia. As correntes de ar faziam a chama da vela oscilar e as sombras saltavam, obedientes. Não era difícil imaginar que se encontrava novamente sentada naquele banco cortido e que Sebastian, Richard e William não tardariam a aparecer.

Embrenhada nos seus pensamentos, não ouviu nada até a porta se abrir. Voltou-se com uma expressão de culpa e deparou com Richard em pessoa na soleira da porta.

-Vi luz-disse ele.

Sara disse com um tom ligeiramente desafiador:

- Não deveria estar aqui. Eu sei.

Richard fechou a porta.

- É preciso falares nesse tom comigo? - perguntou ele. - As coisas mudaram assim tanto? Não continuamos a ser amigos? - Avançou para ela e pegou-lhe no queixo com os dedos. - Cresceste muito nestes últimos meses, pequena Sara.

Ao sentir-se tocada por ele, ficou perturbada.

- Oh, Richard - disse ela. - Porque é que as coisas têm de mudar? Se ao menos pudéssemos voltar a estar aqui. - O seu gesto indicou as secretárias vazias e o chão manchado de tinta.

- És infeliz? - perguntou ele delicadamente.

Quando viu que ela não sabia o que dizer, ele afagou-lhe o cabelo, afastando-lho da testa, como Sebastian poderia ter feito.

- Detesto pensar que és infeliz.

- Então, isso interessa-te? - disse ela com demasiada brusquidão.

- É claro que interessa. Mas Lady Linton não tarda a chegar. Daqui a três meses, estarás em Londres.

- Calculo que é possível sentir a mesma solidão em Londres.

- Lady Linton está sempre a receber visitas. Não te vais aborrecer um só minuto.

- A sua voz era pouco mais de um murmúrio. - E eu estarei suficientemente perto de Londres para lá ir. - Sorriu, um súbito retorno ao espírito de camaradagem que reinara naquela sala.

Ela olhou para o seu rosto bonito, para o cabelo preto encaracolado e para o colarinho teso que o obrigava a ter a cabeça numa posição de ligeira arrogância, que de algum modo parecia natural nele devido àqueles primeiros meses passados no Exército. Ela pensou se o seu rosto agradável e o sorriso fácil não lhe proporcionariam tudo o que queria demasiado facilmente. Era filho de um pároco de aldeia, sem dinheiro nem influência, mas já caíra nas graças dos oficiais superiores, e Sir Geoffrey Watson era um poderoso aliado para qualquer jovem. A chama da vela tremeluziu, lançando sombras sobre o rosto dele. Naquele instante, Sara teve uma visão dele transformando-se num laçao servil dos ricos e influentes.

- Porque estás a olhar assim para mim? perguntou ele. - Não te agrada saber que te irei visitar em Londres? Pensa nisso, Sara! Vou ver todos aqueles sítios com que sonhei sentado nesta sala a fazer multiplicações. - Ele inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios. - Isto foi por toda a beleza que me deste. Voltou a beijá-la.

Era a primeira vez que alguém a beijava daquela maneira, e a sua reacção imediata espantou-a. Abraçaram-se, e Sara percebeu que estava a deixar para trás a sua infância naquele beijo, estava a mudar para sempre a relação entre ela e Richard.

Richard afastou finalmente os lábios dos dela.

- Minha querida - disse ele. - Minha doce Sara.

Ele estava muito encostado a ela, agarrando-a. Naquela atitude, algo a assustou vagamente. Parecia que se agarrava a ela não com amor nem sentimento de posse, mas como se procurasse ajuda e apoio. Caiu finalmente em si. Libertou-se.

- Não, Richard - disse ela com voz rouca. - Tu vais deixar-me para casar com Alison!

Ele empalideceu. O seu rosto assumiu uma expressão de medo: a expressão de uma criança sentindo-se repentinamente insegura.

- O que te faz pensar que eu casaria com Alison?

- A cozinheira e a Nell disseram... - sussurrou ela com ar triste. - Pensei que já estivesse assente.

- E acreditaste nisso sem me teres perguntado?

Voltou a abraçá-la. Foi um movimento suave e confiante, e ela sentiu vontade de encostar a cabeça no ombro dele e chorar toda a tristeza dos últimos meses.

- Minha querida Sara - disse ele. - Eu só penso em ti. Juro-te que nunca sugeri casar com Alison. Não casarei com ninguém a não ser contigo.

Ela ficou tensa nos braços dele.

- Não podes casar comigo... uma criada!

- És a filha do homem que foi o meu melhor amigo. Não queres casar comigo?

- É claro que quero. - Os dedos dela agarraram-no com força.

- Quero-te para mim. Quando for promovido, hei-de poder casar contigo. Esperas por mim?

Ela sentiu-se invadida por uma grande alegria.

- Sim, eu espero - disse. O futuro era incerto, mas desenhava-se ali perante eles. Iriam fazer dele o que pudessem; juntos.

Ele murmurava-lhe ao ouvido:

- Vais pensar numa maneira, não vais? És mais esperta que eu nessas coisas.

Ela escutou-o, chocada: ele parecia estar a implorar que ela fosse forte por ambos. Ele era demasiado fraco para lutar contra os obstáculos; de certo modo, era exactamente como Sebastian. Mas Sara respondeu firmemente:

- Vou descobrir uma maneira de ficarmos os dois juntos.

Impulsivamente, ele tirou o anel que Sebastian lhe dera e pegou na mão dela, enfiando-lho num dos dedos.

- Fica com ele. Quando nos virmos em Londres, reclamo-o.

O olhar dele era terno e possessivo. Sara acenou lentamente a cabeça e ele beijou-a: um beijo muito leve de que ela mal se deu conta. O próprio Richard foi-se embora quase com a mesma rapidez do beijo.

Ela não voltou a falar a sós com Richard até ele partir, mas trocavam sempre um sorriso secreto quando se cruzavam momentaneamente. O facto de estar na posse do anel fazia-a sentir-se segura dele. Os mexericos da cozinha sobre as visitas diárias dele a casa de Alison quase não a perturbavam.

A Primavera chegou finalmente, e Sara esperava ser chamada de Londres. Um dia, Sir Geoffrey deteve-a quando ela correu para lhe abrir a porta, enquanto ele e Mr. Barwell saíam lentamente da sala de estar, onde tinham estado trancados a maior parte da tarde.

- Ora bem - disse ele -, em breve vais-te embora. Lady Linton tenciona abrir a casa de Londres daqui a três semanas. Quando precisar de ti, avisa-me.

Sara fez uma vénia.

- Muito obrigada, Sir Geoffrey.

Ele parou, fitando-a intensamente.

- Essas roupas não servem. Lady Linton gosta que aqueles que a rodeiam se preocupem com a indumentária. Anda cá... - Enfiou a mão na bolsa e tirou três guinéus.

- Toma lá e compra qualquer coisa para vestires. - Enquanto ela lhe agradecia, gaguejando, ele continuou: - A minha filha está desejosa de ir ter com Lady Linton a Londres em breve. Não duvido de que Master Richard lá vá frequentemente. Não te vão faltar caras conhecidas, minha jovem.

O pároco pousou uma mão sobre o braço de Sir Geoffrey.

-Essa... informação é certamente prematura, não, Sir Geoffrey?

- Que disparate! É como se já estivesse tudo decidido. Ou será quando Richard vier novamente a casa. Ele não tem nada contra, e Alison também não.

O Mundo pareceu rodopiar em volta de Sara ao tentar perceber o significado daquelas palavras. Não podia ser verdade! E, no entanto, os dois homens pareciam falar muito a sério.

Sir Geoffrey olhou novamente para ela.

- Calculo que esta jovem não seja mexeriqueira. De qualquer modo, a notícia não

tardará a ser comunicada. Gostaria que casassem no Verão. - Desceu os degraus ao encontro do moço de estrebaria do pároco, que segurava as rédeas do seu cavalo.

Sara correu para o refúgio do sótão e atirou-se para cima do colchão. Ficou chocada com o acesso de choro que a abanava. Além de desapontada, estava furiosa.

Sabia que perdera Richard. Os pais dele e Sir Geoffrey iriam pressioná-lo. Iriam oferecer-lhe riqueza e contactos influentes, e a sua natureza não era de molde a recusar tão fortes atrações. E Alison, com o seu rosto meigo e modos gentis, seria a esposa que qualquer homem desejaria. Os problemas de consciência de Richard seriam genuínos, mas de pouca dura. Pensaria na longa batalha que teria de travar com os preconceitos familiares para poder casar com Sara e diria que o amor deles não resistiria a tal provação. Ela viu com bastante lucidez o seu futuro: as visitas de Richard à casa de Londres, visitas a Alison; os preparativos para o casamento, onde ela desempenharia o papel de criada.

A voz de Nell fê-la despertar.

- Sara, estás aí? A senhora anda à tua procura há uma hora.

O tom áspero de Nell reacendeu a sua sensação de injustiça. Foi o orgulho não subjugado de Sebastian que se transformou em revolta contra aquela indignidade e todas as outras a que seria sujeita antes de acabar o Verão e de Richard e Alison se casarem. Naquele instante, ocorreu-lhe a ideia de fugir. Porque não fugir?

Numa febre de orgulho ferido, levantou-se rapidamente do colchão e tateou o forro até os dedos encontrarem o anel de Sebastian. Ao vê-lo, foi invadida por nova onda de raiva. Colocou-o nas dobras do lenço juntamente com as três moedas de ouro de Sir Geoffrey.

Calçou os seus sapatos mais resistentes e pôs uma capa sobre os ombros. Não encontrou ninguém ao sair apressada; dada a importância da ocasião, sentiu-se chocada pela facilidade com que se saía da residência paroquial sem se ser visto. A escuridão adensava-se quando ela se dirigiu à estrada do canal. Estava sobretudo preocupada em evitar Rye, onde poderia ser reconhecida.

Já percorrera cerca de cinco quilómetros sob um vento cortante quando a chuva começou a cair. As histórias sussurradas do pântano, os crimes cometidos pelos contrabandistas, não lhe saíam da cabeça. Começou a aperceber-se de como estava indefesa e de que a esperava uma noite no pântano sem abrigo. E a cada minuto aproximava-se mais da estalagem que marcava uma encruzilhada, chamada The Angel. A reputação duvidosa daquela encheu-a de medo; depois de a ultrapassar, procuraria um celeiro para se abrigar até ao raiar do Sol.

O vento parou por instantes, e na calmaria ouviram-se cascos de cavalos e rodas lá atrás na estrada. Ficou imóvel, aterrorizada. Um cavalo e uma carroça no pântano à noite? Entrou em pânico só de pensar. A estrada era deserta e não tinha árvores, sendo a noite o único refúgio. O canal ladeava a estrada de um dos lados. Quando o arco oscilante formado pela luz da lanterna da carroça se aproximou, Sara deitou-se ao comprido na margem inclinada, com o rosto colado ao chão.

Viveu momentos de terror e agonia enquanto o cavalo se aproximava. Esperou um grito do condutor, mas não se ouviu nada. A carroça estava mesmo a passar por ela,

depois continuou o seu caminho. A escuridão voltou a cobri-la. Ficou ali deitada, suspirando de alívio. Finalmente, levantou a cabeça com cautela.

Ao fazê-lo, deparou com uma segunda lanterna balouçando a escassos centímetros dos seus olhos. Olhou apavorada para a mão que a segurava e depois ergueu os olhos para a silhueta sombria de um homem. Solto um ruído abafado de espanto e encolheu-se toda. O homem agarrou-lhe num braço e obrigou-a a pôr-se de joelhos. A lanterna aproximou-se do rosto dela.

- Não me toque - gritou ela, tentando libertar-se. Mas o homem segurava-lhe o braço com força.

- O que é que temos aqui? - disse ele baixinho, e depois berrou por cima do ombro: - Daniel! Espera! - Deu-lhe um empurrão para a frente e, sem qualquer esforço, pô-la ao ombro.

Ela gritou, mas sabia que ninguém a ouviria na longa estrada deserta. Bateu ferozmente com os punhos cerrados nas costas do homem, mas ele não ligou nenhuma e correu um pouco para apanhar a carroça. Ela sentia-se tonta e abalada quando ele a pôs de pé ao lado do condutor da carroça.

- Daniel - disse ele. - Já viste o que eu encontrei? Vale bem a pena vir atrás da carroça com uma lanterna. Nunca se sabe o que se encontra.

Sara ofegou de indignação quando o condutor saltou do assento e aproximou a lanterna do rosto dela.

- Uma rapariga! E bem bonita! - Baixou a voz. - Mas, Harry, o que é que vamos fazer com ela agora?

- Cá para mim - disse Harry, arrastando as palavras -, quem se esconde no canal depois do escurecer fica a saber mais do que devia. Daqui a pouco, já vamos descobrir mais qualquer coisa sobre esta aqui.

- E sem dizer mais nada, o jovem atirou Sara para a parte de trás da carroça.

Ela fez uma tentativa desesperada para escapar, mas levou um empurrão e caiu novamente de costas.

- Se não estiveres quieta - disse Harry -, enfio-te uma saca na cabeça. Ouviste?

Sara deixou-se ficar quieta, exausta e cheia de medo, e a carroça avançou à chuva. Quando as rodas pisaram um empedrado e pararam finalmente, ela sentou-se e olhou em volta. Tinham entrado num pátio. Sara viu uma espécie de edifício, mas não tinha luzes.

- Ó de casa! - gritou Harry, dando pancadas na porta.

Passado um bocado, a porta abriu-se e apareceu uma mulher corpulenta, protegendo a chama de uma vela com a mão. Os olhos curiosos de Sara passaram da mulher para uma tabuleta que balouçava ao vento e ela leu as letras desmaiadas: THE ANGEL!

- Vê só, mãe - disse o jovem. - Trouxe-te uma encomenda cheia de surpresas.

Atirou Sara para o chão, empurrando-a à sua frente. A mulher segurou-a bruscamente quando ela tropeçou na soleira da porta. Lá dentro, Sara bateu-lhe ferozmente na mão.

- Larguem-me os dois! Vou processá-los por isto.

A mulher não lhe ligou nenhuma.

- O que é isto, filho? - perguntou ela.

Harry riu-se.

- Uma encomenda que encontrei junto ao canal. - Falava muito baixinho. - Achei que uma rapariga não devia andar por aí a estas horas da noite. E apeteceu-me ter companhia ao jantar.

- És doido - vociferou a mulher.

Ele pousou a lanterna com força na mesa e voltou-se, irado, para a mulher, que se encolhia contra a parede.

- Sou eu quem diz quem deve ou não entrar aqui!

A mulher desapareceu por uma porta que dava para um corredor. Harry voltou-se para Daniel, que entrara atrás deles.

- Vai cuidar da carroça. - Quando Daniel saiu, Harry pegou num castiçal e acendeu a sua meia dúzia de velas. Era muito alto, tinha ombros largos e cabelo louro, emoldurando um rosto jovem que cintilava com a água da chuva.

Sara estava espantada com aquele homem gigante, que, embora tão jovem, parecia mandar na The Angel. Quando ele a puxou para a luz e lhe tirou a capa, ela torceu-se toda, tentando soltar-se, mas ele dominou-a facilmente, como se não passasse de uma criança.

- Como é que te chamas?

- Mary... Bates.

- Muito bem, Marv Bates, porque é que estavas escondida no canal?

Ela corou ao ouvir o tom zombeteiro.

- Não sabia quem lá vinha. O pântano é perigoso à noite.

- Estou a ver que és uma donzela prudente, Mary Bates. Mas o que é que uma donzela prudente anda a fazer no pântano depois de escurecer?

Ela hesitou um momento e depois lançou-se na história que inventara à pressa.

- Estou a trabalhar em Rye e ia a caminho de Appledore. Tenho uma tia que está doente e ela mandou-me chamar.

- Não me mintas - gritou ele, abanando-a violentamente.

- Largue-me - disse ela, ofegante. - Só espero que seja enforcado por causa disto.

Ele deu uma gargalhada estridente. Ela dobrou os dedos para lhe arranhar o rosto, depois parou, petrificada. Ele estava a beijá-la na boca, apertando-a cada vez mais contra si, com a sua força gigantesca, apesar de ela resistir. Embora nunca tivesse sido beijada por nenhum homem além de Richard, percebeu que ele estava habituado a conseguir o que queria das mulheres.

Descontraiu-se abruptamente, deixando que ele a apertasse contra si, enquanto se inclinava ainda mais sobre ela. E com um movimento suave que ele podia tomar por uma carícia, enfiou os dedos sob os caracóis louros, depois agarrou-os e puxou-os com toda a força.

Ele deu um grito de raiva e empurrou-a para trás.

- Meu Deus, eujá te digo! - E bateu-lhe em cheio na cara com as costas da mão.

Ela gritou uma só vez, bem alto, quando ele a agarrou pelos ombros e levantou o

braço para lhe dar outra bofetada. Nesse mesmo instante, quando ele menos esperava, ela agarrou-lhe no cinto com ambas as mãos e levantou o joelho, atingindo-lhe o estômago. Ele ficou sem respiração e cambaleou para trás, quase dobrado em dois. Sara sabia que apenas o abalara um pouco e ficou à espera da investida seguinte.

Mas ele não fez nada, riu-se e disse:

- A miúda tem coragem. Acho que vou gostar de ti, minha linda. Vou a Appledore daqui a um dia ou dois; tu vais comigo. Até lá, ficas por aqui, mas não te vais sentir sozinha com Hany Turner por perto.

- Eu não vou ficar aqui. Não pode obrigar-me

- Ai não? Tu mentiste-me, Marv Bates. Mas eu não tardo a descobrir a verdade. Quem és tu? De onde vens? - Ele inclinou-se para a frente. - Responde-me!

Sara estava hirta. Ele ia continuar a interrogá-la até obter a verdade e depois ficaria a saber que podia mantê-la ali o tempo que quisesse. Se andassem à procura dela, nunca iriam a um sítio tão remoto como a The Angel. Além disso, aquele homem era com certeza o organizador louco e astuto do bando de contrabandistas que se dizia ter aquele local como

ponto de encontro. Não viu vestígios de piedade naqueles olhos brilhantes.

- Responde-me! - gritou ele.

- Eu... - disse ela devagar.

Abruptamente, o homem desviou a atenção dela. Ouvira por cima da ventania o barulho de cascos de cavalo lá fora no empedrado. Deu um salto para a frente e apagou todas as velas, à excepção de uma.

Ouviram bater violentamente na porta e uma voz de homem gritou.

Sara olhou desesperadamente de Harry para a porta. Fosse quem fosse que estava a bater à Porta, não era nenhum dos comparsas dele.

Harry não se mexeu. Via-se que estava indeciso.

Teria ela coragem de pedir ajuda ao desconhecido que estava lá fora ou, pelo menos, fazê-lo notar a sua presença antes que a fizessem desaparecer de vista? Não podia rejeitar pior sorte com o outro homem, quem quer que ele fosse. Correu para a porta. O trinco deslizou facilmente, e com a rajada de vento e a chuva fria ela embateu na sólida forma de um homem.

- Santo Deus! O que vem a ser isto?

O desconhecido levou-a novamente para dentro da sala. A chama tremeluzente da vela estabilizou, e Sara deparou com o rosto atónito de Sir Geoffrey Watson.

SARA foi acusada de ter roubado os três guinéus a Sir Geoffrey e um anel de ouro que pertencia a Richard Barwell. Foi julgada em tribunal nas sessões do trimestre seguinte.

Sabia que uma atitude de arrependimento poderia tê-la salvo; se se tivesse ajoelhado em frente de Sir Geoffrey, se lhe tivesse contado a verdadeira razão por que fugira, ele poderia não ter apresentado as queixas contra ela. Mas não foi capaz de lhe confessar o seu amor por Richard, por isso teve de escutar enquanto ele a descompunha, furioso pela sua extrema ingratidão.

No julgamento, Harry Turner foi depor dizendo que a encontrara, uma desconhecida, a tentar roubar comida da sua cozinha. E não havia apelo contra as provas apresentadas por Sir Geoffrey; ele declarou no tribunal que lhe dera o dinheiro para ela se vestir para ir trabalhar para casa da irmã e que ela fugira com o ouro e o anel de Richard Barwell atados num lenço.

Contra uma das acusações, Sara não tinha qualquer defesa lógica a apresentar; quanto à outra, preferiu permanecer calada. Sabia que não podia levantar-se no meio do julgamento e dizer que Richard lhe dera o anel como garantia. Não suportaria ouvi-los sussurrar entre eles que ela, uma criada e filha de um homem cujo nome fora arrastado pelas sarjetas de Rye, aspirara a casar com o filho do pároco.

A sua defesa, indignada e confusa, foi inútil. A sentença a sete anos de deportação não se fez esperar:

- Decreta este tribunal que a ré seja deportada para além-mar, para local designado e escolhido por Sua Majestade

Passado pouco tempo, foi transferida da prisão em Rye para a de Newgate, em Londres, onde aguardaria transporte para Botany Bay. Naquela prisão fedorenta e onde grassavam doenças, ela por vezes interrogava-se como pudera ser tão louca a ponto de fugir da residência paroquial por orgulho ferido. Amaldiçoava a sua estupidez por ter considerado os três guinéus de Sir Geoffrey como seus, podendo fazer deles o que quisesse. Rejeitou a ideia de apelar a Richard: ele não estivera presente no julgamento e certamente não poderia fazer nada para alterar a sua sentença.

Aprendeu rápida e brutalmente as lições da prisão; os fracos e os tolos não sobreviviam durante muito tempo. Sem dinheiro, deu por si a depender da piedade indiferente do carcereiro para comer. Fugiu da única forma segura de ganhar dinheiro que lhe restava: a prostituição. Os carcereiros encorajavam-na porque era a melhor fonte de rendimento deles.

Conseguiu finalmente ligar-se a uma mulher chamada Charlotte Barker, uma falsificadora de meia-idade que fora condenada a três anos de prisão. Charlotte vivia em grande estilo, pagando generosamente aos carcereiros pela comida que lhe traziam e recebendo visitas todos os dias. Sara escrevia-lhe as cartas, lavava-lhe e remendava-lhe as roupas. Em troca disso, Charlotte alimentava-a e presenteava-a de quando em quando com algum dinheiro.

Cinco meses após o julgamento, Sara recebeu uma carta de Richard, escrita no seu regimento em Hampshire, um dia depois de ter sabido da sentença, e que fora enviada para a prisão de Rye. O dinheiro que ele dizia mandar já lá não estava. O que não era de espantar, depois de ter passado pelas mãos de tantos ladrões.

A carta era um grito de angústia pela notícia da condenação. Implorava-lhe que lhe escrevesse a dizer-lhe como poderia ajudá-la, mas não abordava a questão da sua inocência ou culpa. Sara percebeu imediatamente que ele a julgava culpada. Era uma carta amável e simpática, a carta de um amigo, mas não de um apaixonado.

Depois disso, tentou não pensar mais em Richard e quase conseguiu. A tentativa de sobrevivência diária absorvia-a, e o mundo de Richard e da residência paroquial parecia

desvanecer-se; sonhava cada vez menos com as estradas ventosas dos canais e os gritos das gaivotas na praia.

Embarcou no Georgette em meados de Dezembro, mas quando o barco deslizou finalmente pelo Tamisa abaixo, no princípio de Fevereiro, ela já não tinha dinheiro. Passou os meses da viagem na escuridão do porão, com uma alimentação inadequada, da qual os mais fortes pareciam sempre obter maior quantidade do que a que lhes cabia. A dura lei das prisões continuava a vigorar, e quem sofria eram os mais fracos.

Capítulo 3

QUANDO Andrew Maclay apareceu no alojamento das mulheres e a chamou, Sara percebeu logo o que ia acontecer. Após o funeral da criada de Mrs. Ryder naquela manhã, as prisioneiras tinham andado a especular quem de entre elas seria escolhida para preencher o seu lugar. Sabiam, através do falatório do navio, que Mrs. Ryder se encontrava frequentemente doente.

Fora pouca sorte, concluiu Sara, que o oficial tivesse chegado logo naquele momento, pois devia ter-lhe parecido que ela era ordinária e grosseira com a sua trouxa suja de comida. Olhou de soslaio para o rosto de Maclay enquanto se dirigiam quase lado a lado para os camarotes do convés. Se lhe iam dar a oportunidade de ser criada de Mrs. Ryder, não ia estragá-la por falta de humildade nem de decoro. Enrolou furtivamente algumas pontas soltas do cabelo e olhou pesarosamente para o vestido imundo, esperando que Mrs. Ryder desculpasse a sua aparência.

Andrew Maclay parou junto a um dos camarotes e bateu rapidamente à porta.

- Espera aqui - disse ele a Sara.

A voz de Mrs. Ryder mandou-o entrar. Estava deitada no beliche e sorriu ao ver Andrew. Não devia ter muito mais que trinta e cinco anos e ainda era muito bonita - uma mulher débil e morena, com um vestido de seda amarelo, mas com um ar doentio do enjoo. Os olhos de Andrew brilharam ao vê-la; Julia Ryder emanava uma doçura que lhe agradava bastante.

- Boa tarde, minha senhora - cumprimentou ele, inclinando a cabeça numa vénia. - O seu marido falou com o comandante durante o jantar sobre a sua necessidade de outra criada. Eu trouxe-lhe a condenada Sara Dane.

- Mas que bom, Mr. Maclay. Na verdade, eu não tinha esperanças de que ela estivesse a bordo connosco.

Ele ficou com uma expressão de ligeira confusão.

- Talvez ela não seja bem aquilo que esperava, minha senhora. Afinal, ela já se encontra presa há algum tempo.

- Ah, sim, mas pelo menos tem prática de serviços domésticos. Eu sei o que esperar de Sara Dane: deve ser analfabeta e ordinária e talvez imoral; mas eu preciso desesperadamente de alguém que me ajude a tratar de Ellen e Charles. Por favor, mande-a entrar, Mr. Maclay.

Andrew abriu a porta e fez sinal à prisioneira para entrar. Viu o rosto de Mrs. Ryder contrair-se de consternação e percebeu que era a primeira vez que ela via uma daquelas criaturas tão de perto.

- És a Sara Dane? - perguntou Mrs. Ryder finalmente.

A outra fez uma vénia, mas não respondeu.

- Mrs. Templeton, que vive em Rye, escreveu-me e disse-me que provavelmente estarias a bordo e que eras experiente em serviços domésticos. Já alguma vez cuidaste de crianças?

- Não, minha senhora.

..... - Mrs. Ryder ficou com uma expressão de dúvida. - Sabes coser?

-Sei, minha senhora.

- Calculo que não saibas ler nem escrever?

A pergunta pareceu atingir o orgulho de Sara Dane, que endireitou os ombros e respondeu bruscamente:

- Claro que sei.

- Ai sim? - O olhar de Mrs. Ryder esfriou repentinamente.

Andrew ficou um pouco receoso, apercebendo-se de que estavam frente a frente duas personalidades fortes. Sara Dane já não se mostrava acanhada: os olhos brilhavam-lhe, e a boca emanava um ar determinado.

- Estou interessada em ti - disse a mulher mais velha. - E que mais sabes fazer?

A outra, aparentemente nada receosa, respondeu:

- Falo e escrevo francês e sei latim. E um pouco de italiano também. E sei matemática.

A expressão de Julia Ryder alterou-se prontamente. "Mas que espreitada!", pensou Andrew, consciente da crescente admiração pela inteligência de Sara: ela estava a querer mostrar que os Ryders tinham encontrado um verdadeiro tesouro onde não esperavam.

Mrs. Ryder voltou a falar.

- Quantos anos tens, Dane?

- Dezoito, minha senhora.

- E porque é que foste condenada?

A figura esfarrapada estremeceu pouco à vontade, olhando rapidamente da mulher deitada no beliche para o jovem oficial à sua frente. Foi um gesto eloquente, dando a Andrew a ideia do quanto se sentia infeliz. Depois, afastou o olhar.

- Fui condenada por roubo - disse ela.

Andrew carregou o sobrolho e dirigiu-se subitamente a Mrs. Ryder:

- Minha senhora, se esta mulher lhe servir, o comandante Marshall deu-me instruções no sentido de que não será necessário ela regressar ao alojamento dos prisioneiros.

Ela sorriu-lhe calmamente.

- Acho que Sara serve muito bem.

UNS DIAS depois, Andrew pegou no livro de relatórios e sentou-se à mesa da sala dos oficiais, enfiando a pena no tinteiro. Pensava na rapariga que acabara de ver no convés com os filhos dos Ryders, no seu cabelo louro acabado de lavar brilhando à luz do Sol, nos olhos mais verdes que azuis. Devia ter feito figura de parvo, ali embasbacado a olhar para ela. A criada envergava um vestido de algodão azul emprestado e um xaile vermelho-vivo. A transformação era inacreditável, e ao ler a expressão do seu rosto, ela sorria. Estava um pouco abalado com a impressão que ela lhe causara.

Mergulhou a pena na tinta e tentou concentrar-se, mas os seus pensamentos não estavam no relatório que escreveu.

DESDE o primeiro dia em que Sara ocupou o seu lugar junto à amurada com os

filhos dos Ryders que parecia lá ter estado sempre. Andrew observou-a cuidadosamente durante a longa viagem até à Cidade do Cabo e viu-se forçado a admirar a maneira como ela conseguira passar de condenada a criada de confiança. Sentava-se dia após dia no convés com os livros de estudo das crianças abertos no colo, sem desviar os olhos deles por mais do que um segundo. Mas se um dos oficiais parava junto ao grupo para falar com Ellen e com Charles, Sara também se mostrava disposta a conversar, embora esperasse que se lhe dirigissem primeiro. Possuía charme e beleza, e, passado pouco tempo, aqueles homens, afastados do convívio com mulheres, esqueceram que ela viera do alojamento dos prisioneiros.

Viu-se definitivamente reconhecida quando o comandante parou uma manhã junto ao grupo para perguntar como iam progredindo as lições e ela respondeu sem demasiada humildade. "Mas que rapariga tão esperta", pensou Andrew. Ele sabia que o comandante não tardaria a adquirir o hábito diário de parar para ouvir as lições, elogiar os esforços das crianças e ver Sara executando habilmente o bordado que Mrs. Ryder lhe dera para fazer. Para Andrew, o mais espantoso de tudo era a alegria de Sara. Fazia que Ellen e Charles estivessem sempre a rir, e era óbvio que eles a adoravam por isso; era incansável para os manter ocupados durante os dias que monotonamente se sucediam.

SARA ajudava Julia Ryder a arranjar-se para ir para a cama no minúsculo camarote, que cheirava a corpos quentes e a roupa perfumada. O vestido de seda azul-pálido que Julia pusera naquela noite encontrava-se estendido na tarimba, e Sara pegou-lhe. O sussurrar da seda fê-la lembrar-se dos dias de Londres e dos mexericos despreocupados do salão da modista.

Julia estava sentada em frente ao pequeno toucador sob a lanterna oscilante, com o seu roupão largo de brocado amarelo-pálido e a camisa de noite debruada a renda. Sara ocupou o seu lugar habitual por detrás de Julia, penteando cuidadosamente com uma escova o longo cabelo escuro. A atenção de Sara desviou-se para o toucador. O par da escova de prata que tinha na mão fora para ali atirado descuidadamente, e sobre um paninho de renda ao lado da escova encontrava-se um frasco de perfume de cristal.

- Gostas de coisas bonitas, não gostas? - perguntou Julia calmamente.

Os olhares de ambas cruzaram-se no espelho. Instantes depois, Sara respondeu:

- Eu não devia admitir que gosto muito de me encontrar rodeada destas coisas.

- Porque não?

- Porque fui deportada por roubo.

No espelho, Sara viu o rosto de Julia assumir uma expressão quase de severidade, e ela afirmou bruscamente:

- Sara, eu só te fiz uma pergunta sobre como tinhas vindo parar a este navio. Não tenciono aprofundar o assunto, mas se quiseres contar-me, estou disposta a ouvir.

Sara nunca sentira por nenhuma mulher o respeito que Julia lhe inspirara ao longo das semanas que tinham passado juntas. Decidiu que ia arriscar pôr à prova o juízo que fizera de Julia Ryder. Não tentou responder à pergunta. Em vez disso, levantou a cabeça e olhou novamente para o espelho.

- Está satisfeita comigo, minha senhora?

- Sim, estou muito satisfeita. Na verdade, só ouço toda a gente tecer-te elogios. Mas porquê...?

Porquê? Para, de cada vez que olho para as suas coisas, não ter de me preocupar se está ou não a pensar que vou roubá-las.

Julia voltou-se no banco de modo a encarar Sara.

- Vamos ser francas uma com a outra, Sara - disse ela. - Tu és ambiciosa e orgulhosa, mas também tens bom-senso. Não me passa pela cabeça que fosses capaz de desperdiçar uma oportunidade fazendo alguma maluquice. Vamos para um sítio novo - continuou ela. - A vida lá será difícil e desconhecida. Peço-te que não esqueças que, quando chegarmos a Nova Gales do Sul, vais precisar tanto da minha ajuda como eu da tua. - Parou, tamborilando na beira da mesa com as unhas. - Enquanto estiveres connosco, estou disposta a esquecer que alguma vez foste condenada. Mas se queres que eu confie em ti, tens de deixar de desconfiar de mim.

Sara ficou desconcertada por a outra mulher ter entendido as suas intenções tão claramente, mas essa sensação foi prontamente substituída pela satisfação, porque aquilo representava a segurança do seu futuro. Baixou os olhos e perguntou:

- Acho que nos entendemos uma à outra, não é verdade, minha senhora?

- Creio que sim, Sara - disse Julia.

As HORAS mortas do quarto intermédio tinham-no entorpecido de cansaço. Então, pouco depois de terem soado as oito badaladas, ele preparou-se para descer. A noite estava ótima e escura. O Georgette seguia firmemente a sua rota no mar calmo.

As duas lanternas da popa iluminavam tenuemente o tombadilho e os timoneiros, que agarravam com força a roda do leme. Ao descer as escadas, Andrew distinguiu no escuro a silhueta de um homem encostado à amurada.

- És tu, Brooks?

- Sou. Vim cá acima respirar ar puro. - O tom de voz do médico denotava cansaço. - Houve um parto... de uma condenada. Estive com ela a noite toda.

- E ela está bem? - perguntou Andrew.

- A mãe está, mas a criança nasceu morta. - Brooks fez uma pausa. - Tens-te mostrado muito interessado nos condenados ultimamente, Maclay.

- O que queres dizer com isso?

- Talvez não seja da minha conta, mas não gostava nada de te ver metido em sarilhos. - Depois, vendo que Andrew ficara tenso, Brooks prosseguiu, apalpando cuidadosamente o terreno: - Aquela rapariga, a tal Sara Dane... Ouve, homem, sabes como os boatos se espalham num navio! Não tiras os olhos dela.

- Eu amo-a - respondeu Andrew bruscamente.

Brooks ficou perplexo.

- Não sabes quase nada dela.

- Sei que é bela e possui encanto e inteligência!

- Beleza, sim - respondeu Brooks, reflectindo. - Oh, e encanto e inteligência também. Mas, meu Deus, Maclay, não se pode amar uma condenada só porque tem um rosto bonito!

- Mas aí é que está, eu amo-a - disse Andrew rapidamente. - Ela não me sai da cabeça. Só de pensar nela fico atormentado.

- Já lhe disseste?

- O mal é esse... ainda não. - Continuou melancolicamente: - Tu sabes como ela é. Nunca consigo arranjar uma oportunidade para lho dizer. Ela tem um SOrriso e uma gargalhada para cada um de nós, e não vai mais longe que isso.

- O caso parece-me complicado, Maclay - disse Brooks. - O comandante não permitirá o concubinato...

- Concubinato? Eu quero casar-me com ela!

- Não sejas louco, homem. Já te esqueceste de que vão ter de se separar quando chegarmos a Port Jackson?

- Tenho cá os meus planos - respondeu Andrew calmamente

- Planos? Ela é uma condenada! E tu não sabes nada acerca dela.

- Lá isso é verdade - disse Andrew. - Mas vou descobrir o que houver para descobrir. Estou a falar muito a sério, Brooks.

Brooks suspirou.

- Bom, só espero que não venhas a sofrer uma desilusão.

ANDREW ficou frente a frente com Sara na noite seguinte, quando ela ia a descer as escadas vinda dos camarotes. Apressou-se a subir alguns degraus para impedi-la de continuar. Ela ficou surpreendida com a abordagem directa e olhou para ele com curiosidade.

Quero falar contigo - disse Andrew. - Vem comigo.

Quando ele a puxou para a sombra do barco salva-vidas no convés dos camarotes e lhe pediu que contasse mais detalhes sobre a condenação por roubo, Sara, que já esperava aquilo, respondeu com um esboço de gargalhada:

-Oh, eu fugi de uma residência paroquial e tive a infelicidade de me esquecer de devolver os três guinéus do meu patrão, que ele declarou não me pertencerem.

- Não brinque comigo, minha senhora! Isso não é a história toda!

- Então, aqui vai... a história toda - atirou-lhe ela. E contou-lhe a sua vida, sem omitir o passado duvidoso da mãe nem a família de Sebastian. Ele ouviu-a falar de Sir Geoffrey Watson e de Lady Linton. A única coisa que não foi capaz de mencionar foi o seu amor por Richard Barwell. Quando chegou a altura de ir para casa de Lady Linton - disse ela -, resolvi que estava farta de viver com uma família para a qual nunca passaria da filha de um bêbado que vivia de pequenos empréstimos. O meu único erro foi ter levado comigo o dinheiro de Sir eJoffrey.

Quando ela terminou, ele apertou-lhe os ombros com força e soltou uma gargalhada estridente que ecoou pelo convés.

- Sua tontinha. Pensar que perdi noites de sono por teres dito que eras uma ladra. Tu apenas pediste um empréstimo, Sara, como o teu pai. São as melhores notícias que já tive em toda a minha vida.

E sem dizer mais nada, inclinou a cabeça e beijou-a na boca.

- Não te esqueças deste até vir o próximo. - Depois, avançou a passos largos

para as escadas, assobiando baixinho.

Ela fechou os olhos e viu novamente o seu rosto, tão entusiasmado como o de um garoto. Mas o que é que adiantava Andrew Maclay estar apaixonado por ela? Como poderia acabar uma tal relação senão na despedida em Port Jackson? Aquela ideia atormentou-a. Ali estava um homem que poderia fazê-la esquecer Richard Barwell. Andrew possuía o tipo de autoridade facilmente capaz de merecer o seu amor e a ternura para o conquistar e manter. Perante a realidade dele, a imagem de Richard desapareceria. Ela reconheceu, desesperada, que seria muito fácil apaixonar-se agora.

Mas o Georgette largaria inevitavelmente de Port Jackson e ela ficaria. Só um louco se apaixonaria com um futuro daqueles em perspectiva. Concluiu que o melhor era esquecer Andrew Maclay antes que ele a magoasse como Richard Barwell o fizera.

Capítulo 4

JAMES RYDER respirou fundo, satisfeito por a distância que parecia interminável entre o Rio de Janeiro e a Cidade do Cabo estar quase percorrida. Há mais de duas horas que se ouvira o primeiro grito entusiasmado de "Terra à vista!" do vigia. A cada minuto que passava, o contorno da costa africana tornava-se mais nítido.

Começou a andar de um lado para o outro no convés. Depois, parou, com os olhos pensativamente pousados nos seus dois filhos, sentados ao abrigo da amurada, com Sara Dane ao lado. Se os recursos ainda por explorar da Nova Gales do Sul produzissem riquezas, Ellen e Charles seriam os primeiros a colhê-las. Mas, e aqueles como Sara Dane, pensou ele, aqueles que lá chegavam em cativo para povoar e desenvolver a colônia?

A atracção que Andrew Maclay sentia por Sara era óbvia e alimentava o falatório num navio que poucas distrações tivera desde que saíra do Rio. No entanto, apesar de não o parecer, Sara Dane era uma condenada, e Maclay era oficial numa companhia cujo prestígio apenas era ultrapassado pelo da Royal Navy. Em quase todos os outros navios ter-lhe-ia sido permitido fazer dela sua amante, e a ligação terminaria quando o Georgette largasse de Sydney. Ryder pressentia que não era isso que Maclay queria.

Andrew Maclay vinha a descer do tombadilho, e Ryder saudou-o.

- Bom dia. Uma vista bem-vinda, não é verdade? - Indicou o contorno da costa africana com um movimento da cabeça.

- Sem dúvida, sir - respondeu Andrew, sorrindo e inalando sonoramente o ar fresco da manhã.

Ryder examinou Andrew com um ar sério. Sob a luz intensa, os olhos de Maclay eram de um azul profundo; tinha uma boca e um queixo bem marcados. A maneira como falava e todas as suas atitudes revelavam uma determinação tipicamente escocesa. O paradoxo do seu carácter despertava o interesse de Ryder. Ficava noite após noite a jogar às cartas até tarde e tinha uma sorte fantástica ao jogo; no entanto, o comandante louvava a atenção meticulosa com que ele desempenhava as suas funções.

- Vai comprar gado na Cidade do Cabo, sir? - perguntou Andrew, começando a ficar impaciente com o silêncio.

- Vou comprar todo aquele que puder acomodar. Disseram-me que estava a ser vendido a um preço exorbitante na Nova Gales do Sul.

Andrew ficou a matutar naquilo uns instantes e depois perguntou:

- Qual é a sua opinião sincera sobre as hipóteses daqueles que lá se estabelecerem?

- Não será nenhum mar de rosas. Todos aqueles que vão de livre vontade para a Nova Gales do Sul terão que estar dispostos a arriscar. Tudo parece estar contra nós: enfrentam-se secas, cheias e muito trabalho de barriga vazia. - Elevava a voz de entusiasmo. - Mas é um reino de pioneiros, Maclay. É chão que o gado nunca pisou, São terras que nunca foram semeadas. Não me venham dizer que, depois de adequadamente tratada, a terra não produz.

No entanto, continuam a morrer de fome.

- Isso só porque a colônia está nas mãos dos militares e dos condenados. A Nova Gales do Sul só poderá ser devidamente colonizada por homens livres que entendam de agricultura. Quanto mais colonos houver, maior será a ânsia de expansão. Irão para norte e para sul, Maclay, e finalmente para o interior.

- Mas não podemos seguramente fiar-nos na expansão - disse Andrew.

Ryder recordou as histórias de Brooks sobre os mistérios e perigos do continente ainda por explorar, da extensa cordilheira de impenetráveis montanhas de um azul nublado.

- Está a pensar nas Blue Mountains - disse ele. - Admito que são uma barreira, mas os homens livres arranjarão sempre espaço, como acontece no Canadá e na América.

A conversa terminou, mas enquanto se afastava, Andrew ia revendo um plano que já formulara, mesmo antes de falar com Ryder, e que oferecia uma solução para ele e Sara.

MESMO sob a luz intensa do Sol, a montanha da Mesa parecia dominar sombriamente a colônia holandesa limpa e formal da Cidade do Cabo. Mas Sara e Andrew, de pé junto à amurada, não tinham olhos para a vista que lhes era já familiar das três semanas em que o Georgette estava ancorado na baía da Mesa. A atenção deles estava concentrada na chalupa lá em baixo, da qual um carregamento de porcos, gado e ovelhas, protestando ruidosamente, estava a ser transferido para o navio. A azáfama da partida já se apossara do Georgette. Ninguém parecia lamentar que o navio partisse no dia seguinte, muito menos os condenados, que eram alvo de uma vigilância rígida durante a estadia no porto por se recear que fugissem.

Andrew apontou para o gado.

- Já comprei a minha parte, Sara.

- Vais conseguir vendê-lo por bom preço em Port Jackson.

Ele abanou a cabeça.

- Não é para vender, tenho tenções de ficar com ele. Vou candidatar-me a uma concessão de terra na Nova Gales do Sul e dedico-me à agricultura.

Ela olhou para ele, espantada.

- Agricultura? Tu, um marinheiro?

- Fui criado por um escocês que era o melhor lavrador da sua região. Quero ficar na Nova Gales do Sul e casar contigo.

- Andrew - disse ela debilmente -, tu endoideceste.

- Acho que sim. Foste tu que me enlouqueceste... feiticeira! Não finjas que ainda não tinhas adivinhado que eu estava completamente apaixonado por ti.

- Já te esqueceste de que eu sou uma condenada?

- É claro que não, mas se eu pedir autorização para casar contigo, não vejo qualquer dificuldade em o governador Phillip te conceder o perdão. Se isso não acontecer, eu caso contigo na mesma, e então ele vê-se obrigado a pôr-te à minha disposição como governanta até a tua sentença expirar.

- Não pode ser assim tão simples como estás a fazer parecer - comentou ela

devagar.

- Temos que correr alguns riscos. Eu vou casar contigo, Sara. Eu vou tornar-te uma mulher livre.

Ela não disse nada, e ele acabou por dizer:

- Quando estivermos casados, resolvemos todos os problemas.

Voltando-se, ela respondeu acaloradamente:

- Mas vai ser depois de casados que as dificuldades vão surgir. Tenta só imaginar o teu futuro com uma mulher ex-condenada. E se tivermos filhos... - A voz dela acalmou. - Meu querido - disse ela pacientemente -, tens de ser sensato. Não iria dar resultado.

Ele respirou fundo.

- Mas nós vamos para uma terra nova... para um mundo totalmente novo. Esquece as regras da sociedade que vigoram em Inglaterra. Numa região nova, somos nós que fazemos as regras. - Foi ficando cada vez mais entusiasmado e o seu rosto iluminou-se. - É uma aventura, Sara! Se te tiver a meu lado, não há nada que não possa fazer. Investi algum dinheiro na Companhia das Índias Orientais, vou tirá-lo de lá e será o suficiente para começar a nossa vida. Vais partilhar tudo aquilo que eu tenho. Sou um homem simples... um marinheiro, um lavrador. Aceitas-me?

Ela respondeu furiosamente:

- O casamento é para toda a vida. E quando tiveres cultivado todos os hectares possíveis dessa nova terra e conseguido tudo aquilo com que sempre sonhaste, o que é que acontece? Vais olhar para mim e dizer para com os teus botões que eu sou a única coisa que não se encaixa nesse teu mundo maravilhoso? Quando tiveres feito fortuna, conseguirás continuar a suportar o meu passado? Serei sempre apontada como uma ex-condenada.

O rosto dele foi invadido por uma expressão de ternura e de alegria.

- Minha querida, farei de ti a ex-condenada mais invejada do Mundo.

- Estás a fazer pouco de mim, Andrew - comentou ela, corando.

- Minha querida Sara, eu não estou a fazer pouco de ti.

- Andrew disse ela, hesitante -, espera até chegarmos a Botany Bay. Nessa altura, já terás tido tempo para pensar.

Ele inclinou-se sobre a mão dela e beijou-a.

- A viagem até Botany Bay é longa - murmurou ele. - Antes de chegarmos a meio da viagem, já te terei convencido a ver as coisas como eu vejo.

SARA desceu para o camarote dos Ryders. Estava ofegante, e Julia não conseguiu perceber se era de entusiasmo ou de raiva.

- O que foi? - perguntou Julia.

- Andrew Maclay pediu-me em casamento - disse Sara.

Julia respirou fundo.

- O que lhe respondeste?

Sara levantou o queixo.

- Disse-lhe que pensasse melhor no assunto até chegarmos a Botany Bay. Nessa

altura, já saberá se quer uma ex-condenada para esposa.

- E se ele tiver mudado de ideias?

- Nesse caso, irá para o Oriente quando o navio partir novamente.

- Sara! - exclamou Julia. - Estás a tentar enganar-te a ti própria. Isto é o que tu queres, porque é que não lhe deste já a resposta?

Sara explodiu apaixonadamente:

- Mas é um casamento impossível! Eu sou uma condenada. Ele parece não perceber o que isso significa. Está cheio de noções arrogantes sobre estabelecer as suas próprias regras de conduta na colónia. Ele acha que pode fazer que me aceitem.

A situação era de molde a fazer que uma mulher cautelosa recuasse, mas Julia começava a aperceber-se, um tanto espantada, que, após todos aqueles anos de uma vida conjugal tranquila, nunca fora genuinamente uma mulher cautelosa. Andrew Maclay não era nenhum imbecil, e Sara equiparava-se-lhe em inteligência e astúcia. Formariam um belo par para uma terra nova. E se ela, Julia, encorajasse o casamento? Se mostrasse a sua confiança e respeito por Sara, seria muito mais fácil o governador Phillip conceder o perdão. Aquela ideia entusiasmou-a.

- Sara, tens que aceitar a proposta de Andrew. Ele não acha que seja uma proposta impossível e eu também não.

Julia viu a expressão do rosto de Sara suavizar-se e os seus olhos encherem-se de emoção. E, pela primeira vez, julgou avistar indícios de lágrimas.

DESDE que dobrara apontada Terra de Van Diemen (primitivo nome da Tasmânia), cujas montanhas se haviam elevado do oceano sul, o Georgette seguira a costa oriental de novo durante cerca de novecentos e cinquenta quilómetros. Era a Terra Australis dos mapas dos primeiros navegadores, a costa que Cook cartografara, os penhascos e as longas praias em curva que constituíam a orla de um mundo desconhecido. Ao pôr do Sol do dia 1 de Outubro de 1792, o vigia avistou os gigantescos promontórios, a quilómetro e meio de distância um do outro, à entrada da enseada conhecida como Port Jackson. O Georgette pôs de capa e esperou pela luz do dia para tentar atravessar o canal de águas profundas existente entre eles.

Na sala dos oficiais, Andrew arrumou as cartas de jogar e recostou-se na cadeira. Olhou de relance para Harding, Brooks e Wilder, que se encontravam sentados à mesa com ele.

- Ora bem, meus senhores, vou ter de me retirar. Entro de quarto daqui a quinze minutos. E vai ser o meu último quarto no Georgette... terminando assim as minhas funções na companhia.

Os outros ficaram calados. Quando Andrew fitou um de cada vez, os olhos deles evitaram os seus.

- Bom - disse ele - vejo que acham mais sensato não dizerem nada quando consideram que um homem está prestes a dar cabo da vida com um único acto de loucura.

Andrew debruçou-se sobre a pontuação para fazer as contas. DePois, passou a folha de papel a Harding, que anotou o total com um ar resignado.

- A tua sorte parece nunca acabar, Maclay - disse ele num tom cansado, entregando o papel a Brooks.

Brooks acenou com a cabeça e passou o papel a Wilder, que franziu o sobrolho quando viu o total da quantia desde a Cidade do Cabo.

- Bolas! exclamou. - Sabes muito bem que não posso pagar isto tudo agora. Investi todo o dinheiro que tinha em carga para vender aqui e no Oriente.

- Parte dessa carga é gado, não é? Se não me engano, São três vacas e oito porcos - disse Andrew.

- São respondeu Wilder.

- Então, aceito o gado como pagamento da dívida.

- Muito bem - concordou o outro de mau-humor.

Enquanto Andrew preparava o documento de transferência de propriedade, Sara continuava acordada no beliche. Sentia-se imensamente agitada, escutando o vento a soprar ao largo da costa desconhecida de uma terra que podia confiná-la para o resto da vida.

A única coisa de que estava certa era do seu casamento com Andrew. Desde aquele dia na Cidade do Cabo em que lhe fizera a proposta, ele escarnecera das dúvidas dela e tinham passado horas a falar sobre a vida que planeavam, as perspectivas da agricultura naquele território vasto e vazio. Andrew era ousado, e não havia nada que ele pudesse vir a arriscar que ela não estivesse disposta a arriscar com ele.

O entusiasmo que tentara controlar apossara-se dela. Seria uma boa esposa para Andrew! Dar-lhe-ia boas razões para se orgulhar dela. Teriam filhos que cresceriam e seriam alguém na nova colónia. Ele prometera-lhe terras e empregados para satisfazer a enorme necessidade de respeito que Sara sentia. Sabia que um dia teria uma vida digna e cheia de conforto e elegância; apagaria as recordações dos anos de servilismo.

Quando finalmente conseguiu adormecer, o sono foi pesado e povoado de sonhos.

NA MANHÃ seguinte, o Georgette ancorou em Sydney Cove. O sol estava quente; os raios de luz reflectiam-se intensamente na água. As árvores estendiam a sua folhagem verde-acinzentada até aos braços de mar distantes e de formas bizarras. Aprendia-se uma beleza calma e reservada.

Mas a povoação em si não era nada atraente. Os condenados tinham construído uma cidade de cabanas de barro e lama nas praias de Sydney Cove. Uma casa de governador caiada de branco, um quartel, um hospital, um armazém público e uma ponte sobre o único rio constituíam a colónia mais recente de Sua Majestade. Viam-se alguns jardins aqui e ali, mas os esforços para arar e semear a terra eram escassos; o solo era pobre. A seca atrofiava a colheita; depois, as chuvas levavam-na. O gado estava magro, pois pastava na parca vegetação.

Andrew Maclay ficou perplexo ao ver pela primeira vez a povoação de Port Jackson, esquelética na sua pobreza e miséria. O tinir das correntes dos prisioneiros perseguia-o para onde quer que fosse. Reinava a ameaça constante da força e do chicote; não havia outra lei senão a do castigo e da fome. Desvairados de fome, os condenados

roubavam as rações uns aos outros e arrombavam os armazéns públicos. Naquela colônia faminta, o roubo de comida era punido com a morte. Alguns, num desespero total, fugiam para o mato desconhecido e morriam ou regressavam cambaleando de exaustão e fome.

Uma semana depois de o Georgette ter ancorado, Andrew e James Ryder subiram de barco o rio Parramatta até ao segundo povoado da colônia. Deparam-se com o início de uma cidade planeada, também chamada Parramatta. Com o olho de agricultor experiente, Ryder viu que a terra ali era mais fértil e a região tinha um aspecto mais aprazível. Ficou impaciente por conseguir uma concessão de terras.

Mas Andrew ouviu funcionários e colonos - a maior parte deles condenados libertados que cultivavam pequenas fazendas próprias falarem de um outro rio maior. A sua nascente situava-se nas montanhas a oeste, depois virava para nordeste, percorrendo solos ainda mais ricos até a uma enseada em Broken Bay, que ficava uns vinte e cinco quilómetros acima de Port Jackson. Fora explorado pelo próprio governador Phillip, que lhe dera o nome de Lord Hawkesbury. A imagem do rio e das suas terras férteis queimava como febre nas veias de Andrew. Queria instalar-se lá.

Ryder regressou de barco a Sydney, mas Andrew ficou para organizar uma viagem ao Hawkesbury, no que foi ajudado pelo oficial John Berrv, um jovem que confessou estar morto de tédio e desejar ardentemente explorar novas terras. Pertencia ao Regimento da Nova Gales do Sul, uma força militar que fora criada especialmente em Inglaterra para a nova colônia.

Eles - Andrew, Berry e três condenados - partiram com um guia nativo e provisões para dez dias. A paisagem era selvagem e exótica. Não havia quaisquer vestígios de suavidade, e os eucaliptos altos pareciam intermináveis e indiferentes. O avanço era difícil.

Chegaram ao ponto até onde Phillip explorara o rio, Richmond Hill, no meio de uma violenta tempestade tropical. Depois, a tempestade seguiu o seu caminho, e o sol brilhou novamente. Seria aquilo que iria descrever a Sara, disse Andrew com os seus botões - aquela encantadora extensão de terras férteis e densamente arborizadas, com o grande rio serpenteando pelas montanhas abaixo. Havia ali sítios onde ele já imaginava a sua casa construída, sítios em terrenos elevados onde as cheias, se as houvesse, não poderiam chegar.

Quando regressou a Sydney, foi encontrar os Ryders prontos para partir; iam viver numa cabana provisória numa boa extensão de terreno logo a seguir a Parramatta. Julia já se recompusera do desânimo que sentira ao ver pela primeira vez a sinistra povoação de Sydney Cove. Com a sua determinação característica, resolvera tirar o melhor partido do que a colônia tinha para oferecer e comportava-se agora como se toda a vida tivesse alimentado a família com carne de porco salgada.

Mas a maior mudança notou-a em Sara: ela ganhara confiança na sua posição como futura mulher de um colono livre. O seu sorriso de boas-vindas fez que o desejo por ela se ateasse no seu coração. Observou pela primeira vez a personalidade de Sara florescer sem qualquer constrangimento. Quando lhe descreveu o vale verde e fértil e o rio serpenteante de águas profundas, ela reagiu calorosamente:

- Andrew, eu vou contigo para qualquer sítio. Promete-me que casas comigo o mais depressa possível.

Ele abraçou-a.

- Minha querida Sara, vou tentar falar com o governador hoje à tarde. Vou pedir-lhe duas coisas: uma concessão de terras nas margens do Hawkesbury e o perdão para a minha mulher.

ANDREW olhou com uma certa admiração para o homem que governara a colónia naqueles primeiros anos difíceis. O governador Phillip era uma figura sem atractivos: tinha estatura média, um nariz aquilino e uma pele com um tom amarelado de doença. Era do conhecimento geral que lhe fora concedida uma licença por motivos de saúde e que ele iria provavelmente partir para Inglaterra no Atlantic, naquela altura ancorado no porto.

Não encorajou de forma nenhuma Andrew a escolher as suas terras no Hawkesbury.

- Sei que o solo é excelente, Mr. Maclay, e quero que se instalem lá colonos. Mas a protecção do Governo não pode estender-se até tão longe e o senhor ficará completamente sozinho, sem sequer uma estrada que o ligue a Parramatta. Fica à mercê das cheias e dos nativos, que possivelmente são hostis, e no Inverno é capaz de não conseguir fazer lá chegar a comida nem os outros produtos.

Mas argumentou com pouca convicção, e quando Andrew insistiu, ele cedeu. Uma vez tomada a decisão, Phillip foi generoso nas ofertas de ajuda: uma grande extensão de terras, condenados para as trabalharem e sementes.

Quando os mapas do Hawkesbury foram postos de lado, o governador cruzou as suas mãos secas e magras e disse a Andrew que deixara instruções ao seu sucessor para conceder o perdão a Sara Dane no dia em que ela se casasse.

- Tendo em vista o testemunho de Mrs. Ryder e o facto de que passará a estar totalmente sob a sua responsabilidade.
O seu tom não foi nada cordial. Era óbvio que o governador não concordava com o casamento.

ANDREW ajudou os Ryders e Sara na mudança para Parramatta. Depois, partiu para o Hawkesbury no dia 1 de Dezembro e montou um acampamento nas margens do rio: um pequeno grupo de tendas para alojar os vinte condenados que tinham sido postos à sua disposição, dois capatazes e quatro ex-condenados cujas penas tinham sido perdoadas e que haviam concordado em ir com ele a troco de um ordenado, comida e uma dose diária de rum. Começou a desbravar a floresta nos locais onde tencionava semear e no sítio que marcara para a casa. Era um trabalho exasperante que deparava com infindáveis frustrações e contrariedades, pois na colónia havia falta de tudo o que ele necessitava: sapatos e roupa para os condenados, utensílios de cozinha, ferramentas de carpinteiro, armas de fogo para a caça, pás e machados.

Andrew trabalhava durante os dias longos e quentes como se estivesse a ser impelido por uma força demoníaca: levantava-se de madrugada com os condenados e à

noite, junto à fogueira, ficava acordado a fazer planos quando os outros já dormiam. A terra submetia-se de má vontade, cedendo com relutância cada hectare, que nunca conhecera outro movimento para além dos passos silenciosos dos seus habitantes de pele escura.

Por vezes, avistavam nativos perplexos, imóveis, na orla de uma nova clareira. Não eram hostis, mas nunca ultrapassavam a orla da floresta para se aproximar mais do acampamento. Brancos e pretos não interferiam uns com os outros. Andrew dera ordem para que os nativos nunca fossem molestados.

Num dos seus capatazes, Andrew descobriu um companheiro: Jeremy Hogan, um irlandês deportado da sua terra natal por agitação política. Tinha vinte e seis anos, era de forte constituição e ainda se vislumbrava nos seus olhos, de um azul profundo, um brilho de boa disposição que o transporte no barco de condenados não conseguira apagar. Andrew não conseguiu saber quase nada sobre o seu passado; era, no entanto, óbvio que tinha boas maneiras e instrução. Andrew sentia-se grato pela sua sorte ao terem-lhe concedido Jeremy Hogan, pois podia conversar à vontade com ele à noite junto à fogueira, contando-lhe os seus preciosos sonhos para a terra na qual ambos labutavam.

Todos os dias era distribuída uma ração de rum aos condenados, e desde que estivessem seguros dela, os homens estavam preparados para trabalhar até caírem redondos no chão; nenhuma ameaça de açoitamento ou qualquer outro castigo significava tanto para eles como a suspensão da ração de rum: era a única esperança de esquecimento que lhes restava. Andrew sabia que precisava do rum para que os seus homens trabalhassem. Avaliou a quantidade que ainda tinha e verificou que estava a diminuir rapidamente. Era óbvio que tinha de descobrir um modo de se reabastecer, e logo que surgiu a oportunidade de obter não só rum, mas outras provisões vitais, Andrew agarrou-a sem hesitar.

Desde a partida do governador que o Regimento da Nova Gales do Sul se tornara a autoridade suprema. Os tribunais civis tinham sido fechados tanto em Sydney como em Parramatta, povoações que eram agora governadas por uma elite militar. Andrew conseguiu conquistá-la através de um baralho de cartas. Esperou até as dívidas dos seus adversários começarem a avolumar-se e depois sugeriu que fossem anuladas em troca de concessões a serem-lhe feitas pela associação mercantil que eles tinham formado. O sistema monopolista era simples: tinham permissão do vice-governador, Francis Grose, para comprar toda a carga dos navios americanos que começavam a aparecer em Port Jackson e para alugar navios para a Cidade do Cabo e o Oriente para efectuarem o seu próprio comércio. Não havia nenhuma transacção na colónia com a qual um ou outro membro dos casacas vermelhas não lucrasse. O poder de troca do rum era mais forte que qualquer outro, e o produto afluía à Nova Gales do Sul cada vez em maior quantidade.

Andrew foi ganhando terreno perante os seus amigos no regimento, e até o próprio líder da associação mercantil, o moreno e arrogante John Macarthur, que era o homem mais ambicioso da colónia, deixou de questionar o seu direito a partilhar as preciosas cargas.

As PAREDES da casa foram-se erguendo lentamente durante o Outono e princípio do Inverno; a floresta cedia relutantemente espaço às sementeiras e à criação de gado. Nos finais de Maio, Andrew calculou que a casa estaria em breve pronta. Só tinha quatro divisões e uma cozinha ao lado, era caiada, ainda não estava toda mobilada e não tinha cortinas. Andrew percebeu que não conseguia esperar mais para ter Sara ali a seu lado.

O CASAMENTO realizou-se em casa dos Ryders numa manhã clara e fria de Junho. Sara entrou na sala para a cerimónia envergando um vestido de seda branca trazida da China e uns sapatos bordados de Calcutá. Avançou muito direita, aparentando calma, para fazer uma vénia ao vice-governador Grose.

O Regimento da Nova Gales do Sul encontrava-se bem representado, e as suas casacas vermelhas avivavam a luz pálida do Sol na sala. John Macarthur estava lá e John Berrv também, mas Julia era a única mulher presente na sala para assistir à cerimónia de casamento. A mulher do padre e Mrs. Macarthur tinham sido convidadas, mas haviam declinado o convite com uma desculpa nada convincente. Sara já sabia como iria ser encarada por aquele grupo restrito da sociedade feminina; manteve a cabeça orgulhosamente erguida no meio do círculo de casacas vermelhas.

A cerimónia foi curta. Casaram-se mesmo antes do meio-dia e partiram, juntamente com Jeremy Hogan e o outro capataz condenado, Trigg, depois de uma refeição de pato bravo e carne de canguru assada. O vinho foi servido em quantidade suficiente para soltar as línguas, e enquanto Sara vestia um novo fato de montar, ouvia as gargalhadas vindas da sala.

Despediu-se em privado de Julia antes de partir, e esta beijou-a, dizendo:

- Escreve-me, Sara.

Sara abraçou-a com força. Era impossível agradecer a Julia os últimos meses que haviam passado juntas, nem sequer os enormes esforços que tinham resultado na refeição do casamento. Desde aquele primeiro dia no Georgette, tinham-se aproximado cada vez mais uma da outra, Sara deixando que o bom-senso de Julia equilibrasse a sua natureza impetuosa, aprendendo com ela e copiando-a nalgumas coisas.

- É impossível agradecer-lhe - disse ela. - Nem vale a pena tentar. Posso dizer-lhe que foi a primeira mulher de quem gostei, se é que isso tem alguma importância para si.

Enquanto o pequeno grupo desaparecia na estrada de Parramatta, Julia ouviu uma voz dizer:

- Nunca julguei que ele fosse ter coragem para casar com ela. Só nos resta esperar que não venha a arrepender-se.

QUANDO anoiteceu, ainda estavam a cerca de onze quilómetros do Hawkesburv. Andrew ordenou aos homens que montassem as tendas ao lado do trilho tosco que constituía a única estrada. Comeram carne de porco fria e pão, sentados à volta da fogueira, bebendo o vinho que Ryder oferecera a Andrew. Um vento frio agitava as copas das árvores. A luz das estrelas resplandecentes do hemisfério sul

tornou-se mais intensa, e as cascas das árvores pareciam brancas e fantasmagóricas. Havia algo de triste e sinistro no mato, algo de antigo e remoto.

Mal terminou a refeição, Andrew e Jeremy começaram a conversar. Enquanto os escutava, Sara deu por si a observar Jeremy, tentando encontrar uma pista de como seriam as suas futuras relações com ele. Preparou-se mais ou menos para o que podia esperar: a insolência mal disfarçada de um homem de boas famílias confrontado com a mulher do patrão, que acabara de receber o perdão. Sara sentiu que a inteligência e força de Jeremy tinham adquirido uma espécie de ascendência sobre Andrew; sentia-se excluída daquela camaradagem e queria partilhá-la. Mas concluiu que Jeremy deveria servi-la pelo que ela era, e não por ordem de Andrew.

Como se tivesse adivinhado Os seus pensamentos, Jeremy dirigiu-se-lhe directamente.

- Já decidi o nome que vão dar à fazenda, Mrs. Maclay? - Aquela forma de tratamento parecia divertí-lo.

- O meu marido - disse ela, pronunciando enfaticamente as palavras - quer chamar-lhe Kintyre, um nome escocês.

- Kintyre. - Enrolou as sílabas. Depois, levantou o copo. - Um brinde - anunciou ele - ao nome Maclay. - E acrescentou rapidamente: - E à senhora de Kintyre.

Beberam solenemente sob as estrelas brilhantes.

SARA acordou meia hora antes do raiar do dia. A tenda encontrava-se aberta, e o mato que rodeava o acampamento estava muito silencioso. Mexeu-se nos braços de Andrew. Estavam deitados sob cobertores de pele de canguru de raça pequena, e o calor dos seus corpos desafiava o dia frio que se iniciava lá fora. Apesar da luz fraca, Sara viu que ele abrira os olhos.

- É cedo demais para acordares - disse Andrew numa voz sonolenta.

- Mas quis ficar aqui acordada - replicou ela, sorrindo.

- Oh, mulher - disse ele baixinho -, ainda me custa a acreditar que estás aqui comigo, partilhando a minha mia-mia.

- Mia-mia?

- É o nome nativo para uma cabana. Cobrem a terra do chão com peles de canguru, e é essa a cama de núpcias, como a nossa. - Ficaram calados uns instantes e depois ele disse: - Possuo tudo com que alguma vez sonhei. Tenho-te nos braços, partilhando do meu amor. Sabias que iria ser assim?

- Sempre o soube, Andrew - sussurrou ela com a boca junto da dele. - Sempre. Então, ele beijou-a.

Jeremy voltou-se debaixo da pele de canguru para olhar para a tenda dos Maclays. Pensou se estariam acordados, sussurrando na intimidade de amantes. Depois, deixou-se levar pelo pensamento para os céus, o nevoeiro e os lagos irlandeses. Bons cavalos, mulheres bonitas e política tinham sido os seus brinquedos. Usara-os a todos perigosamente, muitas vezes apenas pelo prazer do perigo.

Ouviu-se a gargalhada estridente de um kookaburra, uma ave daquelas paragens. O seu escárnio dispersou os sonhos de Jeremy. Já não estava na Irlanda e

ainda lhe restavam onze anos de pena para cumprir. Relembrou a si próprio que estava ao serviço de outrem e que não podia sonhar com mulheres bonitas.

A CASA situava-se numa pequena elevação de frente para o rio. Sara viu-a pela primeira vez ao meio-dia, com o sol de Inverno reflectindo-se na cal, as suas janelas sem cortinados completamente viradas para as montanhas. Não havia arbustos para suavizar os seus contornos, mas tinham deixado algumas árvores à sua volta.

Ao vê-la, Sara sentiu-se singularmente emocionada. Era baixa, feia e grosseira assim inacabada, tinha uma larga varanda em redor, com três ou quatro degraus sem qualquer ornamento. Mas aquela era a primeira casa jamais construída no Hawkesburv, e ela fitou-a com um sentimento de posse e orgulho. Mal pousara os olhos nela, tornara-se sua - um objecto para ser amado e defendido com todas as forças.

- Vai andando, Hogan - disse Andrew. - Diz à Annie que já chegámos.

Jeremy pôs o cavalo a trote, e Trigg seguiu-o de perto. Andrew desmontou e ajudou Sara a descer do cavalo. O olhar dela abrangeu as cabanas dos condenados atrás da casa, os cercados para o gado, os princípios de um pomar na encosta e depois a vasta extensão de terreno desbravado que descia até ao rio. Os hectares virgens que esperavam para lá das clareiras acenderam a chama da sua ambição. Em Inglaterra, a terra significava riqueza, e ali estava a riqueza perante os seus olhos, estendendo-se até perder de vista - desde que os deuses fossem bondosos, desde que a chuva viesse na estação certa e que o fogo não transpusesse o mato, destruindo as sementeiras. Os riscos de tão grande aposta empolgavam-na.

- Não quero que penses que a casa vai ficar como está agora - disse Andrew com voz trémula. - Daqui a uns anos, vou construir-te uma casa muito bonita, Sara. Será grande e branca e Ela interrompeu-o.

- Todo o dinheiro que houver tem que ser aplicado na terra. A casa pode ficar como está, por mim chega muito bem.

Ele deu uma gargalhada suave, agarrando-lhe os ombros. Naquele momento, perceberam que eram um só espírito: a união do casamento estava consumada.

JEREMY e Trigg entraram no pátio das traseiras da casa. Quando Jeremy desmontava, uma mulherzinha cheia de rugas e com o nariz pequeno saiu do anexo da cozinha. Envergava a roupa desairosa dos condenados, e o seu rosto estava afogueado do calor do lume da cozinha.

- Estão a chegar - disse-lhe Jeremy. - Está tudo pronto?

Os olhos pequenos dela cintilaram.

- Claro que está. Não andei eu a matar-me de trabalho nas últimas semanas para pôr as coisas em ordem? Como é que ela é?

- Ela?

- A senhora?

Jeremy fitou-a.

- Estás aqui para servir Mrs. Maclay em tudo o que for preciso, Annie, e não para fazer perguntas - declarou ele com rispidez.

Annie Stokes escapuliu-se para a cozinha, qual coelho-bravo em fuga.

Ao ver os Maclays aproximarem-se, Jeremy pensou que apenas um dia de casamento já modificara Sara. Estava mais confiante e à vontade, segura de Andrew, como uma criança triunfante depois de ter ganho um prémio. Ambos possuíam uma espécie de ânsia implacável, como se estivessem a estender a mão para algo que acabavam de avistar. Percebia agora porque é que Andrew a amava: havia entusiasmo naqueles olhos verdes, havia encanto e energia naquele sorriso. Sabia o que queria e planeava tudo com arrogância, concluiu Jeremy. Por instantes, quase odiou Sara. A seguir, ocorreu-lhe que talvez tivesse ciúmes.

Jeremy pegou-lhe nas rédeas do cavalo, dizendo:

- Seja bem-vinda, minha senhora.
- Obrigada - respondeu ela, enfrentando o olhar dele com firmeza.

Ele corou, achando que Sara talvez estivesse a tratá-lo com condescendência. A seguir, ela voltou-se para sorrir a Andrew, e Jeremy percebeu que já fora esquecido.

Capítulo SEIS

Nos DOIS anos que se seguiram ao seu casamento, Sara viu os vales do Hawkesburv encherem-se lentamente de colonos. Em 1795, havia quatrocentas pessoas a viverem ao longo do rio, e as suas fazendas estendiam-se por cerca de cinquenta quilómetros em ambas as margens; a leste fora feita uma estrada a ligar o Hawkesbury a Parramatta.

Andrew encontrava-se então solidamente estabelecido na associação mercantil. Kintyre tornara-se a fazenda mais próspera da região. A mão-de-obra era barata; muitos colonos ex-condenados desistiam rapidamente de cultivar as suas próprias terras passados alguns meses e ficavam satisfeitos por arranjar emprego. As ricas planícies do rio produziam muitos cereais. Andrew acrescentou três quartos à casa, construindo-os em ângulo recto para que a comprida varanda ficasse de frente para uma curva completa do rio. As paredes estavam cobertas de uma trepadeira que crescia também ao longo da grade da varanda, suavizando os contornos severos da casa. Apareceram cortinas nas janelas e tapetes no chão. Havia até alguns objectos de prata que Andrew comprara a um colono que chegara recentemente. Sara estava encantada por os ter; de cada vez que passava por eles, esfregava-os furtivamente com a ponta do avental.

Aqueles dois anos foram os mais felizes de toda a vida de Sara. Levou algum tempo a acostumar-se à sensação de liberdade, paz e segurança. Era a senhora de uma casa, de Annie Stokes e de outras duas mulheres que lhe tinham sido cedidas; os trabalhadores de Kintyre, livres e condenados, levavam a mão ao boné quando passavam por ela.

Desde o primeiro mês que chegara a Kintyre que se lançara a aprender a gerir a fazenda. Fazia as contas e montava todos os dias a cavalo, acompanhando Andrew nas suas voltas, inspeccionando cercas e valas de rega. Começou a perceber alguma coisa de gado e das suas doenças. À medida que o tempo ia passando, a agricultura começou a interessá-la tanto como a casa.

Tudo o que sabia da vida na colónia para além do Hawkesburv chegava-lhe através dos mexericos que Andrew lhe contava depois das suas viagens a Sydney e a Parramatta e das cartas que trocava frequentemente com Julia Ryder. James dedicava-se à lavoura e prosperava, como todos os outros agricultores competentes que tinham começado, quer com dinheiro próprio, quer com dinheiro obtido através da associação mercantil.

Na região do Hawkesbury, as mulheres eram, na sua maior parte, esposas de pequenos colonos, muitas delas ex-condenadas casadas com ex-condenados. Sara sabia que invejavam a prosperidade da vida de Kintyre, e as suas aparições a cavalo na estrada do Hawkesbury não contribuíam para a tornar querida. Olhos cheios de ressentimento sob toucas desbotadas observavam-na quando passava. Na colónia não havia lugar para ela, nem entre aquelas mulheres trabalhadoras que a invejavam, nem entre as mulheres dos oficiais, que recusavam recebê-la. Tinha que se contentar com o seu lugar solitário em Kintyre.

As notícias da execução de Luís XVI de França e da declaração de guerra da Inglaterra à República Francesa chegaram à colónia. Para a população da Nova Gales

do Sul, absorvida nos seus afazeres, estes acontecimentos eram tão remotos como uma melodia à distância.

Quando Sara soube que estava grávida, Julia planeou uma viagem ao Hawkesbury para assistir ao parto. Mas quando chegou a altura, Julia atrasou-se uma semana por causa do filho, Charles, que estava com febre, e quando chegou finalmente a Kintyre, recebeu a notícia de que o filho de Sara nascera na véspera após apenas quatro horas de trabalho de parto. O médico, D'Arcy Wentworth, que viera de Parramatta com Julia, ficou de muito mau-humor quando percebeu que fizera aquela longa viagem para nada. Parecia ser de opinião de que nenhuma dama teria dado à luz a primeira criança com tão pouca dificuldade.

Chamaram David ao bebé. Depois do seu nascimento, Andrew e Sara sentiram-se unidos de um modo diferente; o trabalho em Kintyre adquirira outro aspecto agora que havia um filho para a herdar.

Jeremy Hogan foi a única causa da infelicidade sentida por Sara naqueles dois anos. Entre eles existia uma propensão oculta para a hostilidade; nunca discutiam abertamente, mas a sua relação era no mínimo fria. Jeremy considerava francamente que Andrew merecia, de longe, melhor, e as ideias de ambos sobre o que quer que fosse divergiam sempre. Jeremy era um excelente agricultor e não escondia o facto de que ele, Andrew e Trigg eram perfeitamente capazes de gerir a fazenda sem a ajuda de Sara.

Ele recordava as adoráveis mulheres irlandesas, Sara pensava saber porque é que Jeremy se comportava assim em

relação a ela. Aquelas criaturas meigas e suaves que nunca admitiriam saber somar uma coluna de números. Era esse o tipo de mulher que Jeremy compreendia, e não uma que discutia como uma cigana pelo que queria e que arrastava a combinação pela lama para ver os progressos do trabalho nos campos e no jardim.

Mas Jeremy era necessário em Kintyre - trabalhava como se a fazenda fosse sua -, e Sara teria até suportado insultos directos dele para o manter lá.

- JEREMY, acha que estas contas são... - Sara parou quando o galope de um cavalo irrompeu no silêncio daquela tarde da Primavera de 1795. Jeremy levantou os olhos dos livros de contabilidade espalhados na mesa entre eles. Trocaram um olhar inquiridor. Depois, Jeremy levantou-se.

- Ninguém anda assim a cavalo por prazer - disse ele rispidamente.

- Espere. - Sara levantou-se de um salto. - Eu vou consigo.

Ela saiu a correr, acometida de um pavor estranho. Nunca um cavalo àquela velocidade chegara aos degraus da sua varanda. Pensou logo em Andrew, que partira para Sydney havia dois dias para assistir à tomada de posse do novo governador, John Hunter. Estaria Andrew doente ou ferido?

Jeremy adiantou-se-lhe, descendo a correr os degraus para agarrar nas rédeas do cavalo. Sara reconheceu então o alazão escuro que o seu vizinho mais próximo, Charles Denver, trouxera de Inglaterra. Vinha montado pelo seu capataz, Evans, que, desgrenhado e ofegante, gritou numa voz rouca:

- Mrs. Maclay, os nossos condenados rebelaram-se! Assassinarão Mr. Denver!

Ela agarrou-se ao pilar da varanda. Por segundos, não foi capaz de pensar em mais nada a não ser na proximidade entre Kintyre e a fazenda Denver. Uma insurreição! E ela e Jeremy teriam de enfrentá-la sozinhos.

Fez um esforço para descer calmamente os degraus e ir ter com Jeremy ao lado do cavalo. Ao ver o sangue nas mãos de Evans, sangue já seco em torno das unhas, foi novamente invadida pelo medo.

- Conta-me o que aconteceu - disse ela numa voz tensa.

- Eu estava a trazer seis cabeças de gado da fazenda de Sam Murphy - disse Evans, tentando recuperar o fôlego. - Logo que avistei a casa, alguém começou a atirar sobre mim lá de dentro. Desci a cavalo até ao rio, fora do alcance das armas, e foi lá que encontrei Mr. Denver. Tinha a cabeça esmagada por uma picareta. Quando saí esta manhã, ele estava a vigiar um grupo de trabalhadores no milharal à borda-d'água. Deve ter-lhes virado as costas

- Quantos homens? - perguntou Sara.

- Dez... e o O'Brien, O outro capataz, se se tiver juntado a eles.

Ela humedeceu os lábios secos com a língua e indagou:

- Quantas armas?

- Mr. Denver tinha quatro.

- Viram-te vir nesta direcção?

- Não vejo hipótese de não terem visto, minha senhora. E provavelmente pensaram que me dirigia ao acampamento militar para chamar a tropa.

- Escolheram astuciosamente a altura! - explodiu Jeremy.

- Quase jurava que não há mais de dois ou três homens do destacamento no Hawkesbury. Foram todos mandados para Sydney ou Parramatta para engrossar as fileiras da parada do governador.

Sara calculou rapidamente a extensão do perigo.

- Vais a cavalo até Parramatta buscar auxílio - disse ela a Evans. - Não podem ter mandado todas as tropas para Sydney. Têm que reunir alguns homens e mandá-los imediatamente para cá com todas as armas que puderem dispensar.

- A senhora também vai, Mrs. Maclay - disse Jeremy.

Ela fitou-o ferozmente.

- Eu fico aqui, porque é aqui o meu lugar! Não vou permitir que um grupo de condenados ocupe a minha casa enquanto eu fujo, deixando-a à mercê deles. Eu sei disparar e creio que sei matar um homem tão bem como qualquer um, se for obrigada a isso.

- E o bebé? - disse Jeremy no mesmo tom.

- O David fica aqui comigo - respondeu ela prontamente. - De momento, ele está tão seguro aqui como em qualquer outro sítio do Hawkesbury. Como é que sabemos para que lado eles vão? Podem muito bem nem parar em Kintyre para despistar as tropas.

- Mas eu sou o responsável na ausência do seu marido.

- Esta é uma das alturas em que sou eu a dar as ordens - retorquiu ela. - E isto também se aplica a ti, Evans. Agora vai!

Com um gesto de fúria desesperada, Jeremy largou as rédeas de Evans, que tocou o cavalo com as esporas, começando imediatamente a descer novamente a encosta.

SARA ficou ali de pé um ou dois segundos, vendo Jeremy descer a encosta a passos largos até onde o grupo principal de condenados se encontrava a trabalhar sob a vigilância de Trigg. A única esperança de evitar que a revolta alastrasse era fechar os condenados nas suas cabanas antes de terem oportunidade de perceber o que se passava. Infelizmente, pensou Sara, eles nunca se encontravam todos simultaneamente no mesmo sítio. Para além do grupo principal, havia dois grupos a trabalhar na horta, um no pomar e provavelmente outro no celeiro. Trigg manter-se-ia fiel se os homens se revoltassem? Sara observou Jeremy a atravessar o campo, apressado e resoluto, com uma arma o mais disfarçada possível. Rezou desesperadamente para que ele tivesse êxito, sabendo que as probabilidades eram poucas.

Depois, armou a pistola que ele lhe atirara para as mãos e entrou novamente em casa. Dirigiu-se à cozinha e abriu violentamente a porta, enfrentando as três mulheres que lá se encontravam. As expressões delas passaram de inquiridoras a espantadas e depois a amedrontadas quando viram a pistola.

- Deus seja louvado, o que é isto? - exclamou a mais nova, uma irlandesa chamada Marv, deixando cair a batata que estava a descascar.

Annie tirou as mãos da tigela cheia de massa e limpou-as. A terceira, uma criatura pesada e obtusa chamada Bessie, emitiu um grunhido.

Sara manteve-se bem afastada delas, segurando a pistola com mão firme, aterrorizada de pensar que elas pudessem detectar o medo que sentia. A única esperança que tinha de as manter sob o seu controle era fechá-las antes que o choque passasse e tivessem tempo para planejar alguma coisa.

Acenou com a pistola para uma pequena despensa que tinha um postigo no alto da parede.

- Entrem todas para ali - disse ela rispidamente.

Ninguém falou nem se mexeu. Annie soltou um fraco gemido. Sara não lhe ligou, mas tinha medo de Marv. A irlandesa estava com os seus olhos astutos semicerrados e mantinha-se firme no mesmo lugar.

- Porquê? - perguntou ela.

Sara fez um gesto com a pistola.

- Façam o que vos disse!

Mary olhou da bajuladora Annie para a sua outra companheira, que estava de boca aberta. Sara percebeu que Marv estava a avaliar o apoio com que poderia contar se intentasse um ataque.

- Não gostarias de levar um tiro na perna, pois não, Mary? - disse Sara calmamente. - Porque é isso que vai acontecer se não te mexeres até eu contar até três.

A irlandesa agitou-se numa agonia de indecisão.

-Um...dois...

Annie soltou uma lamúria, e o som pareceu desalentar a outra mulher. Com um encolher de ombros provocador, submeteu-se, entrando à frente das outras na

despensa.

Sara encarou tristemente as suas três cativas enquanto se alinhavam de encontro à parede. Se lhes desse uma pequena oportunidade de liberdade, elas roubavam toda a comida e armas que houvesse em casa e desapareciam em poucos minutos.

- Se alguma de vocês tentar fugir - disse ela -, tratarei de conseguir que o juiz vos condene a um açoitamento que não vos deixe um centímetro de pele nas costas. - Bateu com a porta e fechou-a à chave.

Seguiu a correr pelo corredor até ao quarto de David. Ele soltou um gritinho de satisfação quando ela o embrulhou num xaile.

- Porta-te bem, David - disse ela baixinho. - Não vou deixar-te à mercê daquele bando de malfeitores.

Regressou novamente à cozinha a correr, segurando a pistola e equilibrando a criança pesada na anca. Ouviu pancadas surdas vindas da despensa quando saiu lá para fora e atravessou o pátio até aos estábulos. Lá dentro, o palheiro seduziu-a como promessa de esconderijo. Mudou David para a outra anca e olhou à sua volta. Furo, o garanhão árabe de Andrew, relinchava baixinho. Os três cavalos eram valiosos; não queria vê-los serem levados para o mato por homens desesperados.

- Eles não vão ficar convosco, minhas belezas, se eu puder evitá-lo - sussurrou-lhes ela.

Sara tirou um pouco de palha de uma caixa presa à parede e deitou David em cima dela. Depois, concentrou-se a colocar as rédeas nos cavalos. Não parava de pensar no que poderia estar a acontecer: o possível avanço dos condenados da fazenda Denver; as mulheres a arrombarem a porta da despensa; Jeremy a tentar sozinho prender os trabalhadores.

Conseguiu finalmente colocar todas as rédeas e voltou para junto de David. Atou as duas pontas do xaile e pendurou-o a tiracolo. Colocou David no xaile, suportando o seu peso com a mão esquerda, deixando a direita livre.

O garanhão e Goldie, o cavalo dela, avançaram ansiosamente logo que ela pôs a mão nas rédeas. O terceiro cavalo, um jovem baio castrado, recusou-se a sair da cavalaria, e Sara deixou a porta aberta, convencida de que ele não tardaria a seguir os outros. Instalou David sobre a anca o melhor que pôde e puxou as duas rédeas. Levava dez minutos a chegar à orla da clareira, mas o mato que a rodeava era denso. Amarrados no mato, os cavalos estariam a salvo e não seriam vistos. A salvo. Repetiu as palavras mentalmente com dúvidas. Teria ainda que esperar que a noite passasse para ter a certeza de que estava tudo a salvo - o filho, a casa e os armazéns e ela própria. Uma fina coluna de fumo vinda dos lados da fazenda Denver estava ali para a lembrar do que ainda poderia esperá-la.

Sara atravessou o pátio. Olhando para trás, viu o baio castrado seguindo a procissão. A sua boca contraíu-se num ligeiro sorriso de alívio antes de se voltar novamente para o mato na orla da clareira.

DE REGRESSO a casa, Sara parou à soleira da porta olhando cautelosamente para a cozinha. Estava tudo como ela deixara. O pulso doeu-lhe quando levantou a

pistola à altura do peito. Depois, entrou.

David debatia-se furiosamente no xaile, soltando uivos que se deviam em parte à fome e em parte à fúria. Os seus gritos foram acolhidos com murros violentos na porta da despensa, e a voz de Annie soando amedrontada e desesperada.

- Abra a porta, minha senhora! As outras fugiram. Tire-me daqui, por amor de Deus!

Annie era uma vagabunda, mas não era actriz. Sara abriu a porta e Annie saiu, cambaleando, lá de dentro.

- Elas foram-se embora - disse ela, ofegante.

Sara ficou a olhar para dentro da despensa sem dizer palavra. As outras duas tinham juntado barris de melaço para formar uma plataforma por baixo da abertura e depois haviam partido o postigo com um barril vazio. Sara afastou-se de ombros caídos enquanto Annie despejava a história. As mulheres tinham sabido da chegada do capataz de Charles Denver e haviam-se apercebido, pelos modos agitados dele, do que acontecera. O facto de terem sido trancadas na despensa sob a ameaça da pistola confirmara as suas suspeitas. De pé, em cima de um barril, através de uma frincha do postigo, Mary vira três condenados que não reconheceu, armados com uma pistola, uma lança grosseira e uma picareta, passarem rente à casa e dirigirem-se aos anexos. Fora nessa altura que ordenara à companheira que a ajudasse a partir o postigo.

Sara interrompeu o relato:

- Toma. - Pôs-lhe David nos braços. - Leva-o e dá-lhe qualquer coisa de comer.

Correu freneticamente para o escritório de Andrew. Carregou uma das duas armas que Jeremy deixara, pensando tristemente no que poderia acontecer se os condenados ocupassem Kintyre. Ao passar pela secretária de Andrew, hesitou e abriu a gaveta de cima. Vasculhou no meio das penas e agarrou num pequeno punhal italiano que utilizavam às vezes para cortar papel. Enfiou o punhal no corpete, de modo que o cabo talhado não ficasse à vista.

Ao regressar à cozinha, ouviu os primeiros tiros: quatro.

ANNIE voltou-se para Sara com um olhar desesperado quando ela entrou.

- É a nossa vez, minha senhora. - Apontou para a janela, dando um pequeno soluço. - Ali vem o Trigg, e cá para mim está ferido. E não há sinal de Hogan.

Sara saltou para as persianas abertas. Levantou a arma e apoiou-a no parapeito da janela, morta de medo. Os anexos ficavam a uns trezentos metros da casa, formando um quadrado e virados para o seu interior. Havia dois armazéns, duas cabanas que serviam de alojamento aos condenados, uma cabana mais pequena para Jeremy e Trigg e um dormitório comprido para os trabalhadores temporários.

Já começava a escurecer, e Sara teve de esforçar a vista para ver o que se passava do outro lado do pátio. Reconheceu Trigg junto ao celeiro, encostado à parede e agarrado ao braço direito. Depois, ele baixou a cabeça e atravessou a correr o pátio em direcção à cozinha, olhando uma vez para trás. Sara ficou tensa, esperando qualquer sinal de perseguição, mas não viu nada. Ferido e desarmado, Trigg não preocupava os condenados por enquanto.

Trigg subiu, cambaleando, os dois degraus até à cozinha, ofegante e com o braço direito coberto de sangue. Voltou-se para Sara.

- O Hogan e eu já tínhamos conseguido reunir os homens e estávamos quase a enfiá-los nas cabanas quando aqueles diabos chegaram, minha senhora - disse ele debilmente. - Foi impossível dominá-los quando se aperceberam do que estava a passar-se. Fui atingido no braço e depois tive que me pôr a milhas. A Marv e a Bessie fugiram com eles. Eu sabia que a senhora, a Annie e o menino David estavam aqui sozinhos. - Fez um esforço para se endireitar. - Não sirvo para muito agora, mas acho que ainda consigo disparar uma arma.

- E o Hogan? - perguntou Sara numa voz fraca.

- Foi atingido nas costas. Há poucas hipóteses de ainda estar vivo.

Só LHE RESTAVA esperar junto à janela, com a arma apoiada a seu lado. Durante a hora que se seguiu, Sara assistiu, furiosa, à pilhagem dos armazéns, mas sem poder fazer nada. Depois, viu o que já receava:

as chamas irromperam sobre os telhados. Uma brisa forte alimentou o fogo, que alastrou de edifício para edifício com aterradora rapidez, formando um quadrado flamejante e abrasador.

O rum que os homens tinham pilhado fê-los exultarem com o sucesso e gritaram vitoriosos uns com os outros. Mas não tentaram aproximar-se da casa, talvez porque a cavalaria vazia os fizesse pensar que os Maclays tinham deixado Kintyre e porque já tinham toda a comida que conseguiam levar. Mas depois ocorreu a Sara que eles estavam a lutar contra o tempo: se tinham visto Evans partir em direcção a Kintyre, deviam esperar a chegada de tropas a qualquer momento. A viagem até ao rio e aos dois barcos ancorados na plataforma fixa começou logo após os anexos estarem em chamas.

David dormia num cesto debaixo da mesa quando a ela lhe pareceu que o último dos condenados já partira para os barcos. O fogo começava a diminuir. Sara acordou Trigg e Annie, e eles foram com ela lá para fora e atravessaram o pátio. O braço de Trigg tinha sido ligado e ele estava cheio de dores. Sara levava a arma.

Encontraram Jeremy deitado de bruços no quadrado dos anexos. O seu casaco estava manchado de sangue e também tinha sangue já seco na cabeça e no rosto. Não dava sinais de vida. Sara rasgou-lhe a camisa e inclinou-se para escutar o coração.

- Está vivo! - exclamou ela. Depois, deu uma ordem ríspida a Annie:

- Dá-me o teu avental. Temos de lhe ligar a cabeça antes de tentarmos levá-lo para dentro de casa.

ESTA SERIA a sua última patrulha da noite, verificando todas as persianas fechadas da casa. Em pouco menos de uma hora, o mato ficaria cinzento com os primeiros alvares da madrugada, e nessa altura acordaria Annie e Trigg para a substituírem na vigia. Olhou uma última vez para os vultos adormecidos à sua volta na sala antes de agarrar na lanterna e na arma. Annie estava enrolada no chão, com David a seu lado no cesto. Jeremy e Trigg estavam encostados à parede em frente Trigg num

sono inerte de exaustão, Jeremy agitado pela febre e com apenas breves períodos de consciência. Não estava tão ferido como Sara receara a princípio, embora uma bala lhe tivesse raspado a fronte e outra ainda estivesse alojada no seu ombro, mas perdera muito sangue.

Foi até à cozinha. Quando levantou a lanterna, espreitando no escuro, viu que a porta da despensa estava entreaberta. Semicerrou os olhos num esforço para se lembrar se a deixara aberta na última volta que dera pela casa. Pousou a lanterna no chão, depois levantou a arma e avançou em direcção à despensa.

Repentinamente, o vulto de um homem alto saiu de lá de dentro pela porta entreaberta. Ela ergueu mais a arma e recuou um passo, mas ele moveu-se com a rapidez de um falcão. Fez um gesto com a mão, desviando a arma para o lado. Sara disparou, mas ouviu-se apenas o ruído surdo de uma câmara vazia.

O homem era enorme e entroncado, muito mais alto que ela, e agarrou-lhe no pulso, torcendo-o para trás. Sara gemeu de dor quando a pistola caiu no chão entre eles. Abriu a boca para chamar Trigg, mas a mão rude do homem, cheirando a suor e a rum, tapou-lhe o rosto. Estava embriagado e balançava enquanto a agarrava.

- Nem um pio, senão parto-te o pescoço. - A enorme mão deslizou e rodeou-lhe o pescoço. Aterrorizada, Sara olhou para cima para ele. - Quantos homens é que aqui estão? - perguntou ele. - Dois?

Quando viu que ela não respondia, apertou mais a mão em torno do seu pescoço.

- Não tentes enganar-me! Eu vi-os. Ambos feridos... talvez até já estejam mortos a esta hora. - Tocou na pistola com o pé. - Onde estão as munições?

Ela fez sinal com a cabeça, apontando para o resto da casa, e ele prosseguiu:

- Há comida?

Ela acenou na direcção das prateleiras da cozinha, e ele grunhiu, satisfeito.

- Aqueles estupores deixaram-me para trás, malditos! Caí, desmaiei e eles levaram-me a arma e deixaram-me ali. Mas eu não me deixo vencer facilmente. Agora tenho mais que qualquer um deles: tenho uma pistola e comida... e ninguém com quem dividir. E tenho-te a ti. Não te lembras de mim, pois não? Andas a fazer de senhora fina há tempo demais para te lembrares dos teus companheiros do Georgette.

Quando Sara ficou tensa, ele fez um grande SOrriSO.

- Ah! Não gostaste, pois não? - Balançou para trás nos calcanhares. - Oh, eu tenho-te observado... já passou um ano desde que aqui cheguei e não me esqueço de como eras dantes: tu, toda maltrapilha. E agora torces o nariz ao sentir o mau cheiro daqueles como nós, que se matam a trabalhar nesta fazenda para te vestires de sedas. - Sacudiu-a brutalmente. - Mas agora sou livre. Vou fugir para o outro lado do rio, onde ninguém vai apanhar-me. - Cuspiu. - Os cavalos, onde é que estão?

-Não sei.

Ele agrediu-a no rosto.

- Diz-me, sua fedelha da sarjeta!

Então, a expressão dele alterou-se abruptamente. O seu rosto iluminou-se com uma nova emoção, uma lascívia embriagada que despertara ao bater-lhe. Estendeu a mão e rasgou-lhe a parte da frente do vestido.

Quando deixou de a agarrar com tanta força e se preparava para a beijar, Sara afastou violentamente a mão dele e agarrou o corpete. Mas não foi suficientemente rápida para segurar o pequeno punhal italiano, que caiu no chão entre eles.

O homem olhou para baixo, mas teve uma ligeira hesitação que deu tempo a Sara para se dobrar e agarrar no punhal antes de ele cair sobre um dos joelhos. Ela agachou-se com o punhal na mão direita, de frente para ele. Deixou-o aproximar-se até onde se atrevia e depois arremessou a lâmina para cima com toda a força. Ele fez uma tentativa desajeitada de afastá-la, mas ao inclinar-se para a frente o punhal enfiou-se-lhe no pescoço. O homem caiu em cima dela com os braços esticados, jorrando sangue e já morto.

Sara ouviu o barulho de passos cambaleantes vindo do corredor, e Jeremy apareceu na soleira da porta. Ela soltou um pequeno suspiro de alívio. Conseguiu ver à luz da lanterna o suor na testa dele, mas os olhos já não tinham a expressão de delírio da febre.

- Sara... - disse ele, tratando-a pela primeira vez pelo nome.

JEREMY e Sara estavam sentados sozinhos no escritório. Ela serviu dois brandies; as mãos tremiam-lhe.

- Este incidente vai alimentar bem os mexericos - disse ela num tom arrastado. - Revelei-me finalmente a pega de taberna que sempre julgaram que eu era. Mas você também nunca esperou outra coisa de mim.

- Sara! - Jeremy inclinou-se para a frente, e esse movimento pôs-lhe a cabeça a andar à roda. - Isso não é verdade! Ela ergueu as sobrancelhas.

- Nega ter considerado que Andrew era louco por ter-se casado comigo?

Após um grande silêncio, ele disse lentamente:

- Não nego tê-lo pensado, mas mudei de ideias. Deus sabe que lhe devo a vida... nenhum dos outros teria saído para me ir buscar. Mas não é só pelo que aconteceu hoje à noite. Nenhum homem no seu perfeito juízo poderia ter feito outra coisa senão admirá-la desde o início.

Ela articulou um som que poderia significar muita coisa.

Jeremy recostou-se na cadeira, levando a mão ao sangue seco na ligadura do braço.

- Andrew e eu éramos amigos antes de você cá chegar. Tive ciúmes de si porque ele a amava. Além disso, um homem que se encontra afastado do convívio das mulheres tende ou a odiar ou a amar a única mulher ao seu alcance e simultaneamente inalcançável. Eu desejava-a, mas nunca o quis admitir nem a mim próprio. - Fez uma pausa, e quando prosseguiu, a sua voz endurecera. - E agora terei que esquecer esta conversa... agir como se nunca tivesse tido lugar..., porque você pertence a Andrew. Mas servi-la-ei naquilo que puder durante toda a minha vida.

Ela limitou-se a fazer um aceno de cabeça, e ficaram ali sentados em silêncio durante muito tempo, enquanto a luz do dia ia entrando com maior intensidade pelas frinchas das persianas. Finalmente, foram ambos despertados por um barulho. Sara levantou-se e caminhou, arrastando os pés até à janela.

- Os soldados - disse ela, abrindo as persianas. O seu rosto estava

cansado e envelhecido. - São seis.

ANDREW chegou a Kintyre na madrugada do dia seguinte. Sara, que se encontrava na cama acordada, ouviu-o responder impacientemente à pergunta da sentinela, sentou-se e acendeu uma vela ao lado da cama.

Ele abriu a porta do quarto e ficou parado uns segundos a olhar para ela. Depois, abraçou-a e encostou o rosto ao peito dela. O corpo tremia-lhe.

- Sara! Sara! - Levantou o rosto para a fitar. - Vim logo que soube. Fiz a viagem de Sydney até cá sem parar. Não estás ferida?

Ela abanou a cabeça.

- Estou apenas exausta.

- E o David?

Ela fez um pequeno SOrriso.

- David esteve quase sempre a dormir... Mas foi horrível, Andrew. Tenho tanta coisa para te contar.

- Não tentes fazê-lo agora.

Ela fechou os olhos, e ele pousou suavemente os lábios nas suas pálpebras.

- Minha querida - disse ele -, quando a notícia chegou, diziam que tinhas morrido. Só soube que estavas sã e salva quando cheguei a Parramatta. Se tivesses morrido, eu não conseguiria continuar a viver.

- Andrew deu-lhe a mão e entrelaçaram os dedos.

Capítulo 7

Os OLHOS da colônia fixaram-se em Andrew Maclay com um interesse profundo e bastante malicioso quando mais tarde, naquele ano, ele anunciou que tencionava negociar em Sydney. O armazém Maclay, com residência por cima, ficou pronto no início de 1796. Situava-se num cruzamento movimentado, perto do cais - que, segundo cochichavam os curiosos, não era propriamente o local que um cavalheiro escolhesse para instalar a sua mulher e a família; mas, afinal, sendo essa mulher uma ex-condenada... A colônia ainda encolhia os ombros de divertimento e desprezo perante a simples menção de Sara.

Ao chegar à sua nova casa, Sara pensou com saudade na paz que deixara em Kintyre, mas rapidamente se dedicou a transformar em casa as divisões vazias.

Dois meses depois, nasceu Duncan, o seu segundo filho. No entender da colônia, Mrs. Maclay mal tivera tempo de se recompor do parto quando escandalizou Sydney deixando David e o recém-nascido sob os cuidados de Annie Stokes e começou a aparecer diariamente no armazém para atender os clientes. E era notório que este se enchia sempre de clientes masculinos nas horas em que se sabia que ela lá estava. Sentada atrás de uma pequena secretária, anotava as encomendas, conversando animadamente e vigiando com atenção os jovens empregados, acabados de chegar de Inglaterra, que se azafamavam, esforçando-se por lhe agradarem.

Nos ANOS seguintes, a colônia foi adquirindo um ar de permanência. Os colonos livres começaram a chegar aos poucos e poucos, e grupos de exploradores partiram para o interior. A ditadura dos militares teoricamente acabara com a chegada do governador Hunter, mas, na realidade, a supremacia deles era apenas menos ostensiva, devido a uma falsa deferência relativamente ao infeliz e impotente governador - o Regimento da Nova Gales do Sul continuava a encher os bolsos com os lucros do rum e do comércio. Hunter não tinha sagacidade à altura da astúcia aguçada pela ganância e nem sequer detinha o controle das tropas.

Andrew Maclay ia tendo os seus lucros como todos os outros. A fazenda Kintyre aumentou de tamanho, e para além do armazém em Sydney, ele era agora também proprietário de um barco à vela chamado Thistle. Este último era o maior empreendimento de Andrew até então.

Contratou um americano magro e rijo para comandante, mas quando tudo estava pronto para a partida do barco para Calcutá, o imediato adoeceu. Após uma hora de conversa séria com Sara, Andrew substituiu-o. O Thistle largou com a maré, e Sydney recostou-se para apreciar o espectáculo. A mulher tentando gerir simultaneamente um armazém na cidade e uma fazenda no Hawkesbury.

Sara saiu-se melhor do que até Andrew julgara ser possível. Com Jeremy Hogan a seu lado, ela tornou-se uma presença familiar na estrada entre Sydney e o Hawkesbury. O trabalho na fazenda prosseguiu como se o próprio Andrew lá estivesse, e Sara até o substituiu na compra de mercadorias quando chegava um barco com carga para venda. A princípio, ela era objecto de curiosidade e divertimento; posteriormente,

Sydney aprendeu que ela era uma negociante tão obstinada como o seu marido.

Nenhuma senhora de boas famílias conseguiria ser assim era a Opinião corrente na colónia.

Tanto Sara como Jeremy sabiam que o falatório esperava a primeira oportunidade de poder ligar os nomes de ambos, por isso Jeremy nunca ficava junto dela mais tempo do que o estritamente necessário e cumpria exclusivamente as suas funções como capataz de Andrew Maclay. As esperanças dos boateiros foram esmorecendo, mas nunca morreram.

Apanhando ventos favoráveis, Andrew regressou no Thistle bastante antes do que era esperado. A carga, desde frigideiras a xales de caxemira, trazia o aroma do Oriente, e as pessoas, ávidas de cor e de excitação, afluíram em grande número para ver e comprar. A segunda viagem demorou mais tempo, e o seu produto foi uma carga tão extraordinária que manteve Sydney a comentar e a comprar durante meses.

Andrew candidatou-se imediatamente a uma concessão de terras na baía de Woolloomooloo, longe das ruas poeirentas da cidade. Começou a construir uma casa espaçosa e elegante, a mais imponente que Sydney jamais vira. Comprou também uma pequena fazenda em Toongabbie, perto de Parramatta. Passado um mês, o Thistle largou novamente para o Oriente, sob o comando do mestre ianque. Dessa vez, Andrew ficou em terra, pois Sara esperava o terceiro filho.

Sebastian nasceu por cima do armazém antes de a nova casa, chamada Glenbarr, estar pronta. Mas no fim do Verão de 1800, Sara e os filhos mudaram-se finalmente para lá. As pessoas sorriam abertamente perante a perspectiva de uma condenada tentar montar uma casa como se fosse uma dama da alta sociedade.

O final do Verão de 1800 também trouxe a notícia do regresso de Napoleão a França como primeiro-cônsul, tendo-se escapulado do Egipto, deixando o seu exército onde a vitória de Nelson no Nilo o retivera. Paris acolhera-o num arrebatamento de alegria.

Sydney discutiu interessadamente as notícias, pois a guerra na Europa reflectia-se agora directamente na colónia. O secretário para os assuntos da colónia não tinha nem tempo nem oferta de produtos para fazer face às crescentes necessidades, e agora não havia hipótese de novos oficiais do Exército, não contaminados pelo rum nem pelo poder, se sentirem atraídos pelo Regimento da Nova Gales do Sul.

JEREMY examinou a nova sala de estar dos Maclays de sobrolho pensativamente franzido - soalho descoberto, janelas sem cortinas e caixas ainda por esvaziar. Sara e Andrew estavam de pé junto a uma mesa, concentrados a trincar um pato assado frio. Estavam ambos com um ar ansioso e impaciente. A luz do candeeiro apanhava-lhes o brilho dos olhos e o meio-sorriso fugaz que assomava constantemente ao rosto dos dois

Jeremy escutou bocados da conversa.

- E o jardim tem que ser bem planeado desta vez.

- Está bem, Andrew. - Sara pôs um pouco de carne num prato. - Mas nunca será tão bonito como o de Kintyre.

Andrew olhou de relance por cima do ombro.

- Ouviste isto, Jeremy? Construí a melhor casa da colónia e a minha mulher não

consegue pensar noutra coisa a não ser naquela miserável cabana no Hawkesburv.

Sara aproximou-se de Jeremy com o prato.

- Se esta casa for tão feliz como a de Kintyre, então eu também o serei.

Sentaram-se para comer em cima de caixotes por desempacotar, com o candeeiro no chão entre eles. Lá fora, as árvores agitavam-se suavemente ao sabor da brisa de Verão; via-se a lua cheia cor de laranja sobre o porto.

Sara voltou-se para Andrew e sorriu. O olhar que trocaram foi de intimidade. Jeremy amaldiçoou-os silenciosamente e desejou que se lembrassem de que ele era um homem e que podia enlouquecer de desejo.

Nos anos que se seguiram ao raide dos condenados a Kintyre, a confiança e amizade entre os três aprofundara-se. Quando estava mais alguém presente, Jeremy não passava do capataz de Andrew Maclay; mas quando estava sozinho com eles, fazia parte de uma unidade de três pessoas que tinham lutado juntas para alcançar o mesmo fim, e ainda o torturava testemunhar as intimidades da vida do casal.

- Lembram-se... - disse Jeremy de repente, detendo-se em seguida quando o casal o fitou com um ar inquiridor. - Lembram-se - prosseguiu então - de que na vossa noite de núpcias brindámos à senhora de Kintyre?

O rosto de Andrew iluminou-se de ternura, e Jeremy sentiu outra agonia de ciúme. Ficaram por instantes a recordar o vento frio que soprava naquela noite e as estrelas brilhantes e tão próximas.

- Já passaram quase sete anos. Mas ainda há tanta coisa para fazer - disse Andrew.

- Nunca vais ficar satisfeito? - perguntou Sara com meiguice.

Ele riu-se e respondeu:

- E porque haveria de ficar? Ainda hei-de ser um homem rico. Quero possuir uma riqueza que até em Londres seja reconhecida. - Levantou-se, afastou as pernas, como se estivesse no convés de um navio, e olhou para baixo, para a sua esposa. Ele tinha rugas demasiado profundas e abundantes para a idade em torno dos olhos. - Um dia levo-te de volta para Londres, Sara. Entretanto, vou adquirir mais terras e mais navios. Dá-me dez, quinze anos como os últimos sete e terás tudo aquilo que sempre desejaste.

Jeremy beberricou pensativamente o vinho. Passara a acreditar que a sorte de Andrew era eterna.

Outro brinde - disse ele. - Desta vez à casa Maclay! - Levantou o copo.

No ARMAZÉM Maclay havia sempre uma mistura de odores de sândalo, especiarias, velas e café em grão. Alinhados contra as paredes, encontravam-se barris de melaço e enormes queijos embrulhados em pano. As prateleiras estavam repletas de algodões e musselinas. Andrew esperava conseguir satisfazer todas as necessidades com as cargas trazidas pelo Thistle.

Uma manhã, dois meses após a mudança para Glenbarr, Sara estava sentada à secretária do armazém a fazer as contas, mas não conseguia deixar de pensar em Kintyre no Outono na quietude do mato ao meio-dia e no correr das águas do grande

rio. Olhou para cima quando uma sombra preencheu a soleira da porta, depois sorriu e levantou-se para cumprimentar o major Foveaux, do Regimento da Nova Gales do Sul.

- Posso ajudá-lo nalguma coisa, major?

- Sem dúvida, minha senhora. Ando à procura de um presente. Pensei talvez num xaile.

Sara dirigiu-se às prateleiras.

- Tenho aqui um de seda vindo da China... lindíssimo e sem quaisquer vestígios de água do mar.

Depois de Foveaux ter aprovado a sua escolha, ela prosseguiu:

- Algumas notícias do Speedy, major?

Como sempre, o interesse da colónia centrava-se no último navio chegado: passageiros e carga, cartas da família, notícias da guerra.

O sorriso de Foveaux poderia muito bem ter sido malicioso.

- Nada de que já não estivéssemos à espera. Entre os passageiros do Speedy, encontrava-se Philip Gidley King. Lembra-se com certeza de que ele era tenente no tempo do governador Phillip e comandante na ilha de Norfolk. Já há a certeza de que será o novo governador. Hunter recebeu ordens para regressar a Inglaterra.

Sara comentou em voz baixa:

- Então, já sabem em Inglaterra que ele não conseguiu cumprir as instruções que lhe deram?

- Obviamente. - Foveaux também baixara a voz. Representavam ambos o círculo de pessoas com muitos lucros que Hunter não fora capaz de quebrar.

- Então, trata-se de uma tentativa para aumentar o controle.

- Não tardarão a descobrir que não há nenhum governador no que nos possa impedir de fazer comércio como bem entendermos. No fundo, somos nós que arcamos com os riscos e produzimos quase todos os alimentos da colónia. É o nosso dinheiro que traz as poucas mercadorias que tornam a vida aqui suportável. Coisas como esta. - Agitou o xaile exótico.

- Quer ver mais alguma coisa? Tenho umas rendas.

- Não preciso de mais nada desse tipo. Mas tenho aqui uma lista de mantimentos para mandarem entregar a minha casa. - Tirou um papel do bolso.

- Mas que grande encomenda, major - disse Sara, surpreendida-, com o chá a seis xelins o quilo e o açúcar a quatro!

Foveaux encolheu os ombros.

- Não posso permitir que os meus convidados fiquem logo com má impressão da colónia. Já basta quando eles descobrirem por si próprios.

- Então, tem amigos entre os recém-chegados? - perguntou Sara com um sorriso.

- Eu e o capitão Barwell conhecemo-nos superficialmente em Londres há uns anos. Ele escreveu-me a dizer que vinha para cá, e é claro que tive muito gosto em lhe oferecer, a ele e à esposa, a minha hospitalidade até arranjam casa. Barwell foi ferido numa batalha na Holanda e trocou o seu posto no Exército por um no regimento.

Ao ouvir aquele nome, Sara foi invadida pelo pânico.

- Barwell? - repetiu ela em voz fraca.

- Richard Barwell. Creio que tanto ele como a esposa são do Kent. Ela é filha de Sir Geoffrey Watson. Acha que os conhece?

Ela tentou desesperadamente valer-se da contenção que a vida lhe ensinara, mas esta desvanecera-se. Naquele instante, Sara era duas mulheres: uma rigidamente treinada a ser discreta, refreando a língua na colônia ávida de mexericos, mantendo o nome de Richard nos recônditos do coração; e outra a rapariga impetuosa que fugira devido ao seu amor por ele.

- Outrora, conheci ambas as famílias - foi tudo o que conseguiu articular.

- Ah, compreendo. - O major não fez mais comentários.

Existia uma lei não-escrita na colônia: o passado nunca devia ser questionado - lei esta que ganhava força todos os anos com o crescente número de condenados cujas sentenças expiravam e que podiam então considerar-se homens livres. Podia falar-se do passado de uma pessoa nas suas costas, mas nunca à sua frente. Esta regra aplicava-se muito especialmente a Mrs. Maclay; ela era mulher de um colono livre e próspero, e, no entanto, por ser uma ex-condenada, não era recebida pelas mulheres da sua posição.

Sara permaneceu sentada durante muito tempo, com a lista à frente, depois de o major se ter ido embora. Nos primeiros anos de casada, pensara muito em Richard e sempre com um sentimento de mágoa; depois, acabou por pensar cada vez menos nele, enquanto Andrew ia aprendendo a satisfazer-lhe todos os desejos do coração e corpo e quando os filhos passaram a ocupar-lhe os pensamentos. Convencera-se de que o seu amor por Richard acabara, mas quando ele aparecesse novamente à sua frente, poderia não achar assim tão fácil pô-lo de lado uma segunda vez. Ficou abalada ao perceber que relativamente a Richard ainda não se sentia completamente segura de si mesma.

NESSA noite, Andrew levantou-se, com o copo e a garrafa de vinho de cristal na mão, e aproximou-se de Sara, sentada na outra extremidade da mesa. Serviu os copos de ambos e depois puxou uma cadeira parajunto da dela.

- O que é que se passa, minha querida? - Pegou-lhe na mão. - Desde que cheguei a casa que estás pálida que nem um fantasma.

- Querido Andrew, lembra-te de eu te ter falado nos Barwells, na família para quem o meu pai trabalhava como preceptor quando morreu? Tinham um filho com quem eu costumava ter lições... Richard Barwell.

- E depois? - A mão dele apertou a dela com força.

Sara prosseguiu lentamente:

- Soube hoje que ele chegou no Speedy com a mulher. O major Foveaux contou-me que ele trocou o posto no Exército por um no regimento. - Fez uma pausa e a sua boca endureceu-se. - Ele casou com a filha de Sir Geoffrey Watson, Alison.

- Watson? O homem que...

- O homem que me acusou de lhe ter roubado o dinheiro - completou ela em seu lugar. - O que é que eu faço? - sussurrou ela. Não podia de maneira nenhuma contar a Andrew que tinha medo das suas próprias emoções quando voltasse novamente a ver Richard.

Os olhos de Andrew foram ficando cada vez mais brilhantes até cintilarem; as linhas em torno da sua boca aprofundaram-se ligeiramente. Tinha o olhar cauteloso de um homem que vê os seus bens ameaçados. Aquele olhar consolou-a: significava que Andrew tinha um plano de combate.

- Estás com medo, minha querida? - disse ele, acariciando-lhe a mão.

- Estou. Podem prejudicar-me a mim, a ti e às crianças. Podem deitar abaixo tudo o que construístes aqui, bastando para isso darem um pouco à língua.

- Então, eu juro que não vão fazê-lo! - Andrew tirou a mão de cima da dela e deu um murro violento na mesa. - Eu tenho uma palavra a dizer na maneira como as coisas são geridas nesta colónia! Barwell tem de ficar a saber rapidamente que já não és nem criada nem condenada!

- Mas, Andrew, o que é que tu vais fazer? - murmurou ela.

- Só decidirei depois de saber mais coisas a respeito dele. Qualquer homem tem o seu ponto vulnerável. Creio que tenho uns assuntos urgentes a tratar com o major Foveaux. - Depois, beijou-a.

Deixou-a sentada à mesa, com o copo em que não tocara.

Andrew levava algum do seu medo com ele, mas o verdadeiro

o medo do seu antigo amor por Richard, estava ali sentado como um espectro a seu lado.

UMAS HORAS mais tarde, nessa mesma noite, a maçaneta da porta rodou e Andrew entrou no quarto. Sara sentou-se na cama.

- Que notícias trazes? - disse ela, pegando-lhe na mão.

- São melhores do que eu pensava. Bebemos uma garrafa de Madeira, e Foveaux ficou muito falador. Parece que os Barwells estão com problemas de dinheiro há já algum tempo. Têm gostos extravagantes. Sir Geoffrey perdeu a fortuna na guerra, estava investida em navios, e não sobrou muito para Alison após a sua morte.

- É..... - incitou Sara baixinho.

- E então, o capitão e Mrs. Barwell viveram muito felizes com o que restou até se acabar. Viveram com a tia de Alison, Lady Linton, durante um ano, mas a boa senhora percebeu que Barwell não mexeria uma palha enquanto pudesse contar com o apoio financeiro dela. Ouviu contar histórias sobre esta fabulosa Nova Gales do Sul.. como é fácil construir uma fortuna relativamente grande aqui. A opinião pessoal de Foveaux é de que ela os mandou para cá para aprenderem o verdadeiro valor do dinheiro antes de ela morrer e lhes deixar a sua fortuna.

- Têm filhos? - perguntou Sara num tom brusco.

- Por enquanto, não. Foveaux diz que Mrs. Barwell é demasiado débil.

- Então, agora temos que esperar e ver o que acontece.

Andrew inclinou-se para ela.

- Não é a altura indicada para esperar - declarou ele. - Já tomei providências. Pedi a Foveaux que me apresentasse a Barwell, pois eu tinha que saber qual seria a atitude dele em relação a ti. Foveaux foi chamá-lo, conversámos e ele disse-me que já tinha perguntado a Foveaux se sabia o que era feito de ti.

- O que era feito de mim! Assim sem mais nem menos?

- Convidei-o para vir cá jantar na quarta-feira com a mulher. - Quando ela olhou para ele com ar incrédulo, ele prosseguiu: - E porque não? Ele pretende ser nosso amigo, se tu lhe deres oportunidade. Lembra-te de que nesta altura já devem conhecer muito bem o novo governador.. viajaram até cá com ele. Podem vir a ser amigos muito importantes.

- Mas Alison não tardará a saber que nenhuma das mulheres dos oficiais me visita nem me convida. Virá uma vez e acabou-se.

- Não levarei muito tempo a encontrar uma maneira de os Barwells continuarem a desejar a nossa amizade, Sara.

Ela semicerrou os olhos, pensando no que ele acabara de dizer. Era segunda-feira. Tinha dois dias para se habituar à ideia de que ia rever Richard para disciplinar as suas emoções de modo que Andrew não as detectasse. E havia o temor de encarar Alison, a rapariga frágil e morena que avistara algumas vezes na residência paroquial.

Sentia-se grata pela pressão da mão de Andrew.

- Vou mandar um recado a Julia Ryder amanhã de manhã - disse ela, fitando-o. - Se os Ryders também pudessem vir... - Encolheu os ombros.

QUANDO os Barwells se aproximaram da sala de estar, Sara deu um passo em frente. Apesar de se ter preparado, reparou que o seu olhar pousou imediatamente em Richard. Ali estava ele, no seu uniforme do Regimento da Nova Gales do Sul, com um ar inquiridor. A última vez que o vira fora da residência paroquial, estava ele de pé, muito triste, no final da sua licença de Natal; naquela noite, aparentava uma elegância despreocupada que lhe faltava na altura. O seu rosto estava mais magro e mais atraente do que ela se lembrava. Uma cicatriz, da grossura de um fio de algodão, atravessava-lhe a testa, e o seu cabelo estava ligeiramente grisalho.

Sara percebeu que ele aparentava o ar de confiança de um homem acostumado ao sucesso com as mulheres e adivinhou que conseguira penetrar na roda da alta sociedade com a qual outrora sonhava. Richard estava ali de pé à sua frente com um sorriso, implorando-lhe perdão com os olhos. E Sara sentiu que ele estava certo de que ela não lhe resistiria.

Depois, olhou para Alison, que trazia um fabuloso vestido de cetim azul-forte que lhe realçava a pele branca e o cabelo escuro. Era elegante e altiva, embora ao lado de Richard parecesse minúscula. Tinha a mão possessivamente pousada no braço do marido. Não era bela, pensou Sara, mas tinha uns olhos muito bonitos e umas sobrancelhas pretas que pareciam asas.

- Boa noite, Mrs. Barwell - disse Sara, estendendo-lhe a mão.

Alison respondeu-lhe numa voz calma e segura, e Sara voltou-se para estender a mão a Richard, que se inclinou sobre ela.

- Minha querida Sara, é um grande prazer voltar a vê-la!

Ele viu o ligeiro rubor assomar-lhe ao rosto. A perspectiva de grande beleza de que ele se apercebera na residência paroquial confirmara-se para além do que esperava. Richard esquecera-se de como ela era alta e da maneira como fitava os olhos das pessoas sem vacilar quando falava. Corria o boato de que era ambiciosa, mas todos

diziam que era uma excelente esposa e mãe. Richard já recebera olhares apreciadores de muitas mulheres, mas nenhuma delas conseguira desconcertá-lo tanto como Sara naquele momento. Ela retirou a mão.

- Richard, eu também fico muito contente por vê-lo.

Então, voltou-se para apresentar o seu marido a Alison.

RICHARD riu-se e conversou animadamente durante a refeição, mas para Sara foi um pesadelo lento, uma luta para se controlar perante a emoção mais forte que jamais sentira. Era como se Richard lhe tivesse estendido as mãos e a tivesse arrastado em peso até ele. Ela tinha consciência de que ele era fraco, que não chegava aos calcanhares de Andrew, mas ainda atraía tão facilmente a sua atenção como nos velhos tempos. Andrew conquistara parte do seu amor e toda a sua lealdade, mas o âmago do seu coração sempre pertencera a Richard. E ele viera agora para o reclamar, como se nunca tivesse havido uma separação.

Sara sentia-se envergonhada e receosa, furiosa por ele lhe ter revelado a sua própria fraqueza. "E ele percebeu-o", disse para consigo.

Depois do jantar, Andrew reteve os homens mais tempo do que o costume enquanto bebiam vinho do Porto. Sentadas em frente de Sara, Julia e Alison conversavam sobre as notícias de Londres. "Graças a Deus que a Julia veio", pensou Sara, grata pela presença da mulher mais velha, que controlava a situação muito bem, disfarçando o silêncio de Sara, ajudando-a a atravessar aquele mau bocado até Andrew voltar para a apoiar.

Sara pensou que o rosto de Julia envelhecera e emagrecera nos últimos meses. O seu cabelo já estava bastante grisalho. No Natal, Sara e Andrew tinham levado os três filhos a casa dos Ryders para se despedirem de Ellen e de Charles, que iam partir para Inglaterra. Ellen matriculara-se num colégio para jovens em Bath, e Charles ia ingressar na Marinha. Sara dirigiu-se a Alison.

- Talvez a possamos convencer a tocar para nós, Mrs. Barwell? Sabe alguma música de Beethoven? As pessoas que chegaram recentemente à colónia falam muito dele.

- É sabido que Beethoven é um grande admirador de Bonaparte - replicou Alison com rispidez. - Não considero que seja patriótico encorajar o trabalho de pessoas desse tipo. - Sentou-se ao piano, mas preferiu tocar Mozart. Quando a música acabou, dirigiu-se a Sara: - Toca piano, é claro, Mrs. Maclay?

- Infelizmente, não - respondeu Sara. - Penso muitas vezes que foi uma sorte os meus filhos serem todos rapazes, pois não possuo dotes para transmitir a uma filha. Ainda não têm filhos, Mrs. Barwell?

Alison comprimiu os lábios, abanando a cabeça, e levantou-se muito direita do piano. Era sem dúvida filha de Sir Geoffrey em cada centímetro da sua pequena figura e do seu rosto distante e determinado, segura de que estava muito acima dos sarcasmos de uma ex-condenada. Sorriu graciosamente a Sara e sentou-se no sofá a seu lado.

Julia, desesperadamente pouco à vontade, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

- Receio que vá achar isto aqui muito aborrecido depois de Londres, Mrs.

Barwell.

- Pelo contrário, Mrs. Ryder. O meu marido tenciona dedicar-se à agricultura, e sei que me vou interessar muito por isso.

Contra sua própria vontade, Sara sentiu uma certa piedade dela. Aquela mulher ignorava, com a inocência de uma criança, aquilo que a esperava. Teria ela alguma noção do que era lidar com condenadas silenciosas de raiva ou ver o ódio nos olhos de um homem quando os levantava do canteiro do jardim onde cavava? Saberia ela que os nativos por vezes assassinavam e roubavam, que as cheias levavam as sementeiras e que os incêndios alastravam pelo mato seco? Falava de agricultura como se estivesse no Kent ou no Sussex.

Andrew abriu ruidosamente a porta. Sara percebeu imediatamente que algo mais do que cortesias sociais detivera os homens. Algo acontecera para pôr Andrew de tão bom-humor, enquanto James Ryder se mostrava tão sério e reservado. Quanto a Richard, estava com o ar de um homem que se lançara em algo que receava um pouco.

O RELÓGIO de sala bateu mais cinco quartos de hora, e os convidados dos Maclays continuavam a não fazer menção de se retirar. Richard e Alison sentaram-se juntos ao piano, e ele cantou algumas das baladas sentimentais que corriam os salões de Londres. Naquela altura, já Sara estava completamente ciente do tipo de relação que existia entre Alison e Richard. Ao ver o marido entrar, a jovem esposa ficara logo muito animada; nunca estava parada, mexendo-se e rindo-se num esforço para atrair a atenção dele, e satisfazia-se com pouco: bastava-lhe um sorriso de Richard. Sara sentia-se enfurecida pela maneira como ele dispensava distraidamente essas pequenas atenções à mulher. O pai de Alison comprara-o para ela, e ela agarrava no prémio com tanta insegurança como se só estivesse nas suas mãos há uma hora. Sara ficou estarelecida com a ideia: Alison tinha medo que Richard se fartasse dela.

A certa altura, Alison disse alegremente:

- Richard, a minha canção.

- Com certeza, minha querida. - Olhou directamente para Sara. - Bebe à minha saúde apenas com esses teus olhos

Só Richard seria capaz daquilo, pensou Sara, irada. Só ele seria capaz de cantar para outra mulher uma canção que pertencia à esposa.

ANDREW entrou a rir no quarto iluminado por velas.

- Capturámo-los, Sara. Richard Barwell acaba de entregar-se nas minhas mãos. Vou emprestar-lhe dinheiro suficiente para comprar a fazenda e construir uma casa aqui em Sydney.

- Endoideceste? Vais emprestar-lhe dinheiro?! Aqueles dois nunca foram capazes de poupar um cêntimo na vida. Emprestar-lhes dinheiro é o mesmo que deitá-lo fora - disse ela impetuosamente.

Fez-se silêncio a seguir à sua explosão. Depois, Andrew disse calmamente:

- Sara, ouve. Eu comprei-te a amizade de Alison Barwell. Comprei-te um passado e uma amiga de boas famílias. Basta Alison Barwell tratar-te por Sara uma vez

em público para que todas as outras desgraçadas venham bajular-te.

Ela baixou a cabeça por instantes, e quando finalmente a levantou, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto.

- Mas Alison.. - murmurou. - Ela não me vai querer como amiga.

- Alison fará aquilo que o marido lhe disser. Ela ama-o desesperadamente.

Capítulo 8

A LUZ INTENSA daquela tarde de Outono extinguiu-se lentamente no porto, e mais além o vento encrespava a superfície fria e compacta do Pacífico. Sara observava David, que pescara um pequeno peixe e o levantava para que ela pudesse admirá-lo.

Ted, o barqueiro, olhou para a patroa.

- Acho melhor regressarmos, minha senhora. O vento mudou; está a Soprar do outro lado do cabo, agora. - Começou a remar rapidamente em direcção à praia dos Maclay. Por entre as árvores, via-se o telhado de Glenbarr.

David, que ia sentado à popa, apontou repentinamente.

- Olhe, mãe, está uma pessoa na praia. Um cavalheiro.

Sara, com a mão prendendo o cinto de Duncan para o impedir de se levantar, torceu-se para olhar. Junto ao carreiro que ia dar à casa avistou um vulto alto, que levantou o braço e acenou. Sara também levantou a mão, retribuindo timidamente o aceno.

- Creio que é o capitão Barwell, David.

RICHARD aguardava à borda-d'água e sorriu alegremente a Sara.

- Vim fazer uma visita - disse ele. - Disseram-me que tinha ido pescar, por isso descí até à praia. - Olhou para as duas crianças, sorrindo. - É um grande prazer conhecê-los, David e Duncan. Conheço a vossa mãe há muitos anos.

Sara tocou no ombro de David.

- Leva Duncan e vai com Ted. Pede-lhe para arranjar o peixe para o pequeno-almoço de amanhã.

Sara e Richard viram-nos partir. A pequena baía estava silenciosa. O Sol quase que desaparecera; as sombras alongavam-se sobre as águas.

Richard voltou-se para ela.

- Talvez tenha sido um erro vir visitar-te assim.

Sara não olhou para ele e sim para a baía.

- Sim, foi um erro. Tens muito que aprender sobre a vida aqui. A cidade é como uma aldeia... os mexericos são raros e muito procurados.

- Será mesmo Sara quem está a falar? Tanta prudência!

- Desafiar as convenções é só para aqueles que podem dar-se a esse luxo - respondeu ela abruptamente. - Eu não posso.

Ele pegou-lhe no braço, levando-a para junto de uma rocha.

- Mas podes com certeza sentar-te aqui uns minutos?

Ele sorriu, e Sara cedeu. Sentou-se na rocha a seu lado, tentando pôr ordem no cabelo desgrenhado pelo vento.

Richard colocou a mão sobre as mãos dela.

- Tinha que te ver - disse ele. - O jantar ontem à noite foi insuportável. Estavas tão próxima e, no entanto, não podia falar contigo. - Os seus olhos pousaram nos caracóis despenteados dela. - Lembras-te de como Sebastian costumava soltar-te o cabelo? Agitava-se ao vento e depois tu fingias ficar zangada. Agora, pareces novamente uma rapariga, a Sara Dane de que me recordo.

Ela tapou o rosto com as mãos.

- Richard, imploro-te. Não tenho forças para te mandar embora.

- Acho que temos todo o direito de conversar depois de todos estes anos.

Ela endireitou-se, tensa.

- Não podes alegar que pensaste muito em mim desde que saí da residência paroquial.

- Não digas isso! Escrevi-te assim que soube do julgamento. Meses mais tarde, recebi uma carta de Newgate, de uma mulher chamada Charlotte Barker, dizendo que partiras de barco para Botany Bay. o que podia eu fazer? Tinha-te perdido. - O tom de voz endureceu. - Mas ergueste-te como um fantasma entre mim e tudo aquilo que me poderia ter dado alegria e satisfação na vida. Fui combater na Holanda com a ideia de que, se morresse, me libertaria com prazer do tormento da auto-recriminação. Casei-me com Alison acreditando que ia esquecer-te, mas enganei-me. Mulher nenhuma me interessava depois de ti.

Ele aproximou-se mais dela.

- Procurei saber notícias tuas onde era possível. Por fim, tive a grande sorte de conhecer o ex-governador Phillip. Contou-me que te tinhas casado com um oficial da Companhia das Índias Orientais e que ele próprio te concedera o perdão. Fui eu que sugeri a Nova Gales do Sul a Lady Linton e fi-la acreditar que a ideia fora dela.

Sara inclinou-se involuntariamente para a frente e encostou o rosto ao ombro dele.

- Oh, Richard, o que poderias esperar lucrar vindo para cá?

- Queria viver num sítio onde pudesse ver-te de vez em quando. Tinha esperanças de poder fazer alguma coisa da minha vida se estivesse por perto e visse os meus esforços. Aceitei o dinheiro do teu marido porque me dá a oportunidade de fazer algo mais que viver tristemente do salário de capitão e porque quero sentir-me ligado a ti. - Ele pôs-lhe a mão no cabelo, afastando-lho suavemente da fronte. - Possuis o feitiço do Diabo, Sara!

- Disseste que me tinhas perdido e continua a ser verdade. Já viste com certeza o que eu e Andrew construímos aqui um para o outro. As nossas vidas tornaram-se de tal maneira entrelaçadas que nada pode separar-nos.

- Mas eu fui o primeiro homem que amaste. E preciso de ti!

- Não. - Ela estava com medo. - Eu amo Andrew e ele precisa de mim.

- Não é como amante que eu te quero. Podes continuar a ser tudo o que tens sido para ele ao longo de todos estes anos. Eu quero-te para mim, quero a Sara que ele nunca viu nem conheceu.

- Andrew não se deixa enganar. Não posso permitir que chegues aqui e destruas tudo o que construí!

Ele agarrou-a enquanto dizia desesperadamente:

- és capaz de negar que também me amas? Diz lá! Se ao menos tivesse a certeza disso, deixava-te em paz.

Ela colocou os braços em torno do pescoço dele.

- Deus me perdoe - sussurrou ela. - Eu ainda te amo.

Ele levantou-se, puxando-a para cima. A última vez que a beijara fora na sala de aulas na residência paroquial. Naquela altura, beijou-a na baía deserta com a paixão e o desejo de todos aqueles anos de permeio.

NUMA DAS SALAS por cima do armazém, Sara ia murmurando para si própria enquanto escrevia num bloco de notas:

- Algodão... azul-escuro... oito peças. As flores... cinco peças. Casimira fina... - A porta abriu-se, e ela levantou-se de um salto, sorrindo de satisfação. - Jeremy! O que é que o trouxe de Kintyre?

Jeremy não sorriu.

- Andrew quer a minha opinião na venda de mercadorias em Parramatta. - Ela apercebeu-se repentinamente que os olhos dele estavam zangados. - Parei em dois sítios antes de vir para cá. No estábulo de Joe Maguire e depois no Pat Costello para comer queijo e tomar uma cerveja. Ouvi sempre a mesma história.

- Que história? Por amor de Deus, diga-me!

- Oh, foi-me contada num tom casual, mas não tive dúvidas sobre o seu significado. Já sabia que tinham chegado dois grandes amigos de Mrs. Maclay no Speedy? E não era óptimo para ela estar novamente com os amigos, principalmente sendo eles pessoas distintas como eram? - A pronúncia de Jeremy era uma boa imitação da de Costello.

- Embora Mrs. Barwell tivesse apenas jantado uma vez em Glenbarr, o capitão, esse... Bom, aí o caso mudava completamente de figura. O carreiro até à casajá devia estar gasto, tantas eram as vezes que ele lá ia. Ora, deixe-me lá ver. Teriam sido quatro vezes a semana passada e duas já esta semana? - Parou abruptamente, e a sua voz perdeu o tom meio lamecha de Costello. - Para ser franco, fiquei enojado só de ouvir.

Sara empalideceu de raiva, os seus olhos pareciam duas pedras verdes. Estava suficientemente perto para lhe dar uma bofetada. A sua mão ficou marcada na cara dele.

- Mentiras! - disse ela. - Conversa de estábulo a que você deu ouvidos, Jeremy Hogan! Richard Banvell vai lá a casa porque quer conselhos. Se os coscuvilheiros querem dar outro significado às suas visitas, o que é que eu posso fazer?

- Fazer? - ripostou ele. - Dizer-lhe que vá para o inferno. E se não o fizer, faço-o eu. Ele está lá em casa agora. - Ela parecia tão chocada como se também lhe tivessem dado uma bofetada, e a voz de Jeremy suavizou-se, mas os seus olhos estavam empedernidos. - Ouça bem. Andrew não pode continuar surdo e cego muito mais tempo.

Ela juntou as mãos para que não tremessem.

- Jeremy - disse ela -, vem até lá a casa comigo? Se Barwell lá estiver à espera, digo-lhe exactamente o que você me aconselhou a dizer.

SARA foi encontrar Richard de pé em frente à lareira da sala. A chuva tamborilava no telhado da varanda, e do outro lado das janelas, sob o céu carregado, os eucaliptos estavam de um verde-pardo e escuro. De uma certa e inexplicável maneira, tudo condizia com a postura indiferente e descontraída de Richard, com o seu invulgar

ar sério. Ele tirou-lhe a capa dos ombros com dedos delicados. Depois, pegou-lhe nas mãos.

- Pareces uma jovem. Lembras-te

- Cala-te. Não é altura para recordações. - Sara retirou firmemente as mãos.

- Sara - ele franziu vagamente o sobrolho -, são tão poucas as vezes que estamos juntos que quando isso acontece podíamos fingir...

- Fingir? Ambos sabemos que esse fingimento tem de acabar. Já acabou, Richard. Só que desta vez eles deram cabo de tudo antes mesmo de ter começado.

-Eles?

- Os olhos atentos, as línguas aguçadas. É tão fácil exagerar o número de vezes que tu cá vens! A coisa não tarda a chegar aos ouvidos de Andrew e de Alison.

Ele semicerrou os olhos.

- Quem é que te enfiou isso na cabeça?

- Foi Jeremy Hogan, já que queres saber - informou ela.

- E quem é esse Jeremy Hogan que tem o privilégio de te dizer tais coisas? - Calou-se tristemente. - Não podes negar que ainda me amas!

Sara olhou fixamente para o rosto bonito e obstinado de Richard. Ficou repentinamente zangada com ele como nunca estivera antes.

- Não, não o nego - disse ela. - Mas tu não vais destruir o que eu e o Andrew construímos juntos. Quero que saias imediatamente desta casa e que não voltes a visitar-me sozinho.

A fúria e o desânimo debatiam-se no rosto de Richard, mas ele disse baixinho:

- Eu nunca poderia ser como Andrew. Mas creio que preciso mais de ti do que ele. E mais, tu também precisas de mim. Seja como for, tu fizeste a tua nobre escolha, minha querida, e espero que fiques satisfeita com ela.

Dirigiu-se a uma das grandes janelas, abriu-a e ficou a olhar lá para fora para a chuva. Finalmente, voltou-se para ela.

- Nós vamos voltar a encontrar-nos, Andrew garantiu-o com a sua generosa oferta. E espero que sofras nem que seja uma pequena parcela do meu tormento. - Fez-lhe uma pequena vénia e saiu. Depois, atravessou a varanda a passos largos e saltou a grade.

Passados alguns minutos, ao ouvir o barulho de um cavalo a descer a trote o carreiro, Jeremy Hogan levantou-se da mesa onde Annie Stokes lhe servira uma refeição e saiu para a varanda. Debruçou-se sobre a grade para ver o brilho repentino do uniforme vermelho-vivo contra as árvores sombrias. O puro-sangue era preto e brilhava com a chuva.

- Podes cavalgar como se tu e o cavalo tivessem nascido juntos - resmungou Jeremy em voz alta. - Mas eu cá não choraria, capitão Barwell, se me viessem dizer que tinhas caído e partido o teu maldito pescoço.

UMA BELA noite, três semanas depois, Andrew encontrava-se na sala do major Foveaux examinando com ar crítico as pessoas que tinham chegado mais cedo. Ouvia-se lá fora o barulho das carruagens. "Virão todos", pensou ele; não havia uma

única mulher na colónia que se recusasse a conhecer Alison Barwell. Até King, o governador nomeado, prometera ir à recepção.

Andrew fez uma vénia à mulher de John Macarthur do outro lado da sala, mas depois desviou a sua atenção para o grupo que se encontrava mesmo ao lado da porta. Lá estava Alison, fabulosamente vestida. Ladeada por Richard e Sara, com o seu vestido de seda cor-de-rosa. Andrew observou a mulher com orgulho. Sóo rosto corado e o movimento ligeiramente irrequieto do leque deixavam transparecer que estava nervosa.

Ouviu-se um burburinho de vozes no hali. Foveaux avançou para cumprimentar mais convidados. Apresentava Alison, depois Richard, e à medida que cada convidado ia passando, Alison, com um sorriso encantador, apresentava Sara:

- É claro que já conhece a minha amiga Mrs. Maclay.

Andrew circulava por entre os convidados. Chegou até ele a voz de uma mulher que tinha fama de coscuvilheira:

- Eu só gostava de saber como é que a Sara Maclay é amiga de Mrs. Barwell. É um escândalo terem-na convidado.

Depois, ouviu a voz de um homem dizer delicadamente:

- Mas ambos os Barwells dizem tê-la conhecido quando eram crianças.

Toda a gente se calou quando Philip Gidley King entrou imponentemente na sala, acompanhado da sua mulher, Josepha Ann, de cabelo escuro. Era sabido que Josepha Ann gostava muito de Alison, e o próprio King fez-lhe um sorriso caloroso. Quando Alison estendeu graciosamente a mão na direcção de Sara, o silêncio aumentou na sala, e a voz límpida de Alison foi ouvida por todos.

- Sir, gostaria de apresentar-lhe a minha querida amiga Mrs. Maclay. Conhecemo-nos desde crianças.

Kin- fez uma vénia.

- É um prazer conhecê-la, minha senhora. Qualquer amiga da nossa encantadora Mrs. Barwell é, obviamente...

Andrew observou o tremeluzir da seda cor-de-rosa do vestido de Sara quando ela se baixou num cumprimento. King já devia estar informado da história de Sara e devia igualmente saber que o marido daquela ex-condenada tinha bastante poder - o poder da sua fortuna e o peso que tinha na associação mercantil. O principal intuito de King era esmagar o monopólio da associação, mas não lhe faria mal nenhum arranjar alguns amigos entre os homens que pretendia subjugar. O governador nomeado da Nova Gales do Sul sorriu à jovem e alta esposa de Andrew Maclay, e a sempre leal Josepha Ann apressou-se a seguir-lhe o exemplo.

DURANTE mais de dois meses, Richard nunca apareceu em Glenbarr sem Alison. Por vezes, ele e Andrew ficavam até tarde sentados a discutir pormenores da Fazenda Hyde, que passara para as mãos de Richard. Este mantinha uma atitude distante para com Sara, e ela estava convencida de que ele nunca mais a visitaria sozinho, até um dia à tarde em que Annie entrou no quarto para anunciar que o capitão Barwell a esperava na sala. Sara encontrou-o descontraidamente encostado à cornija da lareira.

- Não vale a pena pores esse ar, Sara. Tenciono cá vir sempre que sentir que tenho de estar contigo uns minutos, caso contrário ainda cometo alguma loucura. Mas não te preocupes, minha querida, não serão tantas vezes assim que possam dar cabo da tua reputação. E pareceria estranho recusares-te a receber-me, uma vez que Alison é visita da casa.

Assim, durante o Inverno, Richard fazia uma visita à sala de estar de Sara, à tarde, de duas em duas ou de três em três semanas. Contava-lhe os seus planos para a Fazenda Hyde, tendo-se lançado no projecto com a temeridade da inexperiência, mas nenhum conselho que Sara lhe desse era ouvido.

Durante esses meses, as mulheres da colónia começaram a seguir o exemplo de Alison. Passaram a cumprimentar Sara na rua com um discreto inclinar da cabeça, e já não a ignoravam na loja. Alison ia frequentemente a Glenbarr, mas ela e Sara nunca se tornaram amigas íntimas.

Alison tinha uma fé cega na capacidade de Richard para cultivar a sua terra com a ajuda de um capataz e cumprir os seus deveres no quartel. Havia muitos homens na Nova Gales do Sul que faziam o mesmo e estavam a construir pequenas fortunas. Ela vivia num sonho de prosperidade futura e, entretanto, era uma dádiva de Deus poder retirar dinheiro - para cavalos, bom vinho e vestidos - do fluxo constante que Andrew Maclay parecia nunca recusar.

Capítulo 9

SARA suspirou de alívio quando a aldeia de Castle Hill apareceu ao fundo de um troço da estrada. Cerca de cinco quilómetros a seguir à pequena aldeia, havia uma fazenda negligenciada, chamada Priest, que os Maclays tinham acabado de adquirir. Bastante feliz Sara reflectiu nas perspectivas. Daí a dois anos, se Andrew tivesse razão, aquele pedaço de terra teria o mesmo aspecto próspero que caracterizava as suas fazendas em Toongabbie e Hawkesburv. Ele e Jeremy já estavam em Priest, mas após algumas semanas de trabalho duro conjunto, Andrew regressaria a Sydney enquanto Jeremy permaneceria lá.

Quando Andrew escrevera a dar a notícia a Sara, ela pusera impulsivamente umas roupas numa mala e mandara aparelhar a carruagem. Deixou o armazém a cargo do chefe dos empregados, Glenbarr nas mãos de Bennett, o mordomo, e as crianças ao cuidado de Annie.

Prometeu a si mesma regressar naquela viagem à simplicidade dos primeiros dias no Hawkesburv - apenas ela, Andrew e Jeremy discutindo os problemas do solo exaurido, do gado descurado, da falta de mão-de-obra. Cozinhar para eles, e durante duas semanas partilharia da amizade intacta dos dois homens que tinham construído o seu mundo.

A carruagem encontrava-se agora no meio da desordem das casas caídas com telhados de colmo que constituíam a aldeia de Castle Hill. Três homens da aldeia e dois soldados de folga estavam parados ociosamente à porta da casa de Nell Finnigan. Nell, uma ex-condenada enorme e bonita, geria a casa do marido como uma estalagem.

De repente, a carruagem parou com um solavanco em frente à oficina do ferreiro. Sara enfiou a cabeça pela janela, e Edwards, o cocheiro grisalho de Andrew, desceu.

- A Goldie ficou coxa, minha senhora - disse ele. - Talvez Carson, o ferreiro, nos possa dispensar outro cavalo e deixávamos a Goldie aqui. - Desapareceu no interior escuro da oficina, depois reapareceu e aproximou-se de Sara. - Carson tem outro cavalo para nós. Partimos daqui a nada.

Sara desceu da carruagem.

- Estou com sede. Vou até ao outro lado da rua, a casa de Nell Finnigan, beber água fresca.

Quando chegou a casa de Nell, o pequeno grupo que estava a beber cerveja à porta já vagueava de copo na mão pela travessa que separava a casa do quartel. Juntaram-se talvez mais meia dúzia de homens ao grupo.

Cheia de curiosidade, Sara avançou alguns passos na travessa e depois percebeu a razão do ajuntamento. Via então o pátio do quartel. O homem amarrado ao poste estava inconsciente, e o único som que se ouvia era o zumbido do chicote ao oscilar nas mãos do açoitador e depois a bater na carne nua. Um soldado de pé junto ao poste ia contando as vergastadas em tom de cantilena.

- Quarenta e sete...

Ela já assistira àquilo - estava gravado na sua memória desde os tempos do Georgette. Era uma coisa tão comum na colónia como eram na Inglaterra a força e o

cadáver oscilando num cruzamento.

- Cinquenta e uma

Sara tapou os ouvidos com as mãos e correu para a casa de Nell Finnigan. Percorrendo às apalpadelas a viela escura e fria da estalagem, esbarrou contra uma porta, que se abriu de par em par com um estrondo.

Um homem que se encontrava sentado num banco ao lado da janela levantou-se de um salto. Agarrou-lhe firmemente nos braços e fixou os olhos astutos no seu rosto.

- Está doente?

Sara tremia e sentiu-se conduzida para um banco. O desconhecido aproximou delicadamente um copo dos seus lábios.

- Beba um pouco deste vinho. - Falava inglês com um ligeiro sotaque.

O homem era magro, muito moreno e muito alto. Os olhos inquiridores eram quase pretos; o seu cabelo, sem vestígios de pó, também era preto. A boca era ligeiramente fina demais, concluiu Sara.

- Sente-se melhor agora? - perguntou ele.

- Obrigada. Sinto-me muito melhor. Creio que talvez o sol

- Ou o açoitamento? - sugeriu ele. - Não é espectáculo para uma senhora.

Enquanto ele falava, Sara tentava adivinhar a sua identidade. A colónia ainda era demasiado pequena para permitir que um desconhecido chegasse sem causar uma torrente de comentários. Os olhos dela repararam no corte do seu casaco, no feitiço das suas botas pontiagudas, na esmeralda no dedo mindinho da mão esquerda. Depois, lembrou-se dos vagos mexericos que ouvira na loja sobre um francês que chegara num sloop americano que estava ancorado no porto. Aparentemente, tencionava permanecer uns tempos na Nova Gales do Sul.

Sara apercebeu-se de que estava a fitá-lo como uma campónia. Ele esboçou uma graciosa vénia.

- Talvez seja melhor apresentar-me, madame, chamo-me Louis de Bourget. Vou a caminho da casa de Mr. William Cooper para desfrutar da sua hospitalidade. Conhecemo-nos durante as semanas que os nossos barcos estiveram ancorados na Cidade do Cabo.

Sara estendeu-lhe a mão.

- Seja muito bem-vindo à colónia, Monsieur De Bourget. Eu chamo-me Sara Maclay.

Ele sorriu calorosamente e beijou-lhe a mão.

DEZ ANOS antes, ao desbravar pela primeira vez as suas terras, Joseph Priest tinha o sonho de um poeta para a sua fazenda, descobrindo beleza na paisagem agreste. Mas ele bebia muito, e ano após ano tanto ele como a fazenda se tinham deteriorado. As mimosas que Priest plantara estavam a desabrochar, douradas, quando Sara percorreu pela primeira vez a alameda, mas a casa era uma ruína.

Quando a carruagem parou com um solavanco, Jeremy abriu violentamente a porta.

- Sara! O que a traz por cá? Mas que maravilha! Andrew vai ficar encantado! -

gritou ele.

Mas nessa altura apercebeu-se de que ela já não olhava para si Andrew descia a correr os degraus da varanda delapidada, e Jererny viu-a lançar os braços à volta do pescoço do marido.

Entraram em casa, mas Jeremy ficou na varanda a matutar quando teria começado a amar Sara. Talvez naquela noite de núpcias no mato, talvez na noite em que os condenados tinham invadido Kintyre. Talvez a tivesse sempre conhecido e amado - não teria sido ela o mito de todos os sonhos de amor que ele tivera? Encostou-se ao pilar da varanda e pousou os olhos no desabrochar dourado das mimosas.

ANDREW estava de pé ao fundo da ampla escadaria de Glenbarr.

-Sara - gritou ele -'já estás pronta?

Ouviu-se o roçar do brocado teso nas escadas, e o olhar de Andrew abarcou o vestido de Sara,,azul-pálido e prateado - um tecido extravagante que ele trouxera da India. Ela desceu com um lampejo de SORRISO no rosto, enquanto Annie, que vinha atrás com a capa da patroa nas mãos, ostentava uma expressão de orgulho e satisfação.

Bennett permaneceu ao lado da porta da carruagem até Sara e Andrew se terem sentado, e nessa altura Edwards pegou nas rédeas. Endireitou os ombros e, pelo puro prazer de o ouvir, anunciou em voz alta:

-Palácio do Governador, sir. Muito bem.

Os NOMES dos Maclays ecoaram pelo comprido salão, e os olhares voltaram-se para verem Andrew fazer uma vénia e Sara uma cortesia, reparando que o governador se mostrava afável e que Mrs. King tinha um sorriso de boas-vindas. Depois, o zumbido das vozes aumentou ainda mais quando os Maclays se juntaram aos Ryders.

A posição de Sara na minúscula sociedade de Sydney ainda era precária. Naquela noite, o selo da aprovação oficial fora verdadeiramente apostado pela primeira vez. Ouvia-se repetir constantemente a mesma pergunta nos pequenos grupos que se formavam: porque teria Sara Maclay sido recebida no Palácio do Governador quando nenhum outro ex-condenado jamais tivera tal privilégio?

Um homem no meio da multidão tinha uma explicação convincente, e, por detrás dos leques abertos, a história espalhou-se. Mrs. King tivera a ideia de construir um orfanato feminino para as centenas de crianças ilegítimas que vagueavam pelas ruas de Sydney. Para isso precisava de dinheiro, e Andrew doara mil libras.

Sara ouviu anunciarem o capitão e Mrs. Barwell. Alison envergava um requintado vestido branco que fazia que todas as outras mulheres na sala parecessem ataviadas demais. Quando começou a circular no meio das pessoas, Richard pôs-se a olhar em volta de um modo que já era familiar a Sara. Sabia que o seu olhar não tardaria a encontrá-la.

-Monsieur Louis de Bourget!

O volume das conversas aumentou quando De Bourget fez a vénia ao governador e à sua mulher. Sara reparou que, rodeado de rostos ingleses, o seu ar gaulês era mais pronunciado que na sala de Nell Finnigan. O seu casaco

vermelho-escuro e sapatos de fivela dourada eram demasiado imponentes para aquela pequena reunião vice-real. Ela abanou o leque e voltou-se para Andrew.

- Aquele é o francês com quem falei em casa de Nell Finnigan.

Julia Ryder ergueu as sobrancelhas.

- Conheceste-o mesmo? Parece-me que és a única pessoa que pode gabar-se disso.

- Não sei nada a seu respeito, para além do nome.

James pigarreou.

- Correm rumores de que Monsieur De Bourget é primo do marquês de L. e que não tinha dinheiro, mas exercia uma considerável influência sobre o marquês. A família permaneceu tempo demais no país depois da Revolução e foram vítimas dos massacres de Setembro. O marquês apercebeu-se de que não conseguiria escapar de Paris e implorou ao primo, que não tinha um tostão, para levar a sua filha única para Londres. De Bourget conseguiu fazê-lo e levou também as jóias da família. A criança era doente e morreu em Londres um ano depois. Ao que parece, De Bourget tratou dela com muita devoção.

- E tu acreditas nisso tudo? - perguntou Andrew.

- O que se sabe ao certo é que De Bourget possui muito dinheiro e que tem viajado muito nestes últimos anos. Quem é que sabe se ele não passava de um secretário de confiança do marquês e não era seu parente? Seja como for, com a morte da criança ficou senhor de uma fortuna.

- É casado? - perguntou Julia.

James acenou que sim.

- Casou-se com a filha de um nobre rural do Gloucestershire, mas passado um ano ela foi visitar a família e nunca mais voltou para De Bourget. Tem uma criança, creio, uma filha.

- Uma fortuna em jóias e mesmo assim a mulher não consegue suportá-lo por mais de um ano. - Sara ponderou naquilo. - Não faz muito sentido. Talvez se mantenha afastado de Inglaterra por causa dela ou para a eventualidade de alguém aparecer a reclamar parte da fortuna.

Andrew tocou-lhe no braço.

- Se tiveres coragem para isso, podes tu mesma perguntar-lhe - Macarthur vem aí com o francês.

Sara voltou-se com as faces coradas. Macarthur gesticulava, sorrindo na direcção do francês.

- Monsieur De Bourget diz que já a conhece.

- Madame - disse Louis de Bourget -, estou rodeado de estranhos. Espero que a senhora e o seu marido me perdoem por lhes estar a impor assim a minha companhia.

Levantou a mão dela para a beijar, e Sara sabia que todos os olhos da sala estavam cravados neles.

Louis DE BOURGET satisfazia a necessidade sentida por Andrew de um confidente que estivesse afastado da luta incessante pelo lucro, e durante os dois meses

que se seguiram à recepção no Palácio do Governador ele começou a ansiar partilhar Os mais recentes rumores com Louis e a escutar OS secos comentários dele sobre o cenário colonial.

Louis foi festejar aquele Natal a Kintyre, onde os Maclays estavam a passar algumas semanas. Uma noite, ele e Sara ficaram sentados na varanda a conversar. Uma barra baixa vermelha sobre a montanha era o único resquício do dia, e, empoleirado na grade, Louis afastava com a chibata os mosquitos que zuniam em torno da sua cabeça. Ele estava com ar pensativo.

- Daqui a mais ou menos uma semana, Sara - disse ele - 'tenciono viajar ao longo do rio Nepean, até onde há colonização a sudoeste. Pensei que, se gostar do que vir, talvez me candidate a uma concessão de terras. Já falei disso com Andrew.

- Mas o que é que pode encontrar por aqui que o atraia? - perguntou Sara. - Este não é o seu país, nem são estes OS seus costumes. Quase ninguém sabe falar a sua língua.

- Tem razão, mas eu estou cansado de viajar. Porque não ficar por aqui uns tempos? Se isto me desagradar mais que outros Sítios, vou-me embora.

- Não pode obter terras só para se divertir, Louis - disse Sara severamente. - Tem que as cultivar, e não é agricultor.

- Não sou nem mais nem menos do que o seu amigo Barwell.

- Não é a mesma coisa - respondeu Sara, perturbada, sabendo que se traía a si própria pela rispidez do tom. - Porque é que não volta para França e faz as pazes com a nova ordem?

Ele deu uma gargalhada zombeteira.

- Andou a ouvir histórias sobre o passado obscuro de Louis de Bourget. - Fez sinal para Sara se calar quando ela fez menção de protestar. - Oh, eu sei o que dizem. Mas é verdade que eu era um parente pobre do marquês. Quem melhor do que eu, que sabia por experiência própria como viviam os pobres, para o meu nobre primo recorrer naqueles dias de caos e medo? Poderia algum dos irmãos ou sobrinhos dele ter levado a sua filha para fora de França sem se trair a si próprio no primeiro quilómetro percorrido? Levámos doze dias a chegar à costa e mais duas semanas para descobrir um barco que nos transportasse. Quando chegámos a Inglaterra, soube que o marquês tinha morrido.

- E a criança? - perguntou Sara.

- A Jeanne só viveu mais um ano - disse ele. - Os três irmãos dela e a irmã já tinham morrido de tuberculose.

Sara ficou calada, não conseguindo descobrir nenhuma falha na sua história, e ele prosseguiu:

- O meu casamento é outro alvo de especulações. A minha mulher era tão bonita que anulou todos os pressentimentos que eu tinha de que não éramos feitos um para o outro. Até ir viver para Londres, ela não conhecia nada mais do que a vida numa casa de campo enorme e desconfortável. O único tema de conversa era a caça. Faltou-me perspicácia para ver que ela não desejava outro mundo para além daquele. Depois de a nossa filha ter nascido, ela foi visitar a família e nunca mais regressou. E para dizer a

verdade, Sara, quando perdi de vista o seu rosto adorável, verifiquei que ela não me afectava muito. Portanto, ela vive com os pais e escrevemo-nos de vez em quando.

- E a sua filha? - indagou Sara.

- Não sei quase nada a respeito dela.

- É triste - murmurou Sara. - Um desperdício

- Exactamente! Ambas as nossas vidas foram um desperdício. A minha mulher era fria como uma lasca de gelo. Eu não era capaz de viver com uma mulher para quem o marido era apenas algo a suportar.

Sara nunca imaginara que pudesse vir a ter pena de Louis, sempre seguro de si e cínico; daquele momento em diante, os seus sentimentos em relação a ele mudaram, e Sara estendeu-lhe a mão.

- Obrigada por me ter contado.

Ele pegou-lhe na mão, apertando-a como se ela fosse um homem.

- Sara, eu importo-me com aquilo que você e Andrew pensam de mim. Os outros... - Encolheu os ombros. - Deixá-los inventar mexericos, se isso os faz felizes. Mas se eu ficar neste país, quero tê-los a ambos como amigos.

Via-se nos seus olhos uma rara expressão de afabilidade e satisfação.

NA MANHÃ seguinte, quando Sara foi dar o seu habitual passeio diário a cavalo pela estrada em direcção a Parramatta, pairava no ar o cheiro a chuva, que conferia ao mato a frescura da Primavera. Alguns kookaburras estavam empoleirados num eucalipto à sua esquerda, e o mato num raio de meio quilómetro foi abruptamente regalado com as suas gargalhadas loucas e selvagens. Eles seguiram-na pela estrada fora; eram umas criaturas tão estranhas como o país de onde eram originárias. A cerca de três quilómetros de Kintyre, Sara parou ao ver dois cavaleiros.

- Richard! Jeremy! - gritou ela. Porque estariam eles juntos? Não havia qualquer amizade entre os dois. Deviam ter-se encontrado na estrada.

Richard foi o primeiro a chegar junto dela.

- Sara, como é que estás?

- Bem, obrigada. - A sua resposta foi serena e fria.

Richard ficou com uma expressão sombria ao vê-la apertar a mão de Jeremy.

- O que o fez abandonar Priest, Jeremy? - perguntou ela enquanto cavalgavam juntos.

- Ao que parece, Andrew fez um favor a John Macarthur aqui há uns tempos, e agora ele vai vender-nos alguns dos seus preciosos carneiros merinos.

Richard interrompeu.

- Ouvi dizer que o francês veio passar uns dias convosco a Kintyre. Não acho a história dele nada plausível. Porque viria ele para um sítio como este... sem apresentações nem um objectivo determinado?

- Andrew e eu gostamos dele. E tu também vais gostar quando o conheceres melhor. Quando fores a Kintyre, falas com Louis e tiras as tuas próprias conclusões.

Richard fez uma careta.

- Se o teu marido quiser falar de negócios comigo - disse ele - estou na

Fazenda Hyde. Vocês os dois metem-me nojo com essa bajulação a um francês vira-casacas que muito provavelmente era jacobino antes de o dinheiro o ter forçado a ser monárquico. Podes arranjar os teus amigos nos sítios mais duvidosos que houver, Sara, mas não esperes que sejam meus amigos também.

- Já foi longe demais, Barwell! - A voz de Jeremy estava rouca de raiva. Inclinou-se para a frente e agarrou nas rédeas do outro homem. - Mrs. Maclay está à espera de um pedido de desculpa.

Richard voltou-se para ele, furioso.

- Pois é exactamente isso que Mrs. Maclay não vai ouvir! Nenhum condenado tem o direito de me dar ordens! - Richard golpeou o rosto de Jeremy com o seu chicote curto, depois esporeou o cavalo e partiu a galope, dirigindo-se à bifurcação que ia dar à Fazenda Hyde.

Jeremy estava pálido de fúria e tinha sangue a escorrer-lhe da boca. Quando ele, por sua vez, enterrou as esporas na montada para ir atrás de Richard, Sara chicoteou fortemente o seu cavalo e chocaram um com o outro.

- Por amor de Deus, Jeremy - gritou ela -, se você lhe toca é enforcado.

- Se eu fosse um homem livre, desafiá-lo-ia para um duelo e matava-o - disse ele numa voz tensa.

- Mas não é um homem livre - lembrou-lhe ela asperamente. - E iria fazer uma bela figura balançando na forca. Agora, chega de heroísmos. Vamos lá parar de defender a honra dos Maclays.

- Você é uma mulher sem coração, Sara... - A voz de Jeremy foi esmorecendo aos poucos ao olhar para ela, espantado. - Mas... está a chorar!

Ela levou furiosamente a mão aos olhos.

- Sim! Estou a chorar porque Richard se comportou como um louco e porque você me assustou imenso ao arriscar-se.

- Richard Barwell é louco no que lhe diz respeito a si. Louco de amor, fúria e frustração. Não só porque Andrew a possui, mas também por causa da posição que ele ocupa na colónia.

Sara levantou a mão para o golpe na boca de Jeremy.

- Nunca vou perdoar-lhe isto - declarou ela.

Capítulo 10

Nos ANOS seguintes, tornou-se claro que Louis de Bourget não ia fazer poupanças para gerir com sucesso a sua fazenda no rio Nepean, mas foi a sua casa que suscitou mais interesse na colónia. A casa era grande e baixa, tendo como fachada um pórtico com dez colunas brancas. De Bourget tinha viajado pela América e apaixonara-se pelas mansões que os plantadores de algodão estavam a construir, que serviram de modelo à sua casa. Todos os navios que chegavam a Sydney Cove traziam coisas para a casa compradas pelo seu agente em Inglaterra. Livros, lareiras de mármore, seda para os cortinados das grandes janelas, elegantes cadeiras trabalhadas - o fluxo de bens parecia interminável. Chegou mesmo a construir um viveiro, que encheu de pássaros exóticos.

A casa ficou pronta na Primavera de 1803, e foram Andrew Maclay, a esposa e restante família os primeiros a visitá-la. Louis desceu as escadas a correr para os receber. Quando Sara chegou ao largo pórtico, os seus olhos abarcaram de uma só vez as planícies do Nepean, o rio e as montanhas envoltas na sua neblina azul. Finalmente, disse:

- Isto é genial, Louis. Você fez o que mais ninguém se atreveria a fazer.

- Esta região aqui constitui um desafio. Fiz o que pude para o enfrentar - disse Louis. - Chamei Banon à fazenda, o nome de uma povoação no Sul de França onde vi as mimosas em flor.

As chamas que dançavam na lareira da branca sala de estar de Louis naquela noite lançavam feixes de luz irregulares nos cortinados vermelho-vivo. Um par de velas ardiam numa mesa, reflectindo-se num espelho alto com moldura de prata. Sara, Andrew e Louis estavam sentados em cadeiras baixas voltadas para a lareira; os seus rostos, enrubescidos com o calor das chamas, por vezes brilhavam, para logo depois se cobrirem de sombras quando a luz mudava.

Sara estava sentada com as mãos no colo, pestanejando para combater a sonolência. Olhou para Louis, esplendidamente vestido com um colete de brocado e finas rendas. Já haviam passado quase três anos, lembrou-se Sara, desde que ele se empoleirara nas grades da varanda em Kintyre e lhe contara que tencionava ficar na colónia.

Aqueles anos tinham sido favoráveis para a colónia. A barreira das Montanhas Azuis a oeste ainda não fora transposta, e o mistério do que se encontrava do outro lado ainda continuava por desvendar. Mas Matthew Flinders, um jovem tenente da Marinha, fizera, cumprindo ordens do Almirantado, o mapa das costas de leste a oeste e depois de norte a sul, provando indubitavelmente que a Nova Holanda e a Nova Gales do Sul eram uma única vasta ilha. Naquela altura, ia ele a caminho de Inglaterra, cheio de esperanças de que o Almirantado e a Sociedade Real adoptassem a sua sugestão de que a ilha passasse no futuro a chamar-se Austrália.

O Regimento da Nova Gales do Sul, localmente conhecido como o Regimento do Rum, causava tantos problemas ao governador King como a sua gota. Os oficiais e soldados desobedeciam-lhe e ridicularizavam-no incessantemente. E Macarthur, que ele mandara de volta para Inglaterra para ser julgado por causa do seu duelo com o

vice-governador William Paterson, conseguira de alguma maneira atrair a atenção das autoridades. Macarthur prometera que a colônia iria em breve exportar lã de merino suficiente para encher os teares dos fiandeiros de lã do Yorkshire. Os seus planos tinham sido entusiasticamente aprovados, e ele ia regressar triunfante a Sydney com uma grande concessão de terras na região mais cobiçada da Nova Gales do Sul - a zona de pastagens. King ficou furioso quando soube da notícia.

Também pairava uma nova ameaça de violência. Os condenados irlandeses tinham dado a entender claramente as suas queixas, e estavam sempre a correr boatos de uma revolta. Sara tinha pena do vexado e ansioso governador, de quem aprendera a gostar.

Depois de Sara ter sido recebida no Palácio, Andrew afastara-se bastante do comércio de rum por deferência para com o governador. Ele e Louis de Bourget tinham-se associado para comprar dois barcos, o Thrush e o Hawk, para o comércio entre os portos do Leste, e Andrew tinha todas as razões para estar satisfeito com a sua parte do negócio. Haviam recentemente falado em comprar ainda outra embarcação para expedições de pesca à baleia no Antártico. Era Andrew quem geria estes negócios, e Louis estava satisfeito.

Não existia a mesma harmonia nos negócios entre Andrew e Richard. Richard desde o início que se mostrou determinado a ser o dono absoluto da Fazenda Hyde, e nunca aceitava de bom grado qualquer sugestão ou conselho, mesmo quando eram dados com muito tacto. A fazenda começava a dar lucros apesar da ignorância de Richard - as suas funções no regimento retinham-no em Sydney a maior parte do tempo, mas o seu capataz tinha um jeito especial para rectificar os erros do patrão sem parecer estar a desobedecer às suas ordens.

A moderada prosperidade apenas impelira Richard e Alison a incorrerem em novas extravagâncias. Quando o dinheiro escasseava, Richard apelava novamente a Andrew. Mas apesar da fachada que Alison mostrava ao mundo, Sara de cada vez que a via achava-a ligeiramente mais pálida, e ela parecia nunca conseguir ver-se livre de uma tosse inquietante.

As duas mulheres faziam frequentes visitas formais uma à outra, mas Sara não sabia quase nada de Richard. Contavam-se histórias de bebedeiras constantes, mas desde a discussão na estrada do Hawkesburv ela nunca mais voltara a estar sozinha com ele. Não havia, no entanto, nada - nem a lealdade para com o marido, nem o facto de não ter gostado nada da maneira como ele tratara Jeremy - que abafasse a tristeza angustiante que sentia com a sua ausência. Tinha muitas saudades dele. Richard exercia um poder injusto sobre ela de que nunca abdicaria, e essa ideia oprimia-a.

No exterior da sala de estar de Louis, aquecida pela lareira, o vento levantara-se, investindo contra as paredes da casa. Apesar do calor do lume, Sara encolheu os ombros como se tivesse frio. Sempre alerta, Louis reparou no movimento.

-Sara, minha querida, retive-a tempo demais.

Tanto Andrew como Louis se levantaram e acompanharam-na à porta. Mal ouviu Louis chamar, Madame Balvet, a governanta, apareceu logo com uma vela para alumiar o caminho até ao quarto de Sara. Era uma francesa de trinta e cinco anos de

uma beleza do estilo magro e severo. Chegara de Inglaterra há seis meses, e corria apenas o boato de que estivera outrora ao serviço de uma importante família francesa.

Ela abriu a porta do quarto de dormir, afastando-se para Sara entrar, e depois acendeu várias velas. O quarto estava decorado com um gosto e sensibilidade que traíam - ou pretendiam revelar - o conhecimento íntimo que Louis possuía das mulheres, e Sara lembrou-se das palavras dele na altura em que lhe falara da sua mulher: "Era fria como uma lasca de gelo." E por causa disso Banon permaneceria sem a sua dona. Era uma casa branca e bela - e tristemente vazia.

No QUINTO dia após a chegada a Banon, Sara levou o seu bordado para o jardim em socacos de Louis, enquanto Andrew e os rapazes se dirigiam para o viveiro; faziam todos os dias ao fim da manhã uma visita ao viveiro, e Andrew mostrava-se tão fascinado como os filhos. Quando olhou para eles, reparou num cavaleiro no carreiro de acesso à casa e ficou indolentemente a observá-lo enquanto ele enveredava pelo caminho que ia dar aos estábulos.

Trabalhou no seu bordado até ouvir, cerca de meia hora depois, Louis atrás de si, no pórtico, a falar com Madame Balvet. O tom das vozes era sereno e grave. Instantes depois, Louis viu Sara e aproximou-se dela. A sua expressão revelava que algo de mau se passava.

Ele sentou-se a seu lado e começou sem quaisquer preâmbulos.

- O meu capataz acaba de trazer o correio de Sydney. Recebi uma notícia, Sara, que só esperava receber daqui a muitos anos. - Fez uma pausa de segundos. - A minha mulher morreu. Na carta que me escreveu, o meu sogro diz que foi de uma constipação que apanhou na caça.

- A expressão de Louis não convidava a condolências, por isso Sara não disse nada, e ele prosseguiu: - Estou zangado, Sara. O meu sogro pensa que pode manter Elizabeth, a minha filha, de oito anos, longe de mim. - Enfiou a mão no bolso e tirou uma carta, que passou a ler:

Presumo que Elizabeth continuará a viver connosco, uma vez que a colónia é um local rude, não apropriado para a minha neta. Além disso, a tua vida errante leva-me a crer que não tens um verdadeiro lar.

- E o que é que lhe vai responder?

- Vou partir para Inglaterra para ir buscar Elizabeth. Vou trazê-la para cá. Esta será a sua casa.

Quando Sara abanou a cabeça em sinal de dúvida, ele explodiu:

- A minha filha vai viver em minha casa e levar a vida que eu escolhi para ela! Ouvi dizer que o Dolphin está ancorado em Port Jackson. Com tempo favorável, daqui a seis meses estou em Inglaterra.

Três semanas depois, Louis partiu no Dolphin, deixando Banon nas mãos de Madame Balvet e os seus negócios nas de Andrew.

Capítulo 11

SARA e Andrew regressavam a Priest numa noite de um domingo de Março de 1804, depois de uma visita à fazenda dos Ryders. Quando chegaram à estrada que ia dar a Castle Hill, já tinha escurecido, e o rosto de Andrew à frente de Sara não passava de uma mancha esbranquiçada quando ela adormeceu. Acordou abruptamente, tensa e com um pouco de frio -já havia vestígios do Outono no ar-, com o grito de Edwards, que ia na boleia. A carruagem parou com um solavanco.

Andrew enfiou a cabeça na janela.

-O que foi?

- Aquela luz ali em frente, sir! É um incêndio! Devemos estar a menos de um quilómetro de Castle Hill. Aquela luz só pode ser a aldeia ou a fazenda do Governo onde estão os condenados, sir.

Andrew desceu da carruagem e subiu à boleia para ver melhor.

- É melhor irmos lá ver se podemos ajudar.

- É preferível esperarmos um pouco aqui e ver o que acontece, sir Tem-se falado muito da revolta dos condenados.

- Que disparate! - exclamou Andrew. - Isso é só conversa e nunca dá em nada. Deve ser apenas um celeiro que um tolo qualquer deixou arder por descuido. Vamos lá.

- Desceu e começou a entrar na carruagem para se sentar ao lado de Sara.

- Um momento, sir - gritou Edwards. - Vem aí alguém!

Inclinando-se para fora da carruagem, Sara viu a luz amarela e oscilante de uma lanterna em frente à carruagem. Alguém se aproximava a correr e tropeçando de vez em quando. A noite estava muito calma e escura, à excepção do brilho avermelhado do incêndio no céu distante. Andrew sacou da pistola e armou-a. Nenhum deles parecia conseguir respirar enquanto esperavam. Foi uma voz de mulher que ouviram na escuridão.

- Por amor de Deus, esperem por mim!

A mulher entrou na zona iluminada pelas lanternas da carruagem, ofegante e meio a soluçar. Trazia uma camisa de noite branca e uma capa atirada por cima e o seu cabelo preto estava todo desgrenhado.

- É a Nell Finnigan, da estalagem. - disse Sara, boquiaberta.

- Houve um motim - gritou Nell, agarrando-se a Andrew. - Os condenados fugiram da fazenda do Governo e incendiaram-na. É o sinal da revolta que andaram a planear nos últimos meses. Temos que ir todos para a guarnição de Parramatta o mais depressa possível.

Andrew sacudiu-a para ela se acalmar.

- Conta-me tudo com calma.

- A primeira coisa que ouvi foi o sino a tocar na fazenda... o sino com que os chamam para regressarem dos campos. Depois, os rapazes da fazenda do Governo começaram a aparecer na aldeia, revistando todas as casas à procura de comida e munições. Pouco mais devem ter que meia dúzia de mosquetes, mas pareceu-me ver bastantes piques

daqueles que eles próprios fazem.

- O que é que aconteceu quando chegaram a Castle Hill?

Nell fez um esforço para se acalmar.

- Quase todos eles se dirigiram a casa do Carson, o ferreiro. Iam à procura de cavalos.

- Há quanto tempo é que isso foi? - perguntou Andrew.

- Não sei. Tenho estado a tremer escondida num campo de batatas desde que fugi. É o começo da rebelião, e podem acreditar que havia mais homens em Castle Hill do que os que estavam na fazenda do Governo. Devem ter ido buscar outros. Provavelmente, vão marchar até Parramatta, espalhando-se para arranjam mais homens no caminho.

Andrew deu-lhe distraidamente uma pancadinha no ombro, depois voltou-se para Edwards.

- Temos que regressar a Parramatta. Talvez a notícia ainda lá não tenha chegado. Pode ser que já haja alguns bandos na estrada, mas é um risco que teremos de correr. Enquanto falava, Andrew ia apressando Neil a entrar na carruagem e a sentar-se junto de Sara. O seu último olhar, quando se afastou para fechar a porta, foi para Sara. A luz da lanterna incidia suavemente no seu rosto e cabelo; ela fez-lhe um ligeiro sorriso, um gesto íntimo, sinal da sua confiança e fé. Ela e Nell ouviram-no subir para a boleia para o lado de Edwards.

A carruagem avançou com as mulheres fechadas num mundo de escuridão. Dali a umas horas, o campo inflamar-se-ia com as notícias da rebelião; mosquetes, piques, machados - tudo o que servisse de arma - seriam empunhados. As casas seriam saqueadas, os cavalos roubados. Aqueles revoltosos eram homens desesperados a quem apenas restava o açoitamento e a força se falhassem. Muitos deles tinham trazido o espírito de rebelião da Irlanda.

Sara ficou ainda com mais frio pensando quantos seriam os descontentes. Iriam os trabalhadores mal pagos juntar-se aos rebeldes mediante promessas de terras e gado como recompensa? A esperança de sucesso era vaga, mas a disciplina militar era frouxa e todos o sabiam.

Nell mexeu-se na escuridão.

- Não sei como se sente, Mrs. Maclay, mas eu estou com medo.

Sara pegou na mão áspera da outra.

- Eu também tenho medo.

Ouviu-se de repente um grito.

- Vocês aí, parem!

E depois, por instantes, gerou-se uma confusão total: berros, homens a gritar e, acima de tudo isto, o estalar do chicote enquanto Edwards instigava os cavalos a avançarem. Obrigaram-nos a parar abruptamente e a porta abriu-se com violência; um homem enfiou a cabeça lá dentro, apontou uma lanterna às duas mulheres e vociferou:

- Saiam!

Arrancou primeiro Sara e depois Nell lá de dentro. Andrew e Edwards, já no chão, aproximaram-se das mulheres. Estavam cercados talvez por uma dúzia de

homens que os encurralavam. O círculo de rostos sujos, por barbear e desesperados encheu Sara de medo. Um elemento do bando avançou por entre os outros e encarou Andrew. A sua única fonte de autoridade parecia ser o mosquete que empunhava.

- Não faremos mal nenhum a quem se mostrar pacífico. - Falava com uma suave pronúncia irlandesa. - Só queremos os vossos cavalos e a pistola, depois deixamo-los seguir caminho.

Andrew recuou um passo, empunhando ao mesmo tempo ameaçadoramente a pistola. Com a outra mão, fez sinal a Sara.

- Volta para dentro da carruagem!... Edwards... sobe para a boleia!

Edwards e Neli obedeceram, mas Sara disse baixinho:

- Andrew, dá-lhes o que eles querem.

- Faz o que eu te disse - ordenou ele peremptoriamente.

Sara hesitou, paralisada de terror, e Andrew, de pistola em punho, fitou os rostos que o cercavam.

- Todos vocês sabem que o roubo de cavalos e assalto à mão armada é punido com a força. Não têm nenhuma hipótese de levar isto avante quando chegarem as tropas.

às suas palavras seguiu-se um silêncio total. O autônomo líder olhou em volta, indeciso, querendo perceber a opinião dos companheiros. Ouviu-se um arrastar nervoso de pés. Mais uns segundos, pensou Sara, e Andrew ganharia. Entrou na carruagem, esticando o pescoço para o observar. Andrew pôs o pé no degrau da boleia.

- Arranca, Edwards!

Ouviu-se uma voz rouca gritar lá atrás:

- Juro por Deus que havemos de ficar com esses cavalos, quer tu queiras, quer não.

Os homens afastaram-se para deixar passar quem falara. Era um homem enorme com um rosto feio e uma expressão irada e violenta.

Os homens gritaram todos em sinal de aprovação. Sara ouviu a voz de Andrew elevar-se no meio da algazarra.

- Dá-lhes com o chicote, Edwards!

O tiro soou antes de Edwards ter tempo de baixar o chicote. Aterrorizados, os cavalos arremeteram em frente. Andrew dobrou-se e caiu de borco na estrada. Sara ouviu um grito lancinante sair da sua própria garganta, abriu violentamente a porta e saltou. Quando Edwards conseguiu parar a carruagem, já ela se encontrava ajoelhada ao lado de Andrew.

O círculo de condenados manteve-se afastado dela, sussurrando, enquanto Sara o punha de costas. A bala despedaçara-lhe a fonte. Já devia estar morto quando chegou ao chão.

Os condenados, que formavam agora um grupo silencioso e nervoso, pegaram nos cavalos e na pistola e fugiram rapidamente. Sara mal reparou que eles se tinham ido embora. Ela estava sentada à beira da estrada, segurando o corpo de Andrew, consciente apenas da terrível imobilidade do peso nos seus braços. Neli agachou-se na terra a seu lado.

Sara sentiu uma lágrima quente cair-lhe na mão.
- Ele mal reparava em mim quando ia a Castle Hill, mas eu gostava muito dele - disse Neil.

Sara inclinou-se até os seus lábios afluírem os de Andrew, agora imóveis.
- Eu amava-o - murmurou ela.

O GERME da revolta foi esmagado na manhã seguinte perto de Toongabbie num recontro com as tropas comandadas pelo major George Johnston. Philip Cunningham, o líder da insurreiçã em Castle Hill, morreu juntamente com outros dezasseis homens. Doze foram feridos e trinta capturados. Os outros duzentos e trinta fugiram para o mato. Forquilhas, piques e um ou dois mosquetes não eram suficientes, e foram-se entregando durante a semana em grupos ou individualmente, um exército derrotado de esfarrapados.

Nessa mesma semana, Sydney, Parramatta e Castle Hill assistiram às execuções dos cabecilhas, entre eles o assassino de Andrew MacLay. A colónia suspirou de alívio e preparou-se para voltar à sua velha rotina.

A SALA DE ESTAR de Glenbarr estava calma. Andrew fora enterrado ao princípio da tarde. Durante todo o dia, aquela sala tinha assistido ao vaivém de amigos e vizinhos; até o governador fizera uma visita formal. David, o filho mais velho, também lá estivera, com o seu rosto de criança lutando contra a exaustão e estranheza de cerimónias que pertenciam ao mundo dos adultos. Inconscientemente, procurara o apoio do pai e, não o encontrando, sentira-se confuso e meio perdido.

Naquela altura, já todos se tinham ido embora, e David estava na cama. Só Jeremy ficara, sentado num banco, de costas para a lareira, observando Sara. O cabelo dela estava muito bem penteado para trás e, sobre o vestido de seda preto, parecia quase branco. Ele conseguia detectar os estragos causados pela última semana; Sara estava com umas olheiras como ele nunca lhe vira.

Subitamente, ela falou com uma voz cansada.

- A sua sentença expira este ano, Jeremy. Tenho estado a pensar no futuro. Vou pedir-lhe que fique para me ajudar a gerir Kintyre, Priest e a fazenda de Toongabbie, como tem feito até agora. - Mandou-o calar com um aceno de mão. - Sim, já sei o que vai dizer. Quer arranjar terras que sejam suas e cultivá-las. Peço-lhe um, dois anos, no máximo.

- Com certeza que não está a pensar em manter tudo... as fazendas, o armazém, Glenbarr? E os navios?

- Tenciono ficar com tudo - respondeu ela calmamente. - Pertencia a Andrew. Não pertencerá também aos seus filhos?

- Mas a Sara é uma mulher! Não pode fazer o que o Andrew fazia.

- Será que ele alguma vez tomou uma decisão sem que eu o encorajasse? Se eu vendesse tudo agora, a única coisa que teria para dar aos meus filhos seria dinheiro. Eles necessitam de bens e de raízes. Esquecerão Andrew se não tiverem as coisas que o pai construiu à volta deles.

- E se isso não for possível? E se eu me recusar a ajudá-la?

Ela ficou por instantes sem saber o que dizer, mas depois respondeu no mesmo tom:

- Se se recusar, tenho de tentar fazê-lo sem si.

Ele levantou-se de um pulo.

- Não me dá alternativa.

As lágrimas começavam a correr pelo rosto dela abaixo.

- Você, melhor que ninguém, sabe o que o Andrew fez por mim. Ele arrancou-me do porão de um navio de condenados. Foi por minha causa que se estabeleceu aqui. Tenho que manter de pé tudo aquilo que ele construiu.

- E está preparada para o fazer sozinha? - perguntou ele.

Ela baixou a cabeça e tapou o rosto com as mãos. As palavras saíram-lhe indistintas e distorcidas.

- Nunca pensei que fosse possível sentir-me tão desolada e perdida. Andrew... Oh, Andrew!

Jeremy acariciou-lhe suavemente o cabelo. Lembrava-se, clara e dolorosamente, da primeira noite passada sob o tecto de Glenbarr, quando tinham jantado sobre caixotes empilhados; o rosto de Andrew iluminado com visões do futuro. Naquela altura, ele parecera indestrutível. Tudo aquilo em que tocava transformava-se em ouro. Mas a era do ouro terminara, e os soluços de Sara eram um protesto contra isso.

SARA não foi vista em Sydney durante as três semanas que se seguiram à morte de Andrew. Passava os dias com os filhos e as noites trancada na sala onde Andrew tratava dos seus negócios. Ali enfiada sozinha, tirava das estantes os pesados livros que registavam todas as transacções desde a primeira concessão de terras no Hawkesburv, o armazém, a fazenda de Toongabbie, Priest, o Thistle, a aquisição do Hawk e do Thrush - todas as contas estavam ali. Andrew não tivera a alma de um poeta e não lhe deixara cartas que ela pudesse reler chorando; mas as suas cuidadosas anotações eram um testemunho tangível do seu amor, da sua visão e da sua fé no futuro da colónia.

Quando acabou de estudar o último livro de contas, escreveu uma longa carta a Louis. Nela expunha os seus planos para prosseguir com os negócios de Andrew e fazia-lhe uma oferta no sentido de passar a ser a única dona dos navios Thrush e Hawk, preferindo, escreveu ela, arriscar o seu próprio dinheiro a forçá-lo a deixar a gerência dos mesmos nas mãos de uma mulher. Pensou que levaria pelo menos um ano até receber a resposta dele. E quando aquele e os outros planos de Sara se tornaram conhecidos, as pessoas abanavam a cabeça, dizendo que era uma pena Sara Maclay não se aperceber de que estava a exceder-se.

A morte de Andrew também pôs termo ao desentendimento entre Richard e Sara, que já durava há três anos. Ele foi a Glenbarr e mandaram-no entrar para a sala onde ele e Andrew tantas vezes tinham discutido negócios. Sentiu um imenso respeito pela mulher que se encontrava à sua frente e aproximou-se cautelosamente, quase com medo dela.

- É estranho ver-te aqui, Sara.

- Que querias que eu fizesse? perguntou ela. Três cabeças aqui a trabalharem não seriam demais e mantém-me demasiado ocupada para poder pensar.

Richard viu o brilho das lágrimas nos olhos dela. Apesar de toda aquela aparência de eficiência e tranquilidade, ela estava com medo daquilo a que se propusera.

- Vim para te falar sobre o dinheiro que devia a Andrew e para te assegurar que será pago.

- Não é minha intenção pressionar o pagamento - respondeu ela baixinho.

- Existe uma enorme diferença entre dever dinheiro a Andrew e - baixou o tom de voz - e devê-lo a ti. Vou arranjar o dinheiro fazendo o que devia ter feito desde o início. Eu e Alison devíamos viver com menos do que temos vivido até agora e deve haver maneira de fazer que a Fazenda Hyde renda mais.

Sara ouviu, entusiasmada, Richard a expor os seus planos. Sabia que ele estava a construir um ideal impossível, que se via como o homem enérgico e perspicaz que nunca conseguiria ser, mas revelava mais personalidade do que ela jamais fora capaz de detectar nele. Sara reflectiu que não lhe faria mal nenhum aprender finalmente como se fazia dinheiro e controlar todos os centavos gastos.

Quando se levantou para se retirar, ele beijou-a nos lábios.

- Adeus, Sara. Não será possível ver-te assim a sós muitas vezes.

Parecia estar finalmente ciente do poder dos mexericos.

Ela sorriu e comentou:

- Eu e tu não fomos feitos para discutir. - Depois, pegou-lhe na mão e cobriu-a com as suas.

DURANTE os meses que se seguiram, Jeremy observou cuidadosamente Sara, preocupado por recear que a expressão insegura do seu rosto quando chegara à colónia tivesse regressado. Achava-a amedrontada, até mesmo atormentada; emagreceu e a sua beleza tornou-se mais pronunciada e delicada. E a colónia aprendeu a encarar todas as transacções efectuadas por Sara Maclay quase como se fossem feitas pelo próprio Andrew.

Quando a sentença de Jeremy expirou, Sara celebrou a ocasião com uma oferta em dinheiro e crédito que o surpreendeu e que ele devolveu imediatamente. Não se sentindo minimamente embaraçada, ela aceitou a devolução com um encolher de ombros.

- Acho que você é completamente louco, Jeremy! Agora é um homem livre e vai precisar de dinheiro. Mas se prefere ser casmurro, isso é lá consigo.

Ele acarinhava a recordação do jantar com ela para celebrarem a sua liberdade. Parte da tensão que a dominava desvaneceu-se quando ela ergueu o copo e sorriu para a outra ponta da mesa onde ele se encontrava.

- Ao futuro!

Ele pegou entusiasticamente no copo, tão ansioso como ela por brindar à sua liberdade. Perdera catorze anos da sua vida, as coisas não podiam voltar a ser o que eram antes, mas podia construir uma vida que lhe agradasse na colónia. Era dono de si

próprio agora. Corrigiu este pensamento: não seria dono de si próprio enquanto continuasse a cumprir as ordens de Sara. Sabia o quanto ela dependia dele, mas parecia-lhe inútil tentar aproximar-se mais dela. Ela vivia com a memória de Andrew e um coração fechado.

Por isso, a liberdade trouxe poucas mudanças à vida de Jeremy. Dividia o seu tempo entre as três fazendas dos Maclays e muitas noites, enquanto trabalhava nos livros de contabilidade, pensava em Sara. Matava-se a trabalhar para ela e, no entanto, era incapaz de se libertar do seu jugo.

Sara, essa, sentia-se satisfeita com o seu sucesso nos negócios de Andrew, mas começou a aperceber-se de uma crescente frieza por parte das pessoas que tinham outrora procurado a sua amizade, seguindo o exemplo de Alison Barwell. Sara cruzava-se agora com elas apenas ao domingo, quando levava as crianças à missa, e os cumprimentos de cabeça eram indiferentes. A própria Alison passava por ela limitando-se apenas a esboçar uma pequena vénia. Era evidente o que Sydney pensava de uma mulher que não passava o primeiro ano de viuvez sentada calmamente na sua sala de estar.

Não recebeu nenhuma carta de Louis naquele ano solitário. A sua única verdadeira satisfação era a mudança verificada em Richard. As prestações que lhe pagava para amortizar a dívida representavam grandes cortes nas despesas pessoais. Raramente aparecera para jogar às cartas no quartel nos últimos tempos; já não se ouviam contar histórias sobre as suas bebedeiras. Sara recebia com alegria as suas raras visitas a Glenbarr e ouvia-o, entusiasmada, falar das melhorias na Fazenda Hyde. Naquela mudança de atitude, Sara entrevia o emergir de uma personalidade menos egoísta.

Capítulo 12

- AINDA falta muito para lá chegarmos, mãe? - Sara voltou-se para olhar para Duncan, sentado do outro lado da carruagem. Sebastian, que ia a seu lado, já adormecera, Annie cabeceava sonolentemente. David parecia ser o único com energia suficiente para olhar para a estrada que serpenteava pela margem do rio.

- Banou já não fica muito longe - disse Sara. - Monsieur De Bourget não estará lá ... ainda está em Inglaterra. Mas o pai, antes de morrer, prometeu-lhe que iria lá ver como estavam as coisas. Por isso, achei que devia ir em vez dele.

Estava-se nos finais de Março de 1805; passara um ano sobre a morte de Andrew. O Outono insinuava-se suavemente na paisagem; ali, nas terras mais elevadas, as noites trariam muita geada. Sara ficou surpreendida com a mudança que notava na região desde a última vez que percorrera a estrada até Banou: existiam muito mais vestígios de povoamento.

Sara encarava a distância a que Banon se encontrava como uma bênção, um refúgio. O problema da sua posição social em Sydney aumentara de tal forma que já não podia ignorá-lo. Pensar em Banon trouxera-lhe uma enorme sensação de tranquilidade.

Quando a carruagem chegou finalmente à casa, Madame Balvet apareceu no pórtico toda vestida de preto. Desceu os degraus e abriu violentamente a porta.

- Seja bem-vinda a Banou, madame - disse ela calorosamente, avançando para tirar Sebastian dos braços de Sara.

TRÊS NOITES depois da sua chegada a Banon, Sara encontrava-se sentada no seu quarto, envolta num roupão de seda, a ler a meia dúzia de linhas que acabara de escrever. Tencionara escrever a Louis a contar tudo o que vira e ouvira ao inspeccionar Banou e ao analisar os livros de contas com os dois capatazes. Madame Balvet insistira em que ela inspeccionasse igualmente a casa, desde a sala de estar, onde os móveis tinham estado tapados até à sua chegada, até ao quarto da criada da copa, impecavelmente limpo. Sara voltou a mergulhar a pena no tinteiro, depois pousou-a novamente. Não era sobre Banon que queria escrever.

Há já uma semana que não pensava noutra coisa. Em Sydney, não fora convidada para casa de ninguém durante aquele ano solitário, e agora admitia que não fora por respeito ao seu luto. Ainda carregava o estigma da sua condenação. Mais outro ano sem o reconhecimento da sociedade de Sydney significaria o fim da posição que Andrew conquistara para ela na colónia.

David e Duncan, com onze e nove anos, respectivamente, já se apercebiam vagamente de que havia algo que diferenciava a sua mãe das outras mulheres. Um dia, tinham vindo os dois do centro da cidade com os casacos rasgados, e David tentando limpar o sangue seco de um corte na testa. Ambos se haviam recusado a dar uma explicação para a luta em que se tinham visto envolvidos.

Sara tocou, insegura, no papel grosso à sua frente. Se aceitasse a situação actual em Sydney, OS seus filhos cresceriam numa infeliz posição, a meio caminho entre os

ex-condenados e a dique dos oficiais. Com quem iriam eles casar-se? Com as filhas dos ex-condenados? Inconscientemente, iriam culpá-la a ela. Se ao menos Louis regressasse: isso representaria a sua salvação. Voltava solteiro e com uma filha pequena para cuidar. Nenhum homem permanecia muito tempo naquela situação.

Tinha de haver maneira de Louis se casar com ela. Sendo mulher de um colono livre, ela e os seus filhos estariam em segurança. A ideia levava apenas uma semana a desenvolver-se na sua mente, mas já se apossara totalmente dela. É claro que era possível que Louis se tivesse voltado a casar em Inglaterra. Olhou para o papel. A carta levaria seis meses a chegar às suas mãos e, nessa altura, talvez ele já nem se interessasse por notícias de Banon.

Empurrou abruptamente a cadeira para trás e pôs-se a andar de um lado para o outro. O casamento com Louis de Bourget seria uma proposta de negócio que até o próprio Andrew teria aprovado, pois era uma medida para salvaguardar os interesses dos seus filhos até terem idade suficiente para se ocuparem dos negócios. Pensou no francês: era um individualista, imprevisível, nunca se prontificaria a acatar as ordens de uma mulher. Pensou se alguma vez seria possível amá-lo profundamente e se ele alguma vez a amaria.

E como se comportaria Jeremy se ela se casasse com Louis? Jeremy possuía qualidades que Louis nunca possuiria e trabalhava com a determinação de três homens por causa do afecto que lhe dedicava a ela e a Andrew. Sara estava convencida de que, de certo modo, o amara desde aquela noite em que os condenados tinham invadido Kintyre. Mas nunca deveriam casar-se. Ex-condenado e ex-condenada ... Se ela se casasse outra vez, teria que ser para recuperar aquilo que Andrew lhe conquistara.

Sara recomeçara a escrever, suspirando, quando ouviu uma carruagem. Já passava das 10 horas; ninguém viajaria àquelas horas na solitária estrada do Nepean sem ter uma boa razão para isso. Intrigada, aproximou-se da janela e, sob a luz das lanternas, reconheceu o homem que, com uma criança nos braços, falava com Madame Balvet.

Louis regressara a Banou.

As VELAS foram rapidamente acesas, mas a porta da entrada continuava aberta para permitir que o criado entrasse com as caixas, e Sara teve um arrepio de frio ao parar para observar a cena. Louis e Madame Balvet estavam de pé a falar entusiasticamente em francês; a criança quase desaparecera nas profundezas de uma cadeira de balouço. O seu chapéu tinha escorregado para trás, revelando o seu cabelo preto, os olhos fechados e uma pele branca cor de cera.

Depois, Louis aproximou-se de Sara com as mãos estendidas. Por instantes, ela não conseguiu falar, sentindo as lágrimas picarem-lhe os olhos. Não esperava que o regresso dele a afectasse daquela maneira. Foi com um alívio que ultrapassava tudo o que imaginara que descobriu que ele ainda lhe era familiar, e essa familiaridade até aumentara. Durante um segundo, pareceu-lhe que avançava para cumprimentar o próprio pai. Ali estava o mesmo rosto fino e escuro, o corpo magro. Sebastian Dane poderia também ter rido daquela maneira.

- Louis! - gritou ela. - Não estava nada à espera.

- Chegámos há dois dias e disseram-me em Olenbarr que tinha vindo para Banon. Então, eu disse com os meus botões: "Vai lá fazer-lhe uma surpresa." - Beijou-lhe a mão. - Quero apresentar-lhe a minha filha. - Levou-a até à cadeira de balouço. A criança abriu os olhos e ergueu-os, admirada, para Sara. Elizabeth - continuou Louis -, apresento-te Mrs. Maclay. Lembra-te de te ter falado nos três filhos de Mrs. Maclay?

A criança ficou a olhar para ele uns segundos, sem compreender. Depois, levantou-se e começou a fazer uma cortesia ligeiramente torta, que Sara deteve com uma das mãos.

- É um grande prazer conhecer-te, Elizabeth - disse ela meigamente. A criança limitou-se a puxar a capa, envergonhada.

- Está tão cansada, ma petite - disse Louis baixinho, fazendo sinal a Madame Balvet para levar a criança. - Estou convencido de que ela não era feliz no Gloucestershire e, no entanto, não posso dizer que pareça mais feliz estando longe. Talvez se sinta melhor aqui.

- É parecida com a mãe?

- É, vai ser uma beleza - respondeu ele, sorrindo.

Sara sentou-se à mesa com Louis enquanto este ceava, falando rapidamente.

- A Inglaterra está aos pés do almirante Nelson. Bonaparte tinha o seu Grande Exército acampado nos penhascos de Boulogne.

- Uma invasão? - perguntou Sara.

Ele encolheu os ombros.

- O Nelson está lá. - Bebeu um pouco de vinho. - Conheci Lady Liuton, a tia dos Barwells, e vi várias vezes John Macarthur quando ele esteve em Londres.

- Lá será mais importante para esta terra do que qualquer outra coisa - disse Sara. - Macarthur sempre o soube.

- Sempre a mulher de negócios, Sara. Não mudou nada.

Ela levantou a cabeça e corou.

- E porque havia de mudar?

Louis voltou-se ao ouvir baterem à porta. Quando Madame Balvet entrou, seguida de um criado carregando uma caixa com fechos de ferro, ele disse:

- Obrigado. Põe-na ali junto à lareira.

Quando os dois se retiraram, ele prosseguiu:

- Agora podemos falar à vontade. Estou feliz por estar de volta. Como é que correu este último ano?

- Este último ano foi um inferno - disse ela. - Sou uma mulher de negócios bem-sucedida, mãe de três filhos, mas mesmo assim sinto-me sozinha. Não é vida para uma mulher, Louis... eu não vivo, existo! Vou-me fechando. Sinto-o e no entanto não sou capaz de o impedir.

Ele fez um aceno de cabeça.

- Pensei muito em si desde que recebi a sua carta. Você e o Andrew davam-se muito bem, tinham muita sorte. Mon Dieu!, como os invejava! - Levantou expressivamente as mãos. - Bom, mas não deve chorar pelo que já passou, Sara. Se não

consegue sentir-se grata pelo que teve, é uma mulher gananciosa.

- Você não tem coração? - perguntou ela de sobrolho franzido.

Ele fez um ligeiro sorriso.

- Eu tenho coração, mas não está propriamente a transbordar de pena de si. Vou sentir imensa falta de Andrew, mas chega uma altura em que é preciso pôr cobro ao sofrimento. Liberte-se dessa autocompaixão.

- Autocompaixão? Nunca ninguém sugeriu...

- Ninguém sugeriu porque toda a gente tem muito medo de si. Só eu é que não tenho, e talvez Jeremy Hogan também não tenha. Sabia exactamente como ia encarar a viuvez. E receio ter tido razão.

- Diga lá - pediu ela num tom mais humilde.

Ele começou lentamente:

- Sabia que se ia matar a trabalhar com a noção errada de que estava a assegurar o futuro dos seus filhos. Fingiria que o seu coração tinha sido enterrado juntamente com Andrew, negando o seu próprio vigor e personalidade. Poderia perder o Mundo inteiro, Sara, que você continuaria a ser a mesma. Agora, diga-me se tenho ou não razão?

- É possível que tenha razão - respondeu ela sem olhar para ele.

- Sara, você chegou aqui num barco de condenados. A vida não lhe pode reservar coisas piores do que aquelas por que já passou. Para quê fingir que a morte de Andrew foi um golpe do qual jamais se recomporá? Está a mentir a si própria.

- Chega, Louis! - explodiu ela. - Já disse o suficiente.

- Pois bem, já não digo mais nada. - Os olhos dele enrugaram-se num sorriso provocador. - Estava aí sentada com ar tão humilde que cheguei a pensar que tinha realmente mudado na minha ausência.

Contrafeita, Sara também sorriu, embora ainda estivesse aborrecida e confusa com o que ele dissera. Os seus comentários, no entanto, não eram desprovidos de razão. Ninguém ousara nos últimos anos recordar-lhe o seu passado de condenada. Fez-lhe um sorriso. Ele inclinou-se para a frente e declarou:

- Sinto-me encorajado. Pensei que nunca mais chegava a altura de lhe oferecer o meu presente.

Enfiou-lhe uma chave na mão, apontando para a pequena caixa. Ela ajoelhou-se em frente dela, os dedos tremendo-lhe de excitação enquanto tentava abrir a fechadura.

Lá dentro estava um vestido de baile azul-escuro resplandecente, com pequenas pérolas dispostas em cachos - o vestido era de cortar a respiração.

- Um presente íntimo. Se o aceitar, mostra-me que é a mulher que eu julgo que é - declarou Louis.

Ela tirou o vestido, colocando-o à frente do corpo. A sua riqueza era como um desafio. Seria agora altura de fazer que Louis fosse mais longe, embalado pela atmosfera que reinava entre eles naquele momento?

Ainda de joelhos, virou-se toda de modo a encará-lo de frente.

- Quer casar comigo, Louis?

Ele ajoelhou-se a seu lado, tirando-lhe cuidadosamente o vestido das mãos e atirando-o para cima da caixa. Depois, estendeu o braço por detrás dela para pegar em

duas almofadas da cadeira em frente à lareira e deitou-a cuidadosamente, como a uma criança, pousando-lhe a cabeça nas almofadas. Ela apenas teve tempo de fazer um pequeno gesto para se levantar antes de os seus lábios se encontrarem.

O beijo dele provocou-lhe uma extraordinária sensação de calor e vida depois do vazio do último ano.

Ele afastou-se finalmente.

- Pensei - disse ele - que ias levar vários meses a falar comigo assim. Mas estava decidido a fazer-te desejar-me. Vou mandar-te embora de Banon amanhã. Casamos daqui a um mês.

- Daqui a um mês?

- Não é demasiado cedo, porque precisamos um do outro. - Inclinou-se por cima dela, beijando-lhe ao de leve o cabelo. - Ficas tão bonita à luz da lareira! - disse ele. A sua voz não passava de um murmúrio. Aproximou o corpo do dela e levantou-a, abraçando-a com força.

capítulo 13

CINCO dias depois do anúncio do casamento de Sara com Louis de Bourget ter aparecido na Gazette de Syduey, Jeremy apresentou-se em lenbarr. Abriu a porta do estúdio onde ela estava a trabalhar sem se fazer anunciar, com um exemplar amarrotado da Gazette na mão.

- Recebi isto ontem - disse ele. - É verdade?

Ela olhou-o friamente.

- Se se refere ao anúncio do meu casamento... sim, é verdade.

Ele torceu o jornal nas mãos, acometido de uma fúria repentina.

- Deus do céu! Enlouqueceu? Não pode casar-se com De Bourget!

- E o que é que tem contra ele?

- Nada, a não ser que não serve para seu marido. Nunca houve duas pessoas menos talhadas para viverem uma com a outra. Imploro-lhe que reconsidere.

Mas o tom de voz dele suavizara-se, e Sara fitou-o mais cordialmente. Tinha a roupa e as botas cobertas de uma camada espessa de pó das estradas; o cabelo húmido de transpiração. Ela nunca olhava para Jeremy sem se lembrar dos primeiros anos em Kintyre, os dias mais felizes da sua vida.

- Então, diga-me lá - disse ela amavelmente -, porque é que acha que não fomos feitos um para o outro?

- Os vossos caracteres, objectivos e ideias são extremamente diferentes. O espírito e perspectivas de Louis de Bourget pertencem à França antes da Revolução. Ele vê a colónia como uma França renascida, sendo os condenados os camponeses. Ele não compreende uma parcela do que você sofreu aqui. Como é que alguma vez poderá vir a conhecê-la? E você conseguirá, por causa dele, deixar para trás tudo o que você e Andrew criaram juntos?

- É para manter as fazendas e tudo o resto que eu estou a fazer isto

- retorquiu ela, zangada. - Desde que Andrew morreu, não tenho passado de uma ex-condenada. Os meus filhos têm sido tratados de acordo com isso. Será justo criá-los assim?

- Os seus filhos também são filhos de Andrew - disse ele firmemente. - Serão capazes de combater as suas batalhas. Não lhes imponha um fardo ainda pior, que é o de um padrasto que irá escarnecer do comércio que Andrew lhes ensinou a encarar como sendo o seu mundo.

- Os meus filhos precisam de um pai - disse ela. - E eu ... eu preciso de um marido.

As mãos de Jeremy, apoiadas na secretária, tremeram ligeiramente.

- Se é um marido que quer, case comigo! Há-de concordar que me adequo melhor a esse papel que Louis de Bourget.

Ela ficou boquiaberta; o rubor invadiu-a até as faces ficarem escarlates.

- Você?

Ele inclinou-se para a frente até o seu rosto ficar a centímetros do dela.

- Não, isso não lhe serviria, pois não? Eu sou apenas outro ex-condenado.

Raios partam a sua alminha de mercenária, Sara! Vá lá, case lá com o seu francês, mas acaba de perder o seu capataz. Macacos me mordam se vou continuar a escravizar-me a trabalhar para providenciar mais vestidos para Madame De Bourget levar ao Palácio do Governador! Trate das suas terras daqui em diante. Isso já não me diz respeito.

- Não teria coragem de se ir embora. Para onde iria? perguntou ela em voz fraca.

- Estarei ocupado a usar o meu tempo em meu próprio proveito. Já lhe consagrei demasiados anos da minha vida - disse ele abruptamente.

- Não pode ir-se embora assim! - objectou Sara, levantando-se de um salto.

- Já é mais que altura de perceber que já não pode dizer "Faça isto" e "Faça aquilo". Vou actualizar as contas da fazenda e mando-lhas para aqui. Não há necessidade de nos vermos outra vez.

Ele dirigiu-se a passos largos para a porta, mas depois virou-se.

- Já me esquecia. Mrs. Ryder pediu-me para lhe entregar isto. - Pousou o bilhete na secretária e saiu.

Sara tentava controlar a raiva enquanto lia o bilhete de Julia.

Minha querida Sara,

Estou certa de que me vais perdoar pelo que te vou escrever. Só o faço na esperança de que pares para reflectir naquilo que irás fazer ao casar com Louis de Bourget. Estás disposta a desistir de tudo aquilo que tu e o Andrew construíram na colónia para te ires instalar em Banon? Ou será que Louis de Bourget vai desistir de Banon para satisfazer os teus interesses? Considero que ambas as hipóteses só trarão confusão e infelicidade

A carta repetia o que Jeremy dissera. Ela não fazia qualquer tenção de vender as fazendas nem a loja. Louis sabia que pertenciam aos filhos dela. Ele sugerira mandar vir um gerente de Inglaterra para a loja e talvez dois agricultores para ajudarem Jeremy. É claro que, depois do casamento, ele iria esperar que ela lhe dedicasse mais tempo, mas Sara achava que ele se mostraria paciente até os agentes em Londres encontrarem as pessoas de que necessitava.

Julia e Jeremy estavam enganados. Mas, mesmo assim, Sara não conseguiu reprimir as lágrimas ao encarar o facto de que Jeremy se ia embora. O futuro sem ele apresentava-se sombrio e um tanto assustador.

SARA esperou por uma mensagem ou visita de Richard até ao dia do seu casamento, mas não recebeu nem uma coisa nem outra, e resignou-se com o facto de ele ser mais outra pessoa que previa um casamento desastroso ou de sentir demasiados ciúmes para o aceitar. Ela e Louis casaram-se numa manhã de Abril, e sóos Ryders, os três filhos de Sara e Elizabeth de Bourget assistiram à cerimónia. Sara julgava que David, Duncan e Sebastian estavam bastante contentes, pois para eles Louis era um amigo de confiança, mas Elizabeth sentia-se obviamente confusa com tudo aquilo.

Nessa noite, Glenbarr resplandecia de luz. As salas estavam impregnadas do

cheiro a flores; criados de luvas brancas vindos de Banon deslizavam pelas salas. As carruagens desfilaram em frente à porta pela primeira vez em mais de um ano.

Sara pôs-se ao lado de Louis para receber os convidados. Envergava o vestido de cetim azul que ele lhe trouxera de Londres. Tinha um penteado elaborado e pusera um pouco de pó-de-arroz. O vestido era demasiado elegante para Sydney, mas Sara sentia-se feliz com ele e com a maneira como Louis olhava para ela. Cumprimentou, sorrindo, um convidado de cada vez: os Macarthurs, os Patersous, os Johnstons... Sabia que muitos deles ainda não a aprovavam, mas como mulher de Louis eram obrigados a recebê-la de novo no seu círculo.

No meio da alegria, recordou a modesta cerimônia de casamento em casa dos Ryders doze anos antes, onde a única cor do cenário fora dada pelas casacas vermelhas dos oficiais do regimento. Lembrou-se do trabalho e amor postos na preparação da inacabada casa no Hawkesburv e dos momentos felizes que lá vivera. Depois, pensou em Banon, branca, elegante e fria. Seria feliz novamente, disse para consigo. Estavam enganados aqueles que achavam que aquele casamento seria desastroso. Fez uma grande cortesia quando o governador e Mrs. King chegaram.

Anunciaram o capitão Barwell e a sua esposa. Eles aproximaram-se sem pressas. Alison vinha primorosamente penteada e envergava um vestido de brocado cor de pêssego, mas apesar de toda a sua beleza parecia frágil como um pedaço de vidro. Richard, fascinante na sua farda, estava mal-humorado e não encarou os olhos de Sara. Ouviu-se mais tarde dizer que Richard Barwell se desgraçara naquela noite e envergonhara a mulher, embriagando-se notoriamente.

SARA e Louis foram para Banon imediatamente depois do casamento. O campo estava calmo com os seus castanhos secos de Outono e os dias cheios de sol. Durante quase quatro semanas, Sara sentiu-se preguiçosamente satisfeita, mas não tardou a receber notícias perturbadoras: uma árvore caíra em cima do capataz contratado para tomar conta da fazenda de Toongabbie, matando-o. Louis concordou relutantemente em regressar com ela a Sydney para contratar um novo capataz.

A sua vida de casada seria assim. Louis deixou bem claro que a queria em Banon, e ela ia para lá sempre que podia. Mas quando ia, nunca deixava de olhar para trás, para as coisas que ficavam por fazer em Sydney, e os períodos que passava com Louis em Banon eram sempre muito curtos. Recebia notícias de problemas numa das fazendas ou na loja, e a procissão de crianças e criados, carruagens e bagagens regressava mais uma vez a Sydney, e o rosto de Louis assumia uma expressão aterradora.

Os novos capatazes das fazendas eram, no máximo, fracos substitutos de Jeremy. Este comprara uma fazenda no Hawkesburv, a seis quilómetros de Kintyre, e Sara ouvira dizer que a jovem bonita que fora posta à sua disposição como governanta vivia muito feliz como sua amante. Sara tentou ficar indiferente.

Descobriu que precisava de tempo e paciência para se adaptar à sua vida de casada com Louis; ele não se contentava tão facilmente como Andrew, exigia muito de uma mulher. A indumentária de Sara tinha de estar imaculada e ser apropriada desde manhã cedo até se retirarem à noite para o quarto; ela fazia encomendas extravagantes

de vestidos. Louis jantava sempre, mesmo quando estava sozinho, com ritual e elegância. Sara adquiriu rapidamente o hábito de falar em francês com ele, e nas longas conversas que tinham aprendido que nunca devia abordar, senão muito superficialmente, assuntos agrícolas ou comerciais, porque eram matérias que a ele não o divertiam nem lhe interessavam. Mas era capaz de uma grande paixão e ternura, e Sara sentia-se tão absorvida e fascinada por ele que começou a recear perder a luta para manter intactas a sua personalidade e as suas ambições em relação aos filhos.

Não podia contar Elizabeth de Bourget entre uma das dificuldades que toldaram aquele seu primeiro ano de casada com Louis. Os três rapazes mostravam-se francamente encantados com a filha do padrasto, e à medida que os meses iam passando, ela também passou a reclamar a atenção e o amor de Sara.

Louis não dava nenhuma desculpa por se recusar a participar nos negócios de Sara.

- Não tenciono transformar-me num escravo - dizia ele. - E é nisso que estás a transformar-te, Sara.

Ela sabia que Louis estava convencido de que, se ela continuasse a não contar com a sua ajuda, chegaria a um ponto em que não teria outra alternativa senão desfazer-se de alguns dos bens de Andrew.

Discussões destas eram bastante frequentes, mas não eram sérias, até Louis saber que Sara esperava um filho. Queria que ela permanecesse em Banon até a criança nascer, que seria em Maio. Ela implorou-lhe para ficar em Gleubarr. Discutiram o assunto azedamente, mas, nos finais de Fevereiro, Sara cedeu aos pedidos de Louis para descansar até ao nascimento do bebé, mas afirmou que Banon era demasiado longe, portanto acabaram por chegar a acordo sobre a permanência em Kintyre.

QUANDO a noite começou a cair sobre o Hawkesburv, o seu caudal engrossado pelas cheias adquiriu um aspecto sombrio e sinistro. Sara parou à janela da sala de jantar para olhar para os desoladores estragos nos campos de Kintyre mais próximos das águas. As cheias eram sazonais, mas daquela vez não tinham vindo com um espectacular muro de água que se abatia sobre a região após as grandes chuvadas nas montanhas. A sua aproximação fora gradual e implacável. Durante um mês, os agricultores do vale tinham acordado com o tamborilar da chuva nos telhados. O gado fora mudado de sítio, e as casas haviam sido abandonadas; as famílias mudaram-se para as fazendas dos vizinhos que moravam em terras mais altas. O caudal do rio fora aumentando desde Março centímetro a centímetro, até estar a mais de um metro acima do nível normal.

Das janelas de Kintyre via-se o centro das águas, uma corrente fortíssima que parecia seguir o curso original do rio. A água exalava um odor de decadência. Viam-se passar carcaças inchadas de vacas e carneiros, mobílias das casas inundadas - cadeiras de balouço, quadros, mesas. O céu, cinzento e lúgubre, não mostrava sinais de mudança, e pairava no ar o cheiro desagradável da lama e de sementeiras apodrecidas.

Andrew construía Kintyre bem acima do nível das marcas deixadas pelas outras cheias. Os carneiros, incluindo os preciosos merinos, encontravam-se a salvo,

encurralados em cercas improvisadas nos campos lamacentos por detrás da casa, mas as medas de feno e os anexos mais próximos do rio tinham desaparecido, assim como algum gado.

Quatro agricultores haviam levado as mulheres e filhos para Kintyre em busca de abrigo. Os homens regressaram às suas fazendas para reunir as vacas. As crianças das quatro famílias, sete ao todo, partilhavam a varanda com Elizabeth e os três rapazes. Foi-lhes proibido irem além da varanda e estavam agastados com a restrição. Brincavam e discutiam; há já três dias que os seus risos e gritos enchiam todas as horas do dia.

Os seis trabalhadores condenados que as quatro famílias tinham trazido consigo estavam decididos a gozar aquele lazer inesperado. Não fizeram qualquer menção de ajudar Annie Stokes ou Bess e Kate, as duas outras criadas de Sara. A casa era uma confusão. Os rastros enlameados deixados pelas botas das crianças tinham manchado os tapetes; as paredes estavam cheias de dedadas. E o incessante barulho da chuva deixava todos os nervos à flor da pele.

Cansada, Sara afastou-se da janela e dirigiu-se à cozinha. Durante aquela semana, pensara muitas vezes em Jeremy e no que lhe teria sucedido. A localização da sua fazenda era tão favorável como a de Kintyre, mas supunha que as sementeiras dele também tivessem sofrido.

Quando Sara entrou na cozinha, Annie fechava a porta do forno.

- Esta é segunda vez que faço pão em três dias, minha senhora. Se a chuva não parar depressa, não vamos conseguir alimentá-los. - Aproximou-se de Sara. - Oh, a senhora está tão pálida! Quem me dera que o senhor cá estivesse para a obrigar a descansar como deve ser ... já a chegar ao fim do tempo e tudo.

Não passara uma hora sequer nos últimos três dias sem que Sara suspirasse de gratidão por Louis não estar em Kintyre. Ele partira há dez dias para Sydney, pois o Hawk regressara da Índia, e Louis fora ter com o capitão do navio em vez da mulher. Sentia-se sozinha em Kintyre sem ele, mas era impossível imaginar Louis no meio daquele caos.

Annie examinou rapidamente a mesa posta para o jantar das crianças.

- Bom, é melhor irmos chamar aqueles malandrinhos agora. Depois, tapou a boca com a mão. - Peço desculpa, minha senhora. Não me referia a Elizabeth nem aos seus três. - Levantou a voz. Bess, vai buscar as crianças ... Isto parece um circo ... éo que esta casa é desde o dia em que eles cá chegaram. Não está certo.

Sara não podia censurá-la por estar rancorosa. Aquelas famílias comiam e dormiam à custa deles sem dizerem uma palavra de agradecimento, servindo-se de Kintyre como se fosse uma estalagem. Sara calculou que nos anos todos que haviam passado a lutar nas terras junto ao rio deviam muitas vezes ter invejado a sorte dos donos de Kintyre e agora pretendiam fazer sentir bem a sua presença.

Pegou num pão que se encontrava numa mesa ao lado e começou a cortá-lo. Olhou para Annie, do outro lado da cozinha, servindo rapidamente a carne e legumes para os pratos, e invejou a sua energia. Sara tentou enrolar o xaile mais convenientemente em torno do seu corpo pesado. As semanas que faltavam para a

criança nascer pareciam-lhe intermináveis. Aquela gravidez fora muito mais cansativa que as outras. Louis mostrava-se terno, embora não falasse muito na criança. Sara sabia que ele pretendia um filho para herdar Banon, e por isso rezava para que fosse rapaz.

As crianças entraram a correr. Um rapazinho ruivo sorriu a Sara quando ela lhe colocou um prato à frente.

- Matámos uma cobra, Madame De Bourget. Era deste tamanho.

- Abriu muito os braços.

- Mas onde é que a encontraram, Timmy? Com certeza que não entrou na varanda, pois não? - Quando ele baixou a cabeça, Sara voltou-se para o filho mais velho.

- Não saíram da varanda, pois não, David?

- A cobra estava muito pertinho, mãe - disse ele, arrependido. - Achámos que podia avançar e entrar em casa.

Sara corou ligeiramente.

- Prometeram que nenhum de vocês saía da varanda. - Olhou para a ponta da mesa. - David, onde está Sebastian? Ele estava com vocês quando mataram a cobra?

Ele franziu a testa, tentando lembrar-se.

- Acho que sim.

Sara olhou aflita à sua volta.

- Deve andar por aí! Kate, corre até lá fora e chama-o. Leva uma lanterna. Annie, nós vamos procurar cá em casa.

Dez minutos depois, Sara e Annie já tinham regressado à cozinha. Sebastian não estava dentro de casa. Voltaram-se, esperançadas, quando Bess e Kate entraram.

- Não serviu de nada, minha senhora. Chamámos e chamámos. Não está aqui por perto da casa - disse Kate.

Annie tocou no braço de Sara.

- Deve estar com os homens. Eu vou até aos estábulos, e Bess e Kate podem ir até às cabanas dos homens. Se ele não estiver em parte nenhuma, Trigg organiza uma busca com homens e lanternas. Vai ver que o encontram em três tempos.

Já era noite escura. Sara foi até à porta, apavorada, e olhou para o vazio da escuridão à sua frente. Ao fundo do declive, a água subia com regularidade. Não conseguia deixar de pensar na incessante curiosidade de Sebastian. Só tinha seis anos: para ele, as cheias eram uma grande aventura. Voltou desanimadamente para a cozinha. O pequeno rosto de Sebastian e a sua voz ansiosa pareciam rodeá-la. Recomeçou a cortar o pão, mas depois pousou ruidosamente a faca.

- David, quero que venhas comigo - disse ela. - Vou dar outra vista de olhos em volta da casa.

Saíram da cozinha. A caminho da porta, Sara parou para pegar numa lanterna, num casaco para David e numa capa quente para ela. Deparam-se com uma bâtega de chuva ao abrir a porta. David olhou para a escuridão com um ar desnorteado e receoso.

Ela inclinou-se para olhar bem para ele.

- O que foi, meu querido?

Os lábios do garoto tremiam.

- Sebastian... é o mais novo. A mãe sempre me disse que eu devia tomar conta

dele. Ele não passa de um bebé, e se ele se perdeu, a culpa é minha.

- Meu querido, ninguém teve culpa. Oh, David, não fiques assim. Nós vamos encontrá-lo, meu amor. - Deu-lhe um beijo e pegou-lhe na mão.

O chão estava transformado num lamaçal. Ouviam lá em baixo o rugir das águas avolumadas do rio. Sara levantou a lanterna.

- Grita comigo, David.

- Sebastian!

Não obtiveram resposta e avançaram uns metros.

- Sebastian!

Chegaram ao local onde o caminho das carruagens se juntava à estrada, e David parou repentinamente.

- Mãe! A água ... já cobriu a estrada!

A luz oscilante iluminou a água, uma linha preta e agoirenta quase aos pés deles. As águas nunca tinham chegado até ali. Pela primeira vez, Sara começou a recear que a casa corresse perigo.

- Temos de voltar - disse ela, e quando se virou, a luz incidiu num objecto branco caído junto a uma pedra.

- O cavalo do Sebastian! - gritou David.

Era o brinquedo preferido de Sebastian, um cavalo de madeira pintado de branco e sarapintado de manchas pretas que um dos trabalhadores condenados de Kintyre fizera para ele. As rédeas eram um cordel vermelho esfiapado e conferiam-lhe o ar alegre e garboso que tanto atraía Sebastian. Depois de apanhar o brinquedo, Sara levantou novamente a lanterna.

- Ele tem de estar por perto. Sebastian!

Subiam a custo o declive. Sara estava ofegante e sentiu repentinamente a primeira contracção atravessar-lhe o corpo como fogo. Ainda faltavam sete semanas inteiras para acabar o tempo.

Deu um grito abafado:

- David, tenho que voltar para casa!

- Mãe, está doente? - O garoto passou-lhe o braço à volta da cintura para a ajudar.

Enquanto se dirigiam para casa, Sara sentia-se imensamente angustiada ao pensar que Sebastian podia estar ali perto, precisando de ajuda, mas fez um esforço para se concentrar em pôr cuidadosamente um pé à frente do outro. Estava consciente da enorme necessidade de se apressar e, no entanto, não conseguia obrigar o seu corpo a fazer o esforço que lhe era exigido. Segurava com determinação o cavalo de madeira, apertando-o contra si, e foi acometida de outro espasmo. A dor e a fraqueza não tardaram a toldar todas as outras sensações; estava banhada em suor e a capa molhada agarrava-se, gelada, ao seu corpo. Finalmente, com o raciocínio toldado pelo esforço de resistir às ondas de dor, deixou o pé escorregar num calhau e caiu pesadamente contra uma pedra. A sua vontade de lutar evaporou-se e ela agarrou-se à pedra, soluçando violentamente.

Subitamente, David começou a puxar-lhe a capa com insistência.

- Estou a ver uma lanterna. Mãe, olhe! É Mr. Hogan!

Exausta, Sara virou a cabeça.

- Jeremy? Jeremy aqui...?

A escuridão começava a envolvê-la quando sentiu que Jeremy lhe pegava ao colo.

Ao NASCER do Sol, Annie, cansada, começou a preparar o pequeno almoço para os homens, que, chefiados por Jeremy, tinham passado a noite à procura de Sebastian. Durante a noite, a água atingira a altura máxima, mas antes da alvorada o vento amainara e a chuva parara. Apareceu uma sombra à porta da cozinha. Annie voltou-se e viu Trigg.

- Então? - perguntou ela, ansiosa.

Trigg abanou a cabeça.

- Não há sinais do menino Sebastian. Vamos todos descansar umas horas, depois recomeçamos outra vez. A água já terá descido nessa altura.

- Já quase não restam esperanças para o pobre menino - disse Annie com lágrimas nos olhos.

- Já há alguma notícia da senhora?

- Oh, sim, meu Deus! Foi há quatro horas atrás ... uma rapariga. Uma coisinha muito pequenina, é a cara chapada do pai. A senhora passou um mau bocado, coitada. Parece que nem quer ter o bebé ao pé dela ... está para lá deitada sempre a perguntar pelo menino Sebastian. Quem me dera que o senhor já cá estivesse!

JEREMY abriu a porta do quarto de Sara devagarinho. Ela estava deitada na cama de dossel forrada de branco, com os olhos muito abertos, olhando pela janela para o céu sem nuvens. O seu corpo estava assustadoramente imóvel, o rosto e lábios sem cor. Quando ele a chamou baixinho, ela voltou a cabeça.

- Jeremy! Há alguma novidade?

- Por enquanto, não. - Ele aproximou-se da cama. - Mas há a possibilidade de o encontrarmos agora que já é dia.

- Agora, já não o encontram.

A luz matinal revelava o seu rosto abatido. Jeremy reparou que ela agarrava o cavalo branco de madeira com as rédeas de cordel vermelho como quando a encontrara. Apertava-o como se receasse que lho tirassem.

- Ainda não viu o seu bebé, a sua filha - disse ele delicadamente.

- A minha filha? Mas eu perdi Sebastian. Ele também pouco mais era que um bebé. - Os seus dedos procuraram a mão dele e agarraram-na febrilmente. - Nem conseguia acreditar quando o vi, Jeremy. Estava a pensar que precisava muito de si, mas que você estava a quilómetros de distância.

- Vim quando soube que a água estava a subir - sussurrou ele, aflorando-lhe os dedos com os lábios. - Ouvi dizer que Louis estava em Sydney.

- Não acredito que Sebastian ainda possa estar vivo - disse ela debilmente. - Mas o facto de você cá estar já é uma ajuda. Vai ficar, não vai?

- Eu não vou abandoná-la - disse ele, inclinando-se e beijando-a delicadamente nos lábios.

HENRIETTE, o bebê, já tinha três dias quando Jeremy se decidiu finalmente a regressar à sua fazenda. Ia ser feito um esforço gigantesco ao longo de todo o vale do Hawkesburv para apagar os vestígios da catástrofe, e era necessária a presença de todos os homens nas suas próprias terras.

Sebastian não fora encontrado. Ainda estava a ser levada a cabo uma busca desalentada, mas já não havia qualquer esperança de que estivesse vivo. Sara chorava a perda do filho, mas parecia finalmente encontrar algum consolo em Henriette. Ficava deitada com o bebê a dormir a seu lado e quase não falava a não ser para pedir notícias.

Jeremy preparava-se para partir, de pé nos degraus da entrada, dando as últimas instruções a Trigg, quando dois cavaleiros começaram a subir a trote o declive - Louis de Bourget e D'Arcy Weutworth, o médico. A camisa de Louis estava suja, e as suas botas cobertas de lama já seca; tinha a barba por fazer e parecia cansado e preocupado. Já devia estar ao corrente do nascimento da filha e do desaparecimento de Sebastian. Jeremy ainda não falara com ele desde o seu regresso de Londres e não sabia como Sara relatara ao marido o último encontro de ambos, e Louis poderia encarar a sua presença ali como uma grande impertinência.

Mas Louis aproximou-se de mão estendida.

- Ainda bem que cá estava, Hogan. Deve ter sido uma grande ajuda para a minha mulher.

Jeremy apertou calorosamente a mão do outro homem.

- Trago notícias de Sebastian - prosseguiu Louis. - Encontraram o corpo esta manhã no rio a cerca de nove quilómetros daqui. Ficou preso numa árvore. Descobriram-no quando a água desceu.

Jeremy disse:

- Conheço todos os filhos dos Maclays desde o dia em que nasceram. Ficaria grato se me permitisse...

- É claro. Vou ter consigo logo que possa. Têm que ser os amigos de Sebastian a trazê-lo para casa. E agora tenho de ir dizer à minha mulher que o encontraram.

Capítulo 14

NUMA MANHÃ de Setembro de 1806, a carruagem dos De Bourget esperava por Sara em frente ao Palácio do Governador.

Nas últimas seis semanas, a maior parte dos cidadãos da Nova Gales do Sul não falava noutra coisa a não ser no novo governador. Ao receber o pedido de King para ser substituído nas suas funções, o Departamento das Colónias nomeara o capitão William Bligh, que era um oficial da Marinha corajoso, recto e zeloso, mas simultaneamente severo e destituído de imaginação, facto que provocara o motim dos seus homens a bordo da Bounty dezasseis anos antes. Chamavam-lhe agora Bounty Bligh, e o nome era símbolo de um feito de coragem e navegação inigualável nos anais da Marinha, pois, a seguir ao motim, ele percorrera com dezoito membros fiéis da tripulação da Bounty quase quatro mil milhas num barco aberto por mares quase não cartografados, entre Otaheite e Timor, em apenas quarenta e um dias. Era conhecido em todo Mundo não só pela sua habilidade de marinheiro, como pelo motim liderado por Fletcher Christiau.

Mais tarde, combatera magnificamente sob o comando de Duncan em Camperdown e de Nelson em Copenhaga. Mas a lenda da cruel disciplina a bordo da Bounty permanecia viva. As pessoas ainda o julgavam por causa dessa desastrosa viagem, e a colónia da Nova Gales do sul.

Sentada numa cadeira de balouço no seu escritório, Sara aguardara com apreensão a sua chegada. Era homem para fazer mais do que emitir tímidos protestos contra aqueles que ignoravam as ordens do Palácio.

Reparou que Bounty Bligh a olhava com interesse. O seu cabelo preto já tinha fios prateados, e ele possuía a figura avantajada da meia-idade. Na curvatura ligeiramente arrogante dos seus lábios, Sara reconheceu algumas das suas próprias características.

Quanto a Bligh, esse tentava decidir se fora apenas uma ambição implacável que colocara Sara na posição que ocupava actualmente na colónia. Dizia-se que era uma excelente mãe, e Bligh - pai de seis filhas - nutria um grande respeito por qualquer mulher que cumprisse os deveres da maternidade.

Falou finalmente:

- Posso ajudá-la nalguma coisa, minha senhora? Há algum assunto que...?

- Não venho pedir nada a Vossa Excelência, a não ser a sua discrição. Venho falar-lhe dos cereais que estão armazenados nas minhas herdades de Toongabbie e Castle Hill desde a colheita.

- Sim? - A sua voz assumira um tom sagaz, que ele esperava que fosse perceptível. Estava convicto de que já a percebera. Era do conhecimento de toda a colónia que havia uma falta enorme de cereais devido às cheias do Hawkesbury. Pela primeira vez em muitos anos, os dias do racionamento tinham voltado. À medida que as reservas de cereais iam baixando, os preços iam subindo. Então era isso que ela queria... agora que os colonos do Hawkesbury estavam a sentir o verdadeiro pesadelo da fome, ela preparava-se para oferecer os seus cereais a um preço mais elevado do que qualquer outro agricultor conseguira obter até então do comissário. Bligh sentia uma ira

crescente. - Permita-me que lhe recorde, minha senhora, que o comissário é a pessoa a quem a senhora deve fazer a proposta de venda dos seus cereais.

Sara levantou-se rapidamente, com as faces coradas.

- Eu vim para oferecer os meus cereais, não para os vender. Testemunhei a miséria com os meus próprios olhos. As crianças ... - Parou.

- Não é necessário contar-me - disse ele baixinho. - A situação grave das crianças comoveria o coração mais insensível. Mas porque há-de oferecer os seus cereais quando os outros estão diariamente a forçar a subida dos preços?

Sara franziu o sobrolho e pareceu estar a tentar recuperar o controle da voz.

- Gostaria de recordar a Vossa Excelência que o meu filho mais novo morreu afogado nas cheias. Não estou a agir como comerciante neste momento. É por isso que peço a sua discrição. Preferia infinitamente ser conhecida na colónia apenas como uma mulher de negócios.

- Com certeza, minha senhora - disse ele com uma ligeira vénia.

- Avisá-lo-ei quando os cereais estiverem prontos para entrega.

Bligh ficou sensibilizado. Esperara uma inimiga, uma vez que ela pertencia à associação que controlava o comércio. Encontrara uma amiga.

Sara fez um cumprimento e dirigiu-se rapidamente para a porta. Foi nessa altura que ele se apercebeu de que ela afinal não era diferente das outras mulheres: quando Sara lhe fizera o cumprimento, ele vira lágrimas nos seus olhos.

NA SALA de aulas de Glenbarr, Sara voltou a armação da sua tapeçaria de modo a apanhar a luz que entrava pela janela. Estava a dar uma lição de bordado a Elizabeth. David estava junto à lareira a ler, e Duncan sentado a uma mesa a construir um castelo de cartas. Repentinamente, a porta abriu-se e ele gemeu quando o castelo se desmoronou na corrente de ar.

Louis entrou, simulando uma expressão de tragédia.

- Eu volto a construí-lo, Duncan. Sara, quando eu vinha a entrar, chegou um mensageiro trazendo este embrulho com o selo do Palácio do Governador. Quando nos chegam cartas vice-reais, escritas por um homem tão impaciente como Bligh, é óbvio que exigem atenção imediata.

Sara quebrou os selos e começou a ler a audaciosa mensagem:

Acuso recepção dos cereais que mandou. As famílias de colonos que irão beneficiar da sua oferta, minha senhora, nunca saberão da sua generosidade e nunca terão a oportunidade de lhe agradecer. A actual miséria em que se encontram comove-me profundamente, e eu sou a única pessoa em toda a colónia que pode fazê-lo por eles. Portanto, espero que aceite a concessão de uns terrenos que tenho em mente, perto da actual fazenda do marido de V. Exa. no rio Nepeau e adjacentes à região das pastagens.

Tinha ouvido falar do seu interesse em criar merinos, prosseguia Bligh; aquela zona era especialmente adequada ao pasto.

Através daquelas frases tão formais, adivinhava-se um espírito humanitário, e Sara

sentiu uma certa afeição por aquele homem irascível.

Alisou as folhas e entregou-as a Louis.

- O governador Bligh foi mais que generoso - disse ela.

Ele leu-as, depois sorriu ao devolvê-las.

- A generosidade dele não é desmerecida, meu amor.

Sara foi para o escritório, onde leu novamente a carta. Eram os terrenos com que Andrew sonhara, pastos num vale fértil para rebanhos de merinos. Como teria ficado espantado com o paradoxo daquela oferta: Bligh, o austero campeão dos pequenos agricultores, aumentando de livre vontade os bens de um membro da classe dos grandes proprietários.

Dirigiu-se à secretária para tirar um mapa da região do rio Nepean e das pastagens, depois parou, levando a mão ao fundo da gaveta para tirar um objecto embrulhado em tecido de algodão branco. O cavalo de madeira pintada de Sebastian ainda tinha as manchas de lama da noite em que ela o encontrara na encosta. Pô-lo de pé. As rédeas de cordel estavam moles, mas o cavaleiro ainda tinha o seu ar garboso. Os seus lábios começaram a articular palavras mudas: "Sebastian, o governador nunca te viu, meu amor, mas por tua causa deu-me o que o teu pai queria. Aconteça o que acontecer, nunca me hei-de desfazer destas terras."

Agarrou ansiosamente no mapa e delineou toscamente a área com o dedo, reparando como se encontrava próxima de Banon.

- Vai chamar-se Fazenda Dane, em memória de Sebastian e do meu pai.

O MANDATO de Bligh na Nova Gales do Sul terminou abruptamente num dia de Janeiro de 1808, no vigésimo aniversário da fundação da colónia. Fazia um ano e cinco meses que tomara posse.

Chegara determinado a cumprir os seus deveres de governante, mas fora incapaz de vencer o factor que derrotara os seus antecessores: o Exército. As disputas entre Bligh e o Regimento do Rum tinham-se agravado, mas foi Macarthur, agora um cidadão comum, quem as fez chegar ao ponto de ebulição. Em protesto contra o que apelidaram de encarceramento injusto de Macarthur por delito menor, os oficiais, liderados pelo major Johnston, marcharam até ao Palácio do Governador para prenderem Bligh. Com eles iam trezentos homens do regimento em formação militar. Metade da população empoeirada de Sydney seguiu-os.

Quando Bligh, fardado a rigor, se preparava para ir ter com eles, sabia que o motim que ia enfrentar não era menos grave que o da Bounty. Ficou sob prisão domiciliária, e nessa noite em Sydney houve muitas pessoas que aclamaram Macarthur e Johnston.

- ISTO É traição, Sara! O regimento em peso decidiu revoltar-se. Mon Dieu, como é que aqueles loucos pensam que vão escapar às consequências? - Na escuridão da varanda de Glenbarr, Sara mal conseguia distinguir o rosto de Louis. - Quando chegar a altura de serem julgados - prosseguiu ele -, ninguém poderá esquecer-se de que foi contra o representante do rei que eles se revoltaram. Macarthur e Johnston vão tentar justificar-se, minha querida. Vão fazer circular documentos para assinarmos,

documentos expressando a nossa gratidão por a colônia se ter libertado de um tirano. Não podemos cá estar para os assinar. Não se pode assinar uma traição!

- Para onde é que vamos? - perguntou ela, aproximando-se do marido.

- Para o mais longe possível do alcance de Macarthur. Mas temos de nos mostrar diplomáticos, e não hostis, para com esse cavalheiro. Não é difícil adivinhar quem vai reinar na colônia até ser nomeado outro governador. Temos que ser cautelosos, minha querida, e o melhor será fazê-lo à distância e irmos para Banon.

- Por quanto tempo?

Ele encolheu os ombros.

- Quem sabe? Mas que importa?

Sara olhou para as luzes da cidade e depois para o porto, onde a pálida luz das estrelas conferira à água um aspecto frio e prateado. Banon era encantadora, remota no seu vale ribeirinho, mas ela queria desesperadamente ficar ali, no meio do alvoreço e da intriga excitantes de Sydney.

- Estarias por perto quando chegasse o primeiro rebanho de merinos à Fazenda Dane, meu amor. Estás sempre a dizer que gostarias de lá estar para assistir aos primeiros partos dos merinos.

Ela hesitou um momento, depois assentiu com um aceno de cabeça. Os lábios de Louis encontraram os de Sara na escuridão e ele apertou-a contra si.

A FAMÍLIA De Bourget permaneceu em Banon durante quase dois anos. Nesse período, a administração rebelde de Johnston mudou de mãos várias vezes. Passou primeiro pelas mãos do tenente-coronel Foveaux; depois, o coronel Paterson assumiu relutantemente o controle da pouca autoridade que restava. Macarthur e Johnston partiram para a Inglaterra em Março de 1809 para responder às acusações que pendiam sobre eles.

Nesse mesmo mês, Bligh foi libertado e foi-lhe permitido navegar no Porpoise. Prometera regressar imediatamente a Inglaterra, mas como considerava que qualquer promessa feita a um governo rebelde era inválida, dirigiu-se para o rio Derwent, na Van Diemen's Land, e esperou ali pela ajuda que esperava receber do lento Departamento das Colônias.

Apesar de algumas preocupações com a loja e as fazendas, Sara descobriu em Banon o refúgio que Louis pretendia dos problemas da colônia. Os vales e desfiladeiros possuíam uma beleza assombrada e ligeiramente misteriosa. Havia grandes tempestades provenientes das montanhas, mas havia dias de sol e de perfeita calma em que Sara se sentia como fazendo parte do silêncio que a rodeava. Deixou-se invadir pela paz.

Louis exibia um ar de felicidade; à medida que o tempo ia passando, Sara sentia que o apego dele a Banon se ia tornando cada vez mais um factor decisivo na sua vida. Sob os cuidados dele, o jardim foi ganhando uma enorme beleza, e foi acrescentada uma biblioteca à casa para os livros que continuavam a chegar em todos os barcos.

Mandaram vir uma preceptora, Miss Parrv, para se encarregar dos estudos de

Elizabeth, agora com catorze anos; era uma jovem empertigada de que Louis troçava descaradamente. Elizabeth assistia, relutante, às lições de música, bordado e pintura de Miss Parrv. A maior paixão de Elizabeth era o seu pónei, embora Henriette, a sua meia-irmã, recentemente a tivesse começado a interessar.

Para Sara ainda era algo de surpreendente o modo como Louis tratava Henriette, que já possuía um indubitável encanto ele adorava-a e estragava-a com mimos. Pensando na morte trágica de Sebastian, Louis contratou uma ama para tratar exclusivamente dela, que recebeu instruções para nunca perder a criança de vista.

Com quinze anos, David era um adolescente tímido; Sara considerava-o demasiado propenso a passar o seu tempo a vaguear pela biblioteca de Louis ou a passear sozinho a cavalo pelos carreiros ladeados de arbustos. Parecia contentar-se em deixar-se conduzir por Duncan, que era mais novo e possuía o sentido de oportunidade de Andrew e um gosto tumultuoso pela brincadeira. Mas ambos sabiam o mesmo sobre agricultura e seguiam com interesse os progressos da Fazenda Dane, ali perto. Ao vê-los sair da infância, Sara pensou em mandá-los para uma escola em Inglaterra, mas ia sempre adiando a decisão. "Para o ano que vem", prometia a si mesma. "Para o ano que vem."

Nos finais de Dezembro de 1809, chegou a Banon a notícia de que o tenente-coronel Lachlan Macquarie, que acabara de ser nomeado governador da colónia, chegara a Port Jackson a bordo do Hindostan. Juntamente com ele vinham os elementos do séptogésimo terceiro Regimento, enviados para substituírem o rebelde Regimento do Rum. Ao colocar o comandante do regimento no cargo de governador, o Departamento das Colónias deixava bem claro que não toleraria mais as incessantes disputas entre o governador e os militares, frequentes desde a época de Hunter.

Com o novo governador veio a esperança de paz na colónia, e, no entanto, foi com relutância que Sara fez as malas para a viagem para Sydney. Aqueles dois últimos anos tinham conferido à sua vida uma tranquilidade que nunca experimentara. Quase receava o regresso.

Capítulo 15

No DIA de Ano Novo de 1810, a população de Sydney vestiu as suas melhores roupas e saiu para o recinto da parada para ouvir o discurso de posse do governador. O séptogésimo terceiro Regimento e o Regimento da Nova Gales do Sul apresentaram armas. Os canhões da artilharia rugiram, e uma banda militar tocou o hino nacional.

Sara, sentada na carruagem com Elizabeth e Henriette, não pôde deixar de reparar no modo respeitoso como a multidão descobriu a cabeça. Nada indicava que aquelas eram as mesmas pessoas que haviam aclamado tão entusiasticamente a derrota da autoridade real apenas dois anos antes.

Elizabeth não parava quieta com a touca, tentando manter o rosto na sombra para evitar as sardas, mas Henriette, quase com quatro anos, estava fascinada com o esplendor do espectáculo. Louis, de pé junto à carruagem, ostentava uma expressão ligeiramente aborrecida, que indicava que aquela exibição de pompa vice-real não o impressionava minimamente. Ao lado de Louis, Duncan tocava frequentemente no irmão e sussurrava comentários.

O governador terminou o seu discurso, e os canhões voltaram a rugir e a banda a tocar o hino nacional. A carruagem avançou lentamente por causa da fila de charretes e carruagens que se encontrava à sua frente. Tinham mandado dispersar os soldados da parada, que se misturavam agora com a multidão, sendo as suas fardas vermelhas uma nota de cor entre os vestidos leves de algodão e musselina das mulheres. Era domingo à tarde, e, no entanto, o local não aparentava o decoro habitual de um domingo. O pó, o calor e o barulho provocaram-lhe dores de cabeça, e Sara começou a ansiar pela frescura de Glenbarr.

NAQUELA noite, a família De Bourget reuniu-se em peso, juntamente com os convidados, em redor de uma enorme fogueira. Elizabeth soltou um guincho quando um foguete explodiu no ar numa chuva de estrelas cor-de-rosa. O fogo-de-artifício lançado da South Head, do recinto da parada e dos navios ancorados no porto coloriu os céus. Sara, absorta naquela beleza, sobressaltou-se quando lhe tocaram no braço. Jeremy, que viera do Hawkesbury para assistir às cerimónias, encontrava-se a seu lado e disse-lhe baixinho:

- Tenho andado a tentar falar consigo a sós a noite toda, Sara.

- É muito importante? - perguntou ela, sorrindo.

Jeremy já se habituara à liberdade; a sua naturalidade assentava-lhe bem, já não refreava as palavras. O casaco era de bom corte, e a camisa de linho, impecável. Sara viu que o seu cabelo preto começava a ficar grisalho, mas ele, no fim de contas, já tinha quarenta e três anos, concluiu ela. Emanava a segurança de um homem em paz com o seu mundo. Sara deu por si a pensar na amante condenada e se ele alguma vez casaria com ela.

- Creio que para si é importante - disse então Jeremy. - É sobre Richard Barwell. Chegou uma carta no Hindostan. Lady Linton morreu e deixou a fortuna a Alison, é claro. Ouvi dizer hoje que Richard tinha andado a ver se arranjava passagens para

Inglaterra para ambos.

Sara esforçou-se por não evidenciar o pânico no tom da sua voz.

- Ainda bem que foi você o primeiro a dar-me a notícia, Jeremy.

- Os seus lábios começaram a tremer e depois as lágrimas cegaram-na. Os montes de Sydney, salpicados de luzes, flutuavam à sua frente. Afastou-se da fogueira, grata pela escuridão que lhe encobria o rosto.

GLENBARR estava com um ar sonolento quando Sara olhou para ela do outro lado do relvado. Era a meio da tarde. David, Duncan e Elizabeth estavam a ter as suas lições; Louis fora à cidade a cavalo para supervisionar o descarregamento de uns quadros vindos de Inglaterra. Ao lado dela, estava Henriette sentada no balouço, que a ama empurrava sonhadoramente. Já tinham passado seis dias desde o discurso de posse de Macquarie.

Foi Henriette quem viu Richard primeiro.

- Vem aí alguém, mãe!

Sara voltou-se rapidamente. Ele vinha a pé. Mesmo à distância, evidenciava um ar triste que a comoveu. Atravessou o relvado para ir ter com ele.

Dois dias antes, Richard mandara-lhe um bilhete a perguntar se podia ir visitá-la a Glenbarr. Ela respondera dizendo-lhe que fosse numa altura em que Louis não estivesse em casa. Seria o final insatisfatório da relação de ternura e desavenças que existira entre eles desde o dia, há quase dez anos, em que tinham conversado na pequena praia abaixo da casa.

Ele subiu as escadas atrás dela e entraram na sala de estar. Ela sentou-se no sofá, e ele ficou de pé junto à cornija da lareira, de olhar fixo nela. Os olhos de Richard denotavam preocupação.

- Suponho que já soubeste a notícia? - indagou ele. Sara acenou, e ele prosseguiu, hesitante: - Não te importas que tenha vindo? Há já tanto tempo que não falamos a sós, Sara.

Ela perdeu repentinamente toda a compostura.

- Oh, Richard! Se não tivesses vindo, não sei como aguentaria! - Ele sentou-se imediatamente num banquinho aos pés de Sara, apertando com força as mãos dela entre as suas.

- Minha querida! Eu só fiz disparates. Assim como não consigo deixar de respirar, também não consigo deixar de te amar, mas temos sido um constante tormento um para o outro. - Olhou para cima, para ela. - Com a minha estupidez, arruinei não só a vida de Alison como a minha. Ela não é feliz.

- Mas a Alison ama-te - argumentou Sara. - Tu és o mundo dela. Não vê mais nada para além de ti.

- Oh, ela ama-me, sem dúvida, de uma maneira que não mereço. Desde a primeira noite em que te viu, que sabe o que eu sinto por ti.

- Richard!

- Quando Lady Linton morreu, eu disse a Alison que queria ficar na colónia. Ela disse que se sentia cheia de tédio desde o momento em que cá pusera os pés. E depois

falou de ti, Sara. Recordou a noite em que aqui viemos pela primeira vez e quase todos os nossos outros encontros em que ela esteve presente. Fez-me compreender o que eu fizera à vida dela e à tua.

Sara disse pensativamente:

- Quando soube que tu e Alison tinham vindo para Sydney, disse a Julia Ryder que a colónia ia ter finalmente uma verdadeira senhora da nobreza com quem se ocupar. Nessa altura, não pretendia ser gentil, porque receava até pensar nela. Agora, quando penso que ela soube do nosso amor durante estes anos todos e, mesmo assim, se manteve calada, tenho vergonha. A nobreza do seu carácter é muito maior do que eu pensava.

Ele apertou-lhe ainda mais as mãos.

- Foi muito estranho ver de repente a mulher que eu dominava passar a assumir o comando. Ela não chorou o amor que eu te dispensei e que ela queria para si própria. Mas eu ainda nem sequer ouvira o pior.

- O pior? - disse ela, alarmada.

- Ela tem uma doença de pulmões. Tu já viste, Sara... parece uma sombra. D'Arcy Wentworth disse-lhe há uns meses atrás que ela tinha um ano de vida, talvez mais se fizesse uma viagem de barco. Ela não me disse nada, porque sabia que não havia possibilidade nenhuma de sairmos de cá antes de a tia morrer. Por isso, não posso fazer outra coisa senão partir com ela para Inglaterra. Se a fiz infeliz até agora, então devo-lhe pelo menos este último ano de vida. - Libertou as mãos de Sara e abraçou-a. - Oh, Sara! Sinto-me perdido sem ti, e, no entanto, não posso ficar.

Ela embalou-lhe a cabeça de encontro ao seu peito.

- Meu querido, vais encontrar a paz longe de mim. Eu tenho o Louis e as crianças e serei feliz aqui. - Beijou-o nos lábios. - Não há mais nada a dizer, meu amor. Amar-te-ei sempre.

Sara pôs os braços em torno do pescoço dele, e quando se beijaram novamente, ela sentiu as lágrimas quentes escorrerem-lhe pelas faces. Já começava a sentir que ele viajara para muito longe.

RICHARD e Alison partiram de barco nos princípios de Maio com o que restava do desmembrado Regimento da Nova Gales do Sul, e saber que ele tinha finalmente partido tranquilizou Sara. Agora já não havia ninguém com quem partilhar as memórias do pântano. Richard levava consigo a imagem da jovem Sara Dane.

O GOVERNADOR Macquarie não gostou do estado em que as coisas se encontravam quando chegou à colónia. Queria que os edifícios delapidados de Sydney fossem substituídos por outros de pedra sólida e com aspecto próspero e lançou-se com resoluta energia na construção de melhores estradas e de um novo hospital. A Igreja de São Phillip foi terminada e consagrada.

A energia de Macquarie tocou tudo, e a vida social floresceu. Passou a estar na moda fazer piqueniques ao longo da recente Estrada de South Head, e davam-se regularmente passeios à noite no Hyde Park ao som da banda do regimento. Fora lá

construída uma pista de corridas de cavalos, e a Semana das Corridas, em Outubro, tornou-se o maior evento social de Sydney.

Para Sara, os três anos que se seguiram à chegada de Macquarie foram aparentemente tranquilos, e ela aprendeu gradualmente a aceitar o facto de que Richard se tinha ido embora. Nessa altura, já Louis se reconciliara também com uma vida passada ora em Banon, ora em Glenbarr. Sara já não ia ao armazém, nem ia tantas vezes a Kintyre, Priest e Toongabbie. Encarava aquele período como um compasso de espera até David e Duncan terem idade para assumir o comando.

No princípio do ano de 1812, Richard escreveu a Sara comunicando-lhe a morte de Alison. Pobre Alison! Sara tentou acreditar que Richard, agora na posse da fortuna que Alison não pudera gozar, se sentiria feliz com a nova riqueza e liberdade que encontrara.

Capítulo 16

NAQUELA última noite de 1812, Glenbarr estava com ar festivo quando Sara subiu até ao quarto. Parou no topo das escadas para olhar em volta. A balaustrada estava coberta de grinaldas de flores, e havia enormes vasos com flores silvestres em todos os cantos da casa.

Na sala de jantar, as mesas da ceia estavam postas; a sala de estar estava preparada para os jogos de cartas. Tinham montado um toldo alegremente iluminado no jardim para se dançar, com vista para o porto. O céu estava límpido; mais tarde, haveria luar.

- Ainda não está vestida, mãe? - David ia a sair do quarto.

Ela abanou a cabeça.

- Não levo tanto tempo como Elizabeth.

- Mesmo assim, Elizabeth não conseguirá ficar tão bonita como a mãe! - disse ele.

Sara fitou-o com satisfação. David, agora com dezoito anos, transformara-se num jovem pensativo e calmo. Era um perfeccionista e não tentava fazer nada que não tivesse a certeza de poder terminar eficientemente. Estava a preparar-se agora para se encarregar de parte da gestão da fazenda de Priest. Parecia bastante feliz, no entanto dava a impressão de que fazia aquilo só porque não lhe restava mais nada para fazer.

Abriu-se ruidosamente uma porta mais ao fundo do corredor. Duncan saiu do quarto, sorrindo.

- Que tal estou, mãe?

- Estás esplêndido, Duncan.

Ele tinha um encanto um pouco desalinhado e uma confiança que não permitia que qualquer dificuldade se interpusesse no seu caminho. Todas as pessoas o adoravam.

- Mãe, importa-se de reservar uma dança para mim? - pediu ele.

- Será com muito orgulho que dançarei contigo, meu querido.

Sara estava quase pronta quando Louis entrou no quarto. Ele sorriu, depois avançou para a janela.

- Vai estar um calor de morte amanhã à tarde - disse ele, olhando para o céu sem nuvens. - O dia ideal para pôr toda a gente de péssimo humor para as corridas. Tenho a desagradável certeza de que não vou conseguir derrotar David na Magistrates' Purse.

- Talvez fizesse bem a David ser derrotado nalguma coisa - disse Sara.-, É um pouco bem-sucedido demais na maioria das coisas.

- É preciso mais que uma corrida para abalar David. - O tom de voz ligeiramente impaciente fez que Sara se voltasse rapidamente. Não estou só a falar do David. Estou a falar das crianças todas, Sara... Duncan, Elizabeth e até Henriette. E uma pena que não haja aqui nada que os abale de vez em quando. Vivem mais ou menos no topo do mundo deles e tendem a esquecer-se de que esse mundo é pequeno.

- É claro que tens razão. Mas o que é que podemos fazer?

- David está na idade certa para ir para Londres: já tem idade suficiente para gozar a cidade e ainda é suficientemente jovem para a absorver.

Sara reparou que as mãos lhe tremiam ligeiramente quando as estendeu para

pegar nas compridas luvas.

- E os outros?

- Precisam tanto como ele. Elizabeth tem dezassete anos, acabará por se apaixonar aqui por um subalterno qualquer do regimento sem saber que existe outro tipo de homens. Deve ficar a conhecer o resto do Mundo enquanto é jovem. - Pôs-se atrás dela, ajudando-a a fechar o colar de safiras que lhe oferecera. - Vamos todos, Sara.

Espantada, Sara atirou a cabeça para trás.

- Não quero ir. Tenho medo! - disse ela veementemente. - Estou nesta colónia há vinte anos. Tenho aqui a minha posição. E tu pedes-me que a abandone e vá enfrentar o falatório em Londres?

As espessas sobancelhas de Louis uniram-se.

- Estás a dar largas à imaginação. Já há muito tempo que Londres reconheceu que se cometeram muitas injustiças com as sentenças de deportação. Tens uma posição, dinheiro. Londres não se preocupa com muito mais que isso.

Bateram à porta e esta abriu-se violentamente. Era Elizabeth, radiosa e bela no seu vestido de seda branco, o seu primeiro vestido de baile. Rodopiou em frente deles.

- Estás maravilhosa! - disse Sara, encantada.

Elizabeth riu-se, excitada. Depois, parou.

- Pai, já falaram sobre o assunto? - perguntou ela hesitante.

- Sim, já discutimos o assunto.

Elizabeth correu para junto de Sara.

- Por favor, mãe, diga que sim! Estou desejosa de ver Londres.

Sara alisou as luvas compridas e abriu o leque de penas de águia-pesqueira.

- Parece que estão a tentar tomar a decisão por mim - comentou ela, olhando para Louis.

O rosto dele foi atravessado por um SOrriso lento. Inclinando-se para a frente, beijou-a ao de leve na fronte. Depois, ofereceu-lhe o braço e desceram juntos as escadas para receber os convidados.

No DIA seguinte, Sara encontrava-se de pé junto às grades com Elizabeth, assistindo ao final da corrida para a Magistrates' Purse, quando viu o cão sair repentinamente do meio da multidão e correr que nem um louco para a pista quando os primeiros cavalos se aproximavam a galope. Louis vinha em quarto lugar, do lado de fora, e quase que atropelou o cão antes mesmo de o ver. O seu cavalo desviou-se violentamente e caiu; Louis foi projectado com muita força. Os três cavaleiros que vinham mesmo atrás não conseguiram parar a tempo e passaram por cima dele e do cavalo.

A multidão, aos gritos, galgou as grades e correu até ele. Sara fechou os olhos com força e afastou-se.

Soube depois que Louis partira o pescoço com a queda. O médico disse que ele provavelmente já estava morto mesmo antes de o primeiro cavalo o ter pisado.

NA SALA por cima do armazém que ainda tinha o nome de Andrew Maclay,

Sara olhava indiferentemente para a chuva que batia de encontro às casas e enlameava as ruas.

Louis só falecera há dois dias, e, de novo em lágrimas, ela entregara-se à angústia e enorme tristeza que sentia. Era quase impossível acreditar que ele desaparecera. Ele conseguira, como ninguém até então, submeter a vontade dela à sua. Queria-o de volta. Queria as suas conversas, o seu hábito de se divertir com as coisas que aquele pequeno mundo levava muito a sério. Queria a elegância, o encanto e a paixão que ele possuía.

As pancadas na porta lá em baixo foram chocantemente repentinas. A voz do chefe dos empregados chegou até ela.

- Madame De Bourget não se encontra aqui! O senhor está enganado, Mr. Hogan.

- Não sou assim tão parvo. Fui a Glenbarr e o filho dela disse-me que ela tinha vindo para cá.

Jeremy! - gritou Sara, e desceu a correr as escadas. Já lá em baixo, fez sinal a Jeremy para a acompanhar até à sala principal.

- Estava só a cumprir as ordens de Madame De Bourget - disse o empregado a Jeremy. - Peço desculpa se

Meia hora depois, Sara e Jeremy ainda estavam a olhar um para o outro, indiferentes às sombras que se moviam no chão a cada tremeluzir da chama da única vela acesa. Ela de pé, muito direita, torcendo o lenço; ele encostado ao balcão, com o sobretudo pelos ombros.

Então, já decidi, Sara - disse ele, quebrando um longo silêncio. - Não posso acreditar que endoideceu ao ponto de deitar fora tudo aquilo que aqui construiu por um capricho tolo. - As sombras acentuavam o seu sobrolho franzido.

- Já estou cansada de lhe dizer que não se trata de um capricho tolo. Louis fez-me ver como isso era importante para as crianças. Um ano ou dois, depois volto. David e Duncan voltarão comigo, espero eu que de livre vontade, pois nessa altura já terão descoberto que as suas vidas aqui possuem algo mais merecedor de amor e de trabalho do que a Inglaterra tem para lhes oferecer.

- E o que é que a Inglaterra tem para lhe oferecer a si? - A sua voz endurecera. - Julga que me engana com esse sentimentalismo de que vai para lá por causa das crianças? Vai por causa daquele idiota do Richard Barwell! Sempre o desejou, e ele agora é praticamente seu. - Jeremy estava com uma respiração pesada.

Sara quase recuou.

- Como é que se atreve a dizer-me isso tendo Louis morrido apenas há dois dias?!

- Meu Deus, quando penso que andei tanto tempo a inventar desculpas para a maneira como se comportava! Dizia a mim mesmo que os sofrimentos por que passou a tinham ensinado a pensar primeiro em si. Tive esperanças de que o amor de Andrew destrísse parte do seu amor-próprio. Mas, no fundo, não mudou nada. Agora, está a planear conquistar outro troféu a que sempre aspirou.

- Não me faça sermões, Jeremy Hogan! - gritou ela veementemente. - Pensa que me conhece da frente para trás, mas nem sequer começou a compreender que tipo de mulher eu sou. Está perdido de ciúmes porque não caí nos seus braços quando você me desejava! Tenho muitas razões para lhe estar grata, mas a minha gratidão não lhe dá o

direito de me dizer como devo comportar-me.

Ele fitou-a intensamente.

- Vou sair por aquela porta, Sara, e vou casar-me com a primeira mulher apresentável que me aparecer à frente. A única coisa que vou exigir é que não tenha ambições e que não pense noutra coisa senão no seu lar. Quero que seja meiga e dócil. Será o mais diferente de si que for possível, Sara. E espero nunca mais voltar a vê-la à minha frente!

Depois, voltou-se e atravessou a sala a passos largos. A porta fechou-se com um enorme estrondo.

Capítulo 16

NUMA MANHÃ de Junho de 1814, Sara abriu os olhos no quarto que agora já lhe era familiar, na sua casa, situada na Golden Square. Os barulhos de Londres já se ouviam. Pensou no dia que a aguardava. Tinha a correspondência, visitar os seus agentes de navegação, dar um passeio no parque e depois ir a uma festa em casa de Lady Fulton, na

St. James Square.

Até há umas semanas atrás, aquela rotina fora empolgante. Havia um enorme contraste entre a Londres onde agora habitava e a que conhecera com o pai. Alugar uma casa para viver, ter uma carruagem, teria parecido um conto de fadas à aprendiz de costureira de outrora. Agora, era Sara quem contratava uma das mais conhecidas costureiras, mas tinha por vezes a estranha sensação de que a jovem Sara estava mesmo atrás de si quando ia às recepções e às festas.

Tinha sido mais fácil do que imaginara ocupar a posição que detinha em Londres. à excepção das pessoas que compunham o círculo real, todas as outras pareciam considerar a elegância e a riqueza como os únicos factores de aceitação, e nesses dois factores não havia nada a apontar a Sara. Circulavam histórias do seu passado de condenada, mas o poder do dinheiro transformou-a, em muitas mentes, na vítima inocente de um grave erro judicial. Admiravam-na e ela tirava bastante partido disso.

Richard Barwell tinha contribuído ao apresentá-la à sociedade. Ele recebera-a com entusiasmo, e a casa na Golden Square fora alugada através de Lady Fulton, uma amiga dele, que deu festas para apresentar Elizabeth, David e Duncan aos amigos certos. Era tudo muito excitante, mas Sara ficou surpreendida ao descobrir como estava cansada de Londres: do interminável rodopio de costureiras, jantares e diversões.

Os seus pensamentos foram interrompidos por Elizabeth, que entrou com um roçar de sedas, trazendo uma touca nova.

- Hoje, está uma daquelas manhãs quentes que me faz ter vontade de dar um passeio a cavalo em Banon - anunciou ela. - Acho que não me apetece ir à festa de Lady Fulton logo à noite. E David diz que não vai.

Nos últimos meses, Sara reparara na crescente afeição que a sua enteada nutria por David, e reparara também que David continuava a tratar Elizabeth da mesma maneira, com um misto de afecto e brincadeira.

Elizabeth possuía toda a paixão e possessividade de Louis, e estava terminantemente decidida a obter tudo o que quisesse. Sara vira que ela não perdera a cabeça ali no meio de todas aquelas lisonjas e atenções, que teriam feito perder o fôlego a muitas outras raparigas. Daí a uns anos, Elizabeth herdaria a fortuna que Louis lhe deixara e possuía igualmente uma beleza expressiva que atraía as atenções onde quer que fosse. Ela própria estava plenamente consciente disso e do facto de poder vir a casar com um nobre ali em Londres. Mas enquanto David se mantivesse desinteressado, ela parecia quase não extrair prazer do dinheiro e do seu belo rosto.

David espreitou à porta.

- Bom dia, mãe.

- Onde está Duncan? - perguntou Sara. - E Henriette?

- Henriette já começou as lições, e Duncan foi dar um passeio a cavalo no parque - disse David, sentando-se ao fundo da cama. Devo dizer que ele escolheu uma hora bastante imprópria.

- Duncan é o único de nós que tem juízo suficiente para lá ir quando há espaço para cavalgar! - explodiu Elizabeth. - Está sempre tão apinhado à tarde.

Sara olhou com tristeza de um para o outro. Estavam a ser criados, como de resto todos em Londres, à base de um excesso de prazeres que até se fartavam. Desejava ardentemente que nunca tivessem saído da Nova Gales do Sul.

- Vai dar um passeio hoje à tarde? - perguntou-lhe Elizabeth indolentemente.

- Estava a pensar em ir a Fitzroy Square saber notícias de Matthew Flinders. - O explorador que tinha outrora feito os mapas da costa da Nova Gales do Sul estava a morrer. - Tem-se mantido vivo só para ver o seu livro impresso, e começo a duvidar de que consiga viver o suficiente para ver o primeiro exemplar.

- O livro sobre a viagem dele? - perguntou David. - Já o acabou?

Sara acenou.

- Dois volumes e um atlas. Chamou-lhe Uma Viagem à Austrália. Mas o Almirantado e a Sociedade Real insistiram em que devia chamar-se Uma Viagem à Terra Australis. Se alguma vez alguém mereceu a honra de baptizar o continente, esse alguém foi Flinders, mas até isso lhe querem tirar.

- Austrália ... - murmurou Elizabeth.

David levantou-se e dirigiu-se a passos largos para a janela.

- É a mesma burocracia estúpida que dá cabo de tudo na Nova Gales do Sul. O Departamento das Colónias está dez, quinze anos atrasado em relação ao colono mais progressista. A questão dos carneiros, por exemplo... Se ao menos dessem aos colonos as pastagens de que precisam... Estamos todos condenados a estagnar na orla do país até os carneiros e o gado nos comerem por não terem pastos.

Parecia que se tinham passado semanas sem que ele sequer mencionasse a colónia. Sara pôs-se a pensar se não seria esse o motivo do seu desinteresse. Teria ele começado a perder esperanças no futuro da colónia?

- As montanhas, David - disse ela. - Não podes ter esquecido as cartas que recebemos contando que Blaxland e Lawson, com o filho de D'Arcy Wentworth, tinham descoberto uma passagem.

- Tenho estado à espera de receber mais notícias - disse ele impacientemente. - E o que é que o Governo está a fazer? Nada. Charlie Wentworth diz que viram terras excelentes dos cumes das montanhas, e o Departamento das Colónias já ordenou que se fizesse uma estrada para que se comece a povoá-las? Nem pensar! Isso significaria que um sector da comunidade se afastaria do controle do Palácio do Governador, e eles nunca vão querer que isso aconteça.

O rapaz apercebeu-se do ar espantado de Sara.

- Não queria gritar, mãe. - Fez um gesto expressivo. - Acho melhor ir andar um

pouco para me livrar deste mau-humor. Já agora também podes vir, Elizabeth. Vai fazer-te bem.

Ela levantou-se, ansiosa. Sara viu o rosto dela resplandecer de felicidade.

A CARRUAGEM de Richard Barwell virou para a Golden Square. Para ele, a vida naquela altura era algo de gracioso e agradável; o seu bom-humor era ilimitado. Nascera para ser encantador e idolatrado, pensou Sara, sentada a seu lado, o tipo de homem por quem as mulheres se apaixonavam às centenas. Ela própria não conseguia perceber porque é que não se casava com ele. Richard não parava de a pressionar quase desde o dia em que ela chegara a Inglaterra. Há seis meses que Sara hesitava, e cada dia que passava sem que David mencionasse o regresso à colónia aproximava-a mais do sim.

Amara Richard toda a vida e ainda o amava, mas aprendera a analisar aquele amor. Já não era a força consumidora que fora para a jovem Sara, nem poderia voltar a causar-lhe a angústia que sofrera quando ele chegara à Nova Gales do Sul.

Richard inclinou-se na sua direcção.

- Sara, porque é que não casas comigo e pões termo a toda essa indecisão? Começo a ficar impaciente.

Ela abanou a cabeça.

- Ainda não. Tenho que dar mais tempo a David... a Duncan e a Elizabeth.

- Sara, eles já não são crianças. Liberta-os.

- Desculpa. Vou tentar tomar uma decisão em breve.

- Muito em breve, espero eu. Este lento cortejar é bastante agradável, mas, no fundo, nós temos andado a cortejar-nos quase a vida toda. Não será altura de acabarmos com isso, minha querida?

Sara despediu-se de Richard, sentindo-se como se tivesse conseguido fugir.

David assomou no topo das escadas quando ela ia a entrar no hali. Ele nunca tivera aquela expressão - um brilho de paixão e entusiasmo que fazia recordar Andrew.

- Estávamos à sua espera, mãe. - Ela subiu apressadamente as escadas.

Quando entrou na sala de estar, Duncan e Elizabeth aproximaram-se dela.

- Mr. Macarthur esteve cá, mãe.

Sara pousou a touca.

- Trouxe notícias da colónia?

Macarthur fazia visitas ocasionais a Golden Square, assim como Bligh, agora vice-almirante, embora os criados tivessem recebido ordens para nunca deixar entrar um deles se o outro lá estivesse. O tribunal militar não pudera julgar Macarthur a seguir à rebelião; ele só podia ser julgado na Nova Gales do Sul. Sabendo que Macquarie tinha instruções para o processar e que não havia hipótese nenhuma de escapar ao veredicto de culpa, ele permanecia exilado em Inglaterra, fazendo das tripas coração.

- Muitas notícias! - explodiu Duncan. - Macquarie mandou o Inspector Evans seguir o caminho de Lawson e dos outros para lá das montanhas. Ele desceu às planícies do outro lado e percorreu mais cento e cinquenta quilómetros para além do ponto onde eles tinham chegado. Os terrenos são melhores do que os melhores terrenos

do lado da costa. As terras férteis estendem-se a perder de vista.

David interrompeu-o:

- Pensem só nos rebanhos que vamos poder criar!

- Isso significa que queres voltar, David? - perguntou Sara.

- É claro. Quero ter as minhas próprias terras agora. Daqui a dez anos pode fazer-se uma fortuna com a lã.

- E as outras fazendas? - perguntou Sara baixinho.

Ele fez um gesto impaciente.

- Rendem bastante, mas pertencem ao modelo antigo, ao tempo em que a agricultura era tão importante como os carneiros. Para lá das montanhas, é o país dos carneiros.

Duncan bateu repentinamente com a mão na coxa.

- Faço uma aposta contigo, David. Dá-me esses dez anos e vou mostrar-te quem é o melhor criador de carneiros da colónia.

Sara deu uma gargalhada nervosa.

- Quem vos ouvir falar pode pensar que as fazendas do meu lado da montanha não passam de uns hectarzeros para plantar legumes.

David respondeu-lhe pacientemente:

- Não é isso, mãe. Mas esse empreendimento é seu. Não há nada de ingrato em querer-se algo nosso. Para lá das montanhas, existe um continente inteiro que pertencerá àqueles que lá forem conquistá-lo.

Ela acenou, lembrando-se daquela manhã límpida em que o Georgette se preparava para partir da Cidade do Cabo. Naquela altura, Andrew usara quase as mesmas palavras que David.

Ouviu Elizabeth intervir.

- Tenciono voltar com vocês.

David e Duncan responderam-lhe quase ao mesmo tempo:

- É claro que vens connosco!

A CASA de Lady Fulton estava repleta de pessoas bem-vestidas quando Richard pegou na mão de Sara e a conduziu a uma pequena sala de pequeno-almoço. Apontou-lhe uma senhorinha.

puxou um banco forrado para si e para ela se sentar.

- Então, e a história que dizes ter para me contar - começou ele.

- Conta lá!

Ele manteve-se silencioso enquanto ela se esforçava por descrever a cena passada naquela tarde na sala de estar na Golden Square. Depois, disse:

- E então vais voltar para a Nova Gales do Sul? - Quando ela acenou que sim, ele prosseguiu: - Estás a cometer um erro, Sara. Se eles querem construir os seus próprios mundos, é melhor fazerem-no sozinhos.

- Não tenciono segui-los nas suas visões radiosas para lá das montanhas. Há que chegue na zona da costa para me entreter. Mas percebi esta tarde que não posso permanecer mais tempo em Londres. Sinto-me abafada e sufocada aqui.

Richard deu-lhe umas palmadinhas na mão com ar bastante distraído.

- Vais achar que sou um pretendente covarde por não me pôr de joelhos a implorar-te que fiques. Mas para ser franco, minha querida, a verdade é que não sei se não me sinto um tanto aliviado com isto tudo. Ainda tens demasiada energia e personalidade para o tipo de homem em que me transformei. Quando for velho, serei um presunçoso chato. Suponho que Alison se adequava mais a mim do que eu pensava.

Os lábios de Sara rasgaram-se num SOrriSo.

- Richard, não era bem disto que eu estava à espera ... descobrir que ficas apenas ligeiramente desapontado.

Ele deu uma pequena gargalhada.

- Faz-te bem teres um revés. Sempre estiveste rodeada de homens que te adoravam, e não duvido de que mais virão no futuro. Mas não estaria a ser franco se dissesse que o facto de não te ter por perto para perturbar a minha vidinha agradável me vai despedaçar o coração.

Ela atirou a cabeça para trás e desatou a rir. Por momentos, Richard ficou a olhar espantado para ela e depois apercebeu-se do ridículo da situação em que se encontravam e desatou também a rir. Passados instantes, ele inclinou-se para a frente e beijou-lhe os lábios. Sara abraçou-o, e as suas gargalhadas foram abafadas pelo beijo.

GOLDEN SQUARE estava banhada pela luz da madrugada de Verão quando Sara regressou a casa. Abriu as cortinas do quarto e ficou a olhar lá para baixo, para a praça.

- Vou voltar - sussurrou ela. - Vou voltar.

Aquela terra cruel e austera conquistara David, Duncan e Elizabeth como a conquistara a ela. Parecia exigir uma lealdade estranha e constrangedora: era uma terra que ou se amava ou se odiava, mas ninguém permanecia indiferente. Pessoas como Richard odiavam-na - e ela mostrava-se dura para com essas pessoas. A Sara, que a amava, levava-lhe Andrew, Sebastian e, finalmente, Louis. Era imparcial, severa e adorável quando se aprendia onde encontrar a sua beleza.

Ela suspirou, afastou-se da janela e voltou-se. Via a sua imagem reflectida no espelho de pé, do outro lado do quarto. Inclinou um pouco a cabeça e começou a examinar o que via: o rosto, o penteado elaborado, o seu corpo esbelto por detrás do vestido de brocado, cortado no peito, que caía muito a direito.

-Sara... Sara Dane - disse ela baixinho à imagem reflectida. - Já é altura de começares a lembrar-te de que não tardarás a envelhecer.

- Depois, os cantos da boca arquearam-se num esboço de Sorriso. - Mas ainda te resta algum tempo.

2

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

ACERCA DA AUTORA

Nascida na Irlanda, Catherine Gaskin era ainda criança quando, em 1929, a sua família emigrou para a Austrália.

Era a mais nova de seis irmãos; cresceu num subúrbio de Sydney e escreveu o seu primeiro romance ainda na adolescência. Nessa altura, no entanto, o principal objectivo de Catherine Gaskin era ser pianista; estudou no

Conservatório de Sydney, mas apercebeu-se de que o seu talento para a música não estava à altura dos seus

sonhos. Regressou à máquina de escrever e, depois da publicação do segundo livro, mudou-se para Londres com a mãe e a irmã mais velha.

Durante uns tempos, a jovem escritora determinada fez face às despesas trabalhando numa biblioteca, a única actividade como assalariada que alguma vez exerceu. A autora descreve assim esse período:

- Ainda estava a aprender a profissão e mal conseguia ganhar a vida. Depois, passado algum tempo e com muita trepidação, lancei-me na pesquisa para um romance sobre a fundação da Austrália.

Levou dois anos e meio a escrever Sara Dane. O modelo para a sua corajosa heroína foi Mary Reibey, que de condenada passou a proeminente cidadã daquele novo país e se transformou numa lenda na Austrália. Gaskin terminou a obra no seu vigésimo quinto aniversário, e o livro foi um best-seller internacional.

A escritora é casada com Sol Cornberg, um americano que ela conheceu por acaso em Londres em 1955. Já viveram em Nova Iorque, na Irlanda e nas ilhas Virgens, mas hoje em dia vivem no meio da beleza tranquila da ilha de Man, ao largo da costa inglesa. Ao longo dos anos, as suas inúmeras viagens ofereceram a Catherine Gaskin excelentes cenários para os seus imensamente populares romances.

- O trabalho é cada vez mais difícil à medida que vou envelhecendo - diz a autora -, mas esforço-me muito para dar a ideia de que não faço esforço nenhum. Escrevo sobretudo para entreter, e julgo que é um motivo bastante respeitável!

Fim